

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE LETRAS**

RAFAELA JANICE BOEFF DE VARGAS

**A REFERENCIAÇÃO NA PRODUÇÃO DE NARRATIVAS ORAIS NO
ENVELHECIMENTO SADIO E NA DOENÇA DE ALZHEIMER E SUA
RELAÇÃO COM A ESCOLARIDADE E O TIPO DE ESTÍMULO**

Porto Alegre

2015

RAFAELA JANICE BOEFF DE VARGAS

**A REFERENCIAÇÃO NA PRODUÇÃO DE NARRATIVAS ORAIS NO
ENVELHECIMENTO SADIO E NA DOENÇA DE ALZHEIMER E SUA
RELAÇÃO COM A ESCOLARIDADE E O TIPO DE ESTÍMULO**

Tese apresentada como requisito parcial para
obtenção do título de Doutor em Letras, na área
de concentração de Linguística, pelo programa de
Pós-Graduação da Faculdade de Letras da
Pontifícia Universidade do Rio Grande do Sul.

ORIENTADORA: Prof^ª. Dra. Lilian Cristine Hübner

Porto Alegre

2015

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

V297r Vargas, Rafaela Janice Boeff de
A referenciação na produção de narrativas orais no
envelhecimento sadio e na Doença de Alzheimer e sua relação
com a escolaridade e o tipo de estímulo / Rafaela Janice Boeff de
Vargas. – Porto Alegre, 2015.
223 f.

Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras, PUCRS.
Orientação: Prof^ª. Dr^ª. Lilian Cristine Hübner.

1. Referenciação. 2. Narrativa. 3. Envelhecimento.
4. Doença de Alzheimer. 4. Escolaridade. I. Hübner, Lilian
Cristine. II. Título.

CDD 401.4

Ficha Catalográfica elaborada por Ramon Ely – CRB10/2165

*Dedico este trabalho àquela que, infelizmente,
muito me ensinou sobre Alzheimer:
minha querida avó Ida Irene Klein.*

“A mente humana funciona com histórias.

*As pessoas pensam, imaginam
e sonham no formato de narrativas.”*

Robert McKee (2014, p. 56)

AGRADECIMENTOS

À CAPES, por ter concedido bolsa de estudos para a realização deste trabalho.

Aos professores, funcionários e coordenação do Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS.

À professora Dra. Lilian Cristine Hübner, pela acolhida carinhosa já no tempo de Mestrado, pelos ensinamentos, pelas orientações, pela correção atenta deste trabalho e pela amizade.

Ao professor Dr. João Feliz, titular da Faculdade de Matemática da PUCRS, e à professora Dra. Susiele Machry da Silva, da UCPEL, pela estimada ajuda nas análises estatísticas.

Aos colegas do grupo GENP, Bruna, Anderson, Thais e Fernanda, pela intensa ajuda na coleta e transcrição de dados.

À querida amiga Gislaine, pela troca de experiências, estudos e dúvidas. Também pelas palavras de carinho e motivação.

Aos idosos participantes desta pesquisa.

Aos colegas da Fundação Liberato, da Faccat e da Unisinos, pelo adorável convívio, pela aprendizagem e pelo apoio nos momentos de ansiedade.

À Liane Muller, por ter-me aberto as portas do ensino superior. Serei eternamente grata.

À Adila Moura, ex-professora e agora coordenadora, que apostou em mim ao permitir que eu integrasse o quadro docente da instituição em que me formei.

Às queridas Alexandra e Carolina, pelo auxílio precioso na preparação das aulas. Mais uma vez à Carolina, por me auxiliar inúmeras vezes, quando tinha dúvidas em relação às anáforas.

À minha família, por sempre me apoiar e me incentivar na realização de meus sonhos. Em especial aos meus pais, que me ensinaram, através de seu exemplo, que é preciso trabalhar para alcançar aquilo que desejamos.

Mais uma vez à minha amada mãe, que me deu a vida duas vezes, e sem a qual eu jamais teria conseguido realizar qualquer coisa, quanto mais um doutorado.

Ao Everson, meu amado esposo, meu melhor amigo, meu companheiro de todas as horas e meu maior incentivador. Obrigada por todo amor, carinho, compreensão, paciência e palavras motivadoras durante esses dias tão difíceis e corridos.

A Deus, por permitir que eu realizasse este sonho.

RESUMO

Este estudo busca investigar a referenciação em narrativas orais em idosos saudáveis de diferentes níveis de escolaridade, bem como na Doença de Alzheimer (DA), considerando a influência do tipo de tarefa. Para tanto, foi analisado o uso das referências em duas distintas modalidades de narrativa – relato livre de notícia (RN) e narrativa a partir de apoio visual de sequência de figuras (NF) – produzidas por 20 idosos sadios de alta escolaridade, 19 de baixa escolaridade e quatro diagnosticados com DA em nível leve a moderado. O estudo da referenciação baseou-se nos conceitos da Linguística Textual, propostos por Koch (2013, 2012, 2011, 2009, 2005) e Marcuschi (2014, 2008, 2005), e a metodologia de análise foi adaptada a partir da proposta de Roncarati (2010). Após a transcrição das narrativas produzidas pelos participantes, analisou-se o número e o tipo de referências presentes nos textos (numa análise quantitativa), bem como a adequação dessas referências (numa análise qualitativa). Os dados foram cruzados intra e intergrupos. Os resultados encontrados mostram que o RN tende a ser um texto mais conciso, com menor progressão referencial e temática do que a NF. Esta, por sua vez, proporciona o maior uso de dêiticos demonstrativos. Quanto à escolaridade, idosos com maior nível de ensino formal apresentaram narrativas coerentes e sem problemas referenciais, demonstrando preservada habilidade discursiva. Idosos sadios com baixa escolaridade, embora tenham demonstrado habilidades preservadas, apresentaram desempenho inferior ao de idosos de alta escolaridade no que se refere ao emprego de expressões nominais ambíguas ou sem referente, expressões com sentido vago e dêiticos espaciais (nas RN) e textos com menor progressão referencial e temática, além de maior usos palavras com sentido vago (nas NF). Por fim, os participantes com DA apresentaram desempenho inferior ao de idosos sadios em ambas as narrativas: no RN, eles demonstraram dificuldades em relatar um fato recente e organizá-lo num contexto narrativo e nas NF apresentam a tendência a produzirem descrição isolada das cenas, demonstrando sua inabilidade em reconhecer a estrutura narrativa apresentada nas imagens. Além disso, a habilidade em usar adequadamente dêiticos espaciais parece estar prejudicada na doença. Apenas um participante com DA apresentou desempenho semelhante ao do grupo controle de baixa escolaridade na NF. Os achados deste estudo, portanto, evidenciam o importante papel da escolaridade na preservação de habilidades discursivas no envelhecimento sadio, bem como apresentou evidências sobre as características da referenciação na DA.

Palavras-chave: Referenciação. Narrativa. Envelhecimento. Doença de Alzheimer. Escolaridade.

ABSTRACT

The present study investigates referential processes in oral narratives among healthy elderly people of different educational backgrounds, and also in Alzheimer's Disease (DA), considering the influence of the type of task. This was accomplished by analyzing the use of references in two distinct narratives modality – news free report (RN) and narratives using a visual support of a sequence of images (NF) – produced by healthy elderly people, being 20 with high education and 19 with lower education, and four diagnosed with DA in mild to moderate level. The study of referencing is based on the concepts of Linguistics Textual, proposed by Koch (2013, 2012, 2011, 2009, 2005) and Marcuschi (2014, 2008, 2005), and analysis methodology was adapted from the proposed Roncarati (2010). After transcribing the narratives produced by the participants, analyzed the number and type of references present in texts (a quantitative analysis) as well as the appropriateness of those references (a qualitative analysis). Data were intra and inter crossed. The results found show that the RN type is more likely to be a more concise, with lesser theme and referential progression text than the NF type. The NF type, in turn, allows a greater use of demonstrative deictics. Concerning education, elderly people with a higher formal education presented coherent narratives with no referential problems, showing a well-preserved discursive ability. Healthy elderly people with lower education, although they showed well-preserved abilities, demonstrated inferior performance compared to the ones with higher education regarding the use of nominal expressions that are ambiguous or that have no referent, expressions with vague meaning and spatial deictics (in the RN types) and texts with lesser referential and theme progression, besides a greater use of words with vague meaning (in the NF types). Finally, the participants with DA presented an inferior performance compared to healthy elderly people in both types of narratives: in the RN ones, they struggled to report a recent fact and organize it in a narrative context and in the NF ones they were more likely to produce isolated descriptions of the scenes, showing their lack of ability in recognizing the narrative structure presented in the images. Moreover, the ability to properly use spatial deictic seems to be impaired in the disease. Only one participant with DA, presented a similar performance to the control group to the lower education in NF type. The findings of this study, therefore, show the important role of formal education in the preservation of discursive abilities for healthy aging, as well as presented evidences about the characteristics of referential processes in DA.

Keywords: Referential process. Narrative. Aging. Alzheimer's Disease. Formal Education.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES – QUADROS

Quadro 1 – Quadro-resumo de proposta de classificação das referências	42
Quadro 2 – Quadro-resumo de estudos sobre a influência da escolaridade na produção do discurso	63
Quadro 3 – Quadro-resumo de estudos sobre características da produção do discurso na DA	74
Quadro 4 – Quadro-resumo de estudos sobre a produção do discurso narrativo por idosos diagnosticados com DA e o tipo de estímulo	87
Quadro 5 – Quadro-resumo dos resultados da comparação entre o processo de referenciação no relato de notícia e na narrativa com apoio visual de sequência de figuras produzidos pelo GAE	117
Quadro 6 – Quadro-resumo dos resultados da comparação entre o processo de referenciação no relato de notícia e na narrativa com apoio visual de sequência de figuras produzidos pelo GBE	127
Quadro 7 – Quadro-resumo dos resultados da comparação entre o processo de referenciação nos relatos de notícia produzidos por GAE e GBE	138
Quadro 8 – Quadro-resumo dos resultados da comparação entre o processo de referenciação nas narrativas com apoio visual de sequência de figuras produzidas por GAE e GBE	148
Quadro 9 – Quadro-resumo sobre os dados do desempenho dos participantes/casos diagnosticados com DA no relato de notícia e na narrativa com apoio visual de figuras	160
Quadro 10 – Quadro-resumo dos resultados da comparação entre o processo de referenciação nos relatos de notícia produzidos por DA1, DA2 e GBE	176

Quadro 11 – Quadro-resumo dos resultados da comparação entre o processo de referenciação nas narrativas com apoio visual de sequência de figuras produzidas por DA1, DA2, DA3, DA4 e GBE	187
------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----

LISTA DE ILUSTRAÇÕES – GRÁFICOS

Gráfico 1 – Comparação entre o processo de referenciação de GAE no relato de notícia e na narrativa com apoio visual de sequência de figuras	108
Gráfico 2 – Comparação entre o processo de referenciação de GBE no relato de notícia e na narrativa com apoio visual de sequência de figuras	119
Gráfico 3 – Emprego de dêiticos pelo GBE no relato de notícia e na narrativa com apoio visual de sequência de figuras	126
Gráfico 4 – Comparação entre o desempenho no processo de referenciação de GAE GBE no relato de notícia	131
Gráfico 5 – Emprego de dêiticos por GAE e GBE no relato de notícia	137
Gráfico 6 – Comparação entre o desempenho no processo de referenciação de GAE e GBE na narrativa com apoio visual de sequência de figuras	142
Gráfico 7 – Comparação entre o processo de referenciação de DA1 no relato de notícia e na narrativa com apoio visual de sequência de figuras	153
Gráfico 8 – Comparação entre o processo de referenciação de DA2 no relato de notícia e na narrativa com apoio visual de sequência de figuras	155
Gráfico 9 – Processo de referenciação de DA3 na narrativa com apoio visual de sequência de figuras	158
Gráfico 10 – Processo de referenciação de DA4 na narrativa com apoio visual de sequência de figuras	159
Gráfico 11 – Comparação entre o desempenho no processo de referenciação de GBE, DA1 e DA2 no relato de notícia	170
Gráfico 12 – Comparação entre o desempenho no processo de referenciação de GBE, DA1, DA2, DA3 e DA4 na narrativa com apoio visual de sequência de figuras	180

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Ponto de corte para a bateria Addenbrook	95
Tabela 2 - Nível de severidade da DA nos participantes clínicos	103
Tabela 3 – Características dos participantes	105
Tabela 4 – Desempenho do GAE no processo de referência na comparação entre os tipos de narrativas	107
Tabela 5 – Desempenho do GBE no processo de referência na comparação entre os tipos de narrativas	119
Tabela 6 – Comparação do desempenho no processo de referência no relato de notícia entre os grupos GAE e GBE	131
Tabela 7 – Comparação do desempenho no processo de referência na narrativa com apoio visual de sequência de figuras entre os grupos GAE e GBE	141
Tabela 8 – Comparação do desempenho no processo de referência no relato de notícia entre GBE, DA1, DA2, DA3 e DA4	169
Tabela 9 – Comparação do desempenho no processo de referência na narrativa a partir de apoio visual de sequência de figuras entre GBE, DA1, DA2, DA3 e DA4	179

LISTA DE ABREVIATURAS

AD – Anáfora direta

AI – Anáfora indireta

CCL – Comprometimento Cognitivo Leve

CEP – Comitê de Ética em Pesquisa

DA – Doença de Alzheimer

DA1 – Participante 1 diagnosticado com Doença de Alzheimer (DA)

DA2 – Participante 2 diagnosticado com DA

DA3 – Participante 3 diagnosticado com DA

DA4 – Participante 4 diagnosticado com DA

GAE – Grupo de idosos sadios de alta escolaridade

GBE – Grupo de idosos sadios de baixa escolaridade

GDA – Grupo de idosos diagnosticados com DA

PENCE – Programa de Envelhecimento Cerebral

SNC – Sistema Nervoso Central

RELAÇÃO DE APÊNDICES E ANEXOS

APÊNDICE A – Termo de Compromisso Livre e Esclarecido	219
APÊNDICE B – Questionário sobre os hábitos de leitura e escrita	221
APÊNDICE C – Questionário socioeconômico	222
APÊNDICE D – Questionário sobre uso de medicamentos	223
ANEXO A – The dog story	224

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	19
1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	24
1.1 A COESÃO: UM OLHAR SOBRE A REFERENCIAÇÃO NAS NARRATIVAS ..	24
1.1.1 O processo de referenciação	29
1.1.2 A relação entre referenciação e a sequência textual: uma ênfase na narrativa	44
1.2 A PRODUÇÃO DO DISCURSO NO ENVELHECIMENTO: UM OLHAR SOBRE O PAPEL DA ESCOLARIDADE NA REFERENCIAÇÃO EM NARRATIVAS	49
1.2.1 A referenciação em narrativas produzidas por idosos e o papel da escolaridade	54
1.3 A DOENÇA DE ALZHEIMER: UM OLHAR SOBRE O PROCESSO DE REFERENCIAÇÃO E O TIPO DE ESTÍMULO	64
1.3.1 Características da produção do discurso e da referenciação na Doença de Alzheimer	70
1.3.2 Características do discurso e da referenciação na Doença de Alzheimer e sua relação com o tipo de estímulo	75
2 DEFINIÇÃO DA PESQUISA	90
2.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA	90
2.2 OBJETIVO GERAL	91
2.3 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	91
2.4 HIPÓTESES	92
2.5 MÉTODO	93

2.5.1 Participantes	94
2.5.2 Instrumentos e procedimentos para coleta de dados	97
2.5.3 Procedimentos para análise dos dados	99
3 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	102
3.1 CARACTERIZAÇÃO DAS AMOSTRAS	102
3.2 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS DA REFERENCIAÇÃO EM NARRATIVAS ORAIS PRODUZIDAS POR IDOSOS SADIOS RELACIONADOS COM O TIPO DE TAREFA	106
3.2.1 Dados do desempenho de idosos sadios com alta escolaridade na referenciação comparando-se o relato livre de notícia e a narrativa com apoio de sequência de figuras	107
3.2.2 Dados do desempenho de idosos sadios com baixa escolaridade na referenciação comparando-se o relato livre de notícia e a narrativa com apoio de sequência de figuras	118
3.2.3 Discussão da hipótese 1	128
3.3 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS DA REFERENCIAÇÃO EM NARRATIVAS ORAIS PRODUZIDAS POR IDOSOS SADIOS E O IMPACTO DA ESCOLARIDADE	130
3.3.1 Dados da referenciação na produção livre de relato de notícia comparando-se o desempenho de idosos sadios de alta escolaridade e de baixa escolaridade	130
3.3.2 Dados da referenciação na produção de narrativa com apoio de sequência de figuras comparando-se o desempenho de idosos sadios de alta escolaridade e de baixa escolaridade	141
3.3.3 Discussão da hipótese 2	149
3.4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS DA REFERENCIAÇÃO EM	

NARRATIVAS ORAIS NA DOENÇA DE ALZHEIMER RELACIONADOS COM O TIPO DE TAREFA	152
3.4.1 Discussão da hipótese 3.....	165
3.5 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS DA REFERENCIAÇÃO EM NARRATIVAS ORAIS NA DOENÇA DE ALZHEIMER RELACIONADOS AO GRUPO CONTROLE	168
3.5.1 Dados do desempenho de idosos saudáveis com baixa escolaridade e idosos diagnosticados com DA na referenciação na produção livre de relato de notícia ..	168
3.5.2 Dados do desempenho de idosos saudáveis com baixa escolaridade e idosos diagnosticados com DA na referenciação na produção de narrativa com apoio de sequência de figuras	179
3.5.3 Discussão da hipótese 4.....	189
3.6 DISCUSSÃO GERAL	193
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	202
REFERÊNCIAS.....	206
APÊNDICES E ANEXOS	219

INTRODUÇÃO

Estamos vivenciando uma época de progressivo aumento da faixa populacional idosa tanto no Brasil como no mundo todo. Dados da Organização Mundial da Saúde indicam que em 2025 existirão 1,2 bilhões de pessoas com mais de 60 anos no mundo. O Brasil, conforme a ONU, é o oitavo país que mais contribui para o envelhecimento da população mundial. Estima-se que em 2050, quando a expectativa de vida alcançará o patamar de 81,2 anos, haverá 52 milhões de brasileiros idosos, dos quais mais de 2,2 milhões terão mais de 100 anos (IBGE¹).

Esses números tornam-se ainda mais expressivos quando se pensa na relação direta entre o aumento da idade e a Doença de Alzheimer (doravante DA). Só no Brasil, cerca 1,2 milhões de pessoas são acometidas pela DA (SOARES; SOARES; CAIXETA, 2012). Esses dados são alarmantes, pois sugerem uma epidemia e fazem com que pesquisadores de todo o mundo busquem respostas sobre a causa dessa doença, seus sintomas e sua cura.

É unanimidade na literatura que o diagnóstico precoce da DA possibilita um tratamento farmacológico também precoce, o qual permitirá o retardamento dos sintomas da doença e a promoção da qualidade de vida. No entanto, o diagnóstico da DA, especialmente em fases iniciais, quando muitas vezes os sintomas não são percebidos pelo paciente ou por seus familiares, é difícil e fundamentalmente alicerçado em dados clínicos, coletados em entrevistas, exames físicos, laboratoriais e de imagem, além da avaliação neuropsicológica.

Tendo em vista essa dificuldade, faz-se necessária uma abordagem

¹ Dados disponíveis no site <<http://www.ibge.gov.br/home/>> Acesso em 26 jul. 2013.

multidisciplinar para a realização mais precisa de tal diagnóstico. Nesse sentido, a Linguística pode contribuir, avaliando possíveis dificuldades de linguagem, na tentativa de fornecer indícios de alterações da linguagem que possam auxiliar no diagnóstico precoce de DA.

Na fase inicial da DA, embora os indivíduos, principalmente aqueles com bom nível intelectual, possam se adaptar a determinadas limitações, já se percebem alterações. Destaca-se um declínio na memória, somado à desorientação espacial, a alterações na percepção temporal, alterações de comportamento, além de comprometimento na linguagem, tais como dificuldade de nomear/encontrar palavras e fala mais simplificada, característica do chamado discurso vazio, com pouca informatividade e mais vago. A análise das características da produção do discurso pode trazer indícios sobre o grau de severidade da DA, sendo que várias investigações, em nível internacional e nacional, acerca das características da produção do discurso de indivíduos com a doença já foram realizadas.

Em relação à produção do discurso, um dos aspectos que o caracteriza como eficiente é a coesão textual e, dentro desta, a referenciação. No entanto, poucos são os estudos realizados até o momento sobre a referenciação no discurso de idosos diagnosticados com DA (MARCH; WALES; PATTISON, 2009, 2006; SKA; DUONG, 2005; ALMOR *et al.*, 1999; MORTENSEN, 1992 e, no Brasil, LIRA 2014; SOARES; BRANDÃO; LACERDA, 2012; SAMARA, 2005). Destacamos, entretanto, que esses estudos sobre a produção da linguagem na DA diferenciam-se do aqui proposto pelo fato de alguns deles analisarem o processo de referenciação a partir de discurso autobiográfico, discurso procedural ou narrativa suscitada por figura única. Além disso, segundo nosso levantamento, dos que utilizam sequência de figuras na produção de narrativas, como neste estudo, nenhum analisa a influência da

escolaridade no processo de referenciação, um dos fatores considerado de risco para o desenvolvimento da DA. Analisaremos, portanto, não só a referenciação na produção de narrativas por idosos com DA, mas também a relação entre o nível de escolaridade e a referenciação na produção do discurso oral no envelhecimento sadio.

Destacamos ainda que a extensa maioria dos estudos revisados sobre a produção do discurso, seja de idosos sadios de alta e baixa escolaridade, seja de idosos diagnosticados com DA, tem apresentado uma análise quantitativa sobre o processo de referenciação. Neste estudo, além da análise quantitativa, será desenvolvida uma análise qualitativa sobre o uso das referências dentro das narrativas produzidas, tendo em vista que essa modalidade de análise pode apontar dados mais descritivos e aprofundados sobre a qualidade do discurso.

Percebe-se ainda que distintos gêneros discursivos apresentam também distintas estratégias de referenciação. No entanto, a grande maioria dos estudos dessa área realizados até o momento solicitam como tarefa discursiva uma narração a partir de imagem única e de sequência de imagem, ou uma narrativa autobiográfica ou ainda procedural, que é aquela que solicita ao indivíduo relatar os procedimentos para execução de uma dada tarefa, como preparar um bolo, por exemplo. Buscamos, então, uma alternativa na produção de narrativa livre a partir do relato de uma notícia jornalística, uma vez que nenhum estudo sobre a produção desse gênero textual foi encontrado. Como o indivíduo com DA tem como característica um déficit em se localizar no tempo e no espaço, a produção desse tipo de narrativa parece ter um bom potencial para fornecer dados sobre suas peculiaridades.

Sendo assim, a presente pesquisa, inserida na área multidisciplinar da Psicolinguística em interface com a Linguística Textual, pretende analisar as especificidades da referenciação na produção de narrativa de idosos diagnosticados

com DA na comparação com idosos saudáveis com baixa escolaridade, bem como entre idosos saudáveis de alta e de baixa escolaridade. Mais especificamente, buscamos investigar a influência do tipo de tarefa, além do impacto da escolaridade e da DA no processo de referenciação em narrativas orais. Para tanto, solicitamos aos participantes que narrassem uma notícia da qual tivessem tomado conhecimento nos últimos dias e narrassem a história apresentada em sequência de imagens. Os dados foram cruzados intra e intergrupos, comparando-se o desempenho de um mesmo grupo no relato da notícia e na narrativa com apoio visual de sequência de imagens, bem como o desempenho de idosos com DA ao de idosos saudáveis de baixa escolaridade, e o desempenho de idosos de alta ao de idosos de baixa escolaridade em cada uma das modalidades narrativas.

O estudo encontra-se estruturado em três capítulos. O primeiro capítulo traz a revisão de literatura que fundamenta esta pesquisa. Na primeira seção são abordados conceitos sobre o processo de referenciação. Apresentamos, então, a relação entre o processo de referenciação e a estrutura narrativa, com base nos conceitos postulados por Adam (2011, 1987). Na seção seguinte, apresentamos uma revisão de estudos sobre o papel da escolaridade na produção da linguagem. Na sequência, apresentamos os aspectos fundamentais da DA, seus sintomas, fatores de risco e diagnóstico, seguidos das características linguísticas na doença, a partir de uma revisão da literatura de pesquisas realizadas sobre a produção do discurso, enfatizando o processo de referenciação em idosos com DA.

O segundo capítulo trata da pesquisa desenvolvida, incluindo o processo de recrutamento e seleção dos participantes, os procedimentos de coleta e análise de dados sobre a produção discursiva. Finalmente, no capítulo três são apresentados e discutidos os resultados encontrados. Para concluir, apresentamos as considerações

finais, as referências, os apêndices e os anexos.

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Este capítulo está dividido em três partes, nas quais apresentamos a revisão de literatura que fundamenta este estudo. Inicialmente trazemos os conceitos básicos sobre referenciação, postulados pela Linguística Textual, sua relação com a tipologia textual, em especial a estrutura narrativa. No segundo momento, apresentamos alguns conceitos sobre a produção da linguagem e sua relação com a escolaridade no envelhecimento, em especial, no processo de referenciação na produção de narrativas. Finalmente, trazemos a definição e as características gerais da Doença de Alzheimer, bem como características da linguagem na doença, em especial da referenciação na produção do discurso e a relação com o tipo de estímulos.

1.1 A COESÃO: UM OLHAR PARA A REFERENCIAÇÃO NAS NARRATIVAS

Toda prática discursiva constitui-se por fatores linguísticos, cognitivos e sociais. O discurso, portanto, refere-se a um evento empírico imediato ao contexto particular e único e manifesta-se linguisticamente por meio de textos. Trata-se, pois, de uma atividade comunicativa de um falante numa situação de comunicação, a qual engloba o conjunto de enunciados produzidos pelo locutor (ou por este e seu interlocutor, no caso do diálogo) e o evento de enunciação (FÁVERO; KOCH, 2005).

Para Marcuschi (1999), é o texto o lugar característico da interação dos seres humanos com o mundo, não importando sua extensão, nem mesmo se é falado ou escrito, mas sim o fato de que põe em andamento um espaço cognitivo. Também na visão de Koch e Elias (2012), texto é uma unidade linguística concreta, em que o indivíduo faz uso da língua em uma situação de interação comunicativa. “O texto

passa a ser considerado o próprio lugar da interação e os interlocutores como sujeitos ativos que nele se constituem e são constituídos” (KOCH, 2011, p. 17). A partir desse ponto de vista, no texto há lugar para todo tipo de implícitos, detectáveis somente por meio do contexto sociocognitivo dos participantes da interação. O texto é, pois, o lugar de interação entre sujeitos sociais, empenhados em uma situação comunicativa (KOCH, 2011).

Sendo assim, neste estudo, optamos pela não distinção entre os termos discurso e texto, embora saibamos que distintas teorias linguísticas o façam. Ao tomarmos tal posicionamento, partilhamos da visão de Koch (2009), para quem a produção da linguagem representa uma atividade interativa complexa de produção de sentidos, que se realiza não só através de elementos linguísticos presentes na superfície textual e na sua organização, mas também pela mobilização de um vasto conjunto de saberes dos próprios sujeitos no momento da interação. Ademais, segundo Fiorin (2012, p. 145), para “muitos estudiosos da linguagem, principalmente os que se ocupam da chamada Linguística Textual, texto e discurso são sinônimos”. Também Marcuschi (2008, p. 81) afirma que “não é interessante distinguir nitidamente entre texto e discurso, pois a tendência atual é ver um contínuo entre ambos com uma espécie de condicionamento mútuo”. Essa escolha pela não distinção entre os termos se deve ainda pelo fato de a Linguística Textual, área de estudo aqui abordada, utilizar o termo *texto*, e a Psicolinguística e a Psicologia Cognitiva, com as quais esta pesquisa tem interface, utilizarem o termo *discurso*, ambos para designar a produção da linguagem.

Consideramos que um texto não é apenas um conjunto de sentenças, mas sim uma sequência ordenada, condicionada a partir de combinações possíveis, desde que seja significativa. Além dessa ordem proposicional, condicionada por regras de

significação, o seu conteúdo, isto é, seus significados conceituais e referenciais, também obedecem a certos princípios e regras.

Para Van Dijk (2011), o discurso deve respeitar certos condicionamentos, ou seja, um número de princípios comunicativos mais gerais, tais como, ser informativo, relevante em relação ao seu tópico ou ao seu contexto, ser breve e ser claro. Em cada ponto do discurso, deve haver uma nova informação, a qual deve estar apropriadamente ligada à anterior, podendo ser textual (apresentada anteriormente no próprio discurso) ou contextual (derivada do conhecimento do ouvinte sobre o contexto comunicativo e sobre o mundo em geral)².

Para que o discurso seja aceitável, a sequência de proposições que o compõe deve satisfazer as condições de coerência, ou seja, deve denotar uma sequência de fatos relatados, tais como causa e efeito, de modo que uma proposição tenha relação com as anteriores e, conseqüentemente, com a posterior. As expressões da estrutura de superfície, por sua vez, também são responsáveis por indicar essa coerência.

O discurso será considerado coerente, portanto, quando seu interlocutor conseguir encontrar sentido no que o seu locutor está falando e será incoerente quando o interlocutor “não conseguir descobrir qualquer continuidade de sentido, seja pela discrepância entre os conhecimentos ativados, seja pela inadequação entre esses conhecimentos e o seu universo cognitivo” (KOCH; TRAVAGLIA, 2005, p. 32).

² Nesse ponto, convém salientar a diferença entre cotexto e contexto. O cotexto diz respeito ao contexto linguístico, ou seja, o ambiente ou o entorno verbal. Contexto, por outro lado, é descrito como contexto sociocognitivo, o qual abrange não só o cotexto, como a situação de interação imediata (participantes, local, tempo de interação, objetivo da comunicação e meio de propagação), a situação mediata (entorno sócio-histórico-cultural), além do contexto sociocognitivo dos interlocutores, o qual engloba todos os tipos de conhecimentos armazenados na memória dos interlocutores (KOCK; ELIAS, 2010, 2012).

Para que a coerência local seja estabelecida no discurso, o usuário da língua deve procurar, de modo eficiente, as possíveis ligações entre os fatos denotados pelas proposições. Frequentemente, fatos relacionados apresentam referentes idênticos, sejam objetos individuais ou pessoas. Desse modo, uma possível estratégia é procurar, em uma proposição, por itens que correferem a um dos argumentos da proposição anterior (VAN DIJK, 2011). Nas palavras do autor,

[...] os usuários da língua estabelecem a coerência o mais rápido possível, sem esperar pelo resto da oração ou sentença. Através da correferência, por exemplo, tentam relacionar primeiramente frases nominais e, conseqüentemente, conceitos subjacentes (proposições atômicas), com conceitos pertinentes da proposição anterior, de acordo com as informações da estrutura funcional desta proposição anterior, a estrutura tópicocomentário nas cláusulas subseqüentes, ou, ainda, o papel previamente suposto do conceito na oração que está sendo processada (VAN DIJK, 2011, p. 29).

Kintsch e Van Dijk (1978) afirmam que um dos critérios linguísticos que conferem coerência semântica a um texto é a coerência referencial, a qual solicita a presença de um argumento sobreposto entre proposições. Para os autores, a coerência referencial é provavelmente o mais importante critério individual de coerência, o qual pode ser checado facilmente e de forma confiável.

Vale ressaltar que os autores denominam coerência referencial o mesmo processo que a Linguística Textual chama de coesão referencial. Nesse sentido, Koch (2013) salienta que a distinção entre coerência e coesão não pode ser estabelecida de maneira radical, pois nem sempre a coesão se dá entre os elementos presentes no texto, devendo-se realizar um cálculo de sentido e, então, já estamos nos domínios da coerência, além de que os movimentos de retrospectção e prospecção, responsáveis pela estruturação do texto e realizados através de recursos coesivos, são

determinantes para o estabelecimento de sentido, ou seja, a construção da coerência.

Para Koch (2012a), a coerência se relaciona com a coesão, pois esta se refere à relação existente entre os elementos da superfície textual. A autora afirma ainda que a coesão é sintática, gramatical e semântica, tendo em vista que os mecanismos coesivos, muitas vezes, se baseiam em relações semânticas, tal como ocorre na coesão referencial.

Coesão é a propriedade de criar e sinalizar toda espécie de ligação, dando ao texto unidade de sentido ou unidade temática. Um texto coeso é aquele que tem suas partes ligadas, unidas entre si, de modo que tudo esteja em relação (ANTUNES, 2005). Koch e Travaglia (2005, p. 11) definem coesão como “a ligação entre os elementos superficiais do texto, o modo como eles se relacionam, o modo como frases ou parte delas se combinam para assegurar um desenvolvimento proporcional”. Para os autores, trata-se de um processo revelado através de marcas linguísticas, isto é, índices formais manifestados na organização sequencial do texto. É o modo como as relações de sentido são estabelecidas entre os enunciados que compõe o texto, o que, por sua vez, faz com que a interpretação de um elemento dependa de outro ou outros (FÁVERO; KOCH, 2005).

Koch (2012b) propõe a existência de duas grandes modalidades de coesão: a referencial, baseada em aspectos ligados à significação ou à referência, e a sequencial, fundada na organização sequencial do texto. Como recorte teórico, este estudo detém-se apenas na coesão referencial, ou referenciação, como propõe a autora. Passemos, então, ao estudo da referenciação, tendo como base os conceitos da Linguística Textual, bem representada no Brasil por Ingedore Koch e Luis Antônio Marcuschi, dentre outros pesquisadores.

1.1.1 O processo de referenciação

Um dos componentes capazes de conferir coerência em nível microestrutural é a referenciação, processo por meio do qual, segundo Koch (2012b), um componente da superfície do texto faz remissão a outro elemento textual, sendo o primeiro denominado de referencial ou remissiva e o segundo, referência ou referente.

A autora propõe que se use o termo referenciação no lugar de referência, porque a primeira trata de um processo linguístico, cognitivo e contextual, enquanto a segunda limita-se à relação direta entre o material linguístico e o mundo extralinguístico (KOCH, 2005).

Para Koch (2013), a preferência pelo uso do termo referenciação deve-se ao fato de que não existe língua fora dos sujeitos sociais que a falam, bem como fora de eventos discursivos em que eles intervêm e mobilizam suas percepções, sejam linguísticas ou modelos de mundo. A autora defende a ideia de que uma expressão anafórica, por exemplo, não consiste em localizar um elemento linguístico ou um elemento do mundo, mas sim estabelecer uma relação com alguma informação da memória discursiva, de modo que a língua não se esgota no código.

A referenciação consiste, pois, na construção e na reconstrução de objetos de discurso, os quais não se confundem com a realidade extralinguística, ao contrário, são entidades construídas nas e pelas formulações discursivas dos participantes (KOCH, 2005). Em suas palavras, é

no e pelo discurso que são postos, delimitados, desenvolvidos e transformados em objetos de discurso que não preexistem a ele e que não têm estrutura fixa, mas que, pelo contrário, emergem e se elaboram progressivamente na dinâmica discursiva (KOCH, 2005, p. 34).

Para a autora, durante a interação verbal, o sujeito opera sobre o material linguístico que tem a sua disposição, realizando escolhas significativas para representar estados de coisas.

Koch e Elias (2010) salientam que a produção do discurso pressupõe constante referência a algo, alguém, fatos, eventos, sentimentos, além da constante manutenção do foco nos referentes introduzidos por meio da operação de retomada, bem como a desfocalização de referentes, isto é, um processo de “deixá-los em *stand by*”, para que outros referentes sejam introduzidos no discurso. As autoras classificam esses processos como estratégias que permitem a construção de objetos de discurso e a sua manutenção ou desfocalização na pluralidade do texto. E é esse processo de introdução de novas entidades ou referentes que Koch e Elias (2010) denominam de *referenciação*³.

Referenciação é, portanto, o processo pelo qual as referências, isto é, itens linguísticos, em vez de serem interpretados semanticamente pelo seu sentido próprio, relacionam-se a outros elementos necessários à sua interpretação (FÁVERO; KOCH, 2005, p. 39-40).

Como estratégias de referenciação apresentam-se os seguintes elementos, (KOCH; ELIAS, 2012; KOCH, 2011):

a) Introdução ou construção ou ativação: quando se introduz um objeto até então não mencionado, pondo em foco a expressão linguística que o representa. Nessas situações, a expressão linguística que representa tal objeto é colocada em

³ Neste estudo optamos, assim como Koch (2005, 2013), por utilizar o termo *referenciação*, uma vez que consideramos o texto como uma unidade linguística concreta, tomado pelo usuário da língua, em uma situação de interação comunicativa (KOCH; TRAVAGLIA, 2005). E, embora neste estudo os participantes produziram seu texto sem que haja um diálogo com o pesquisador, trata-se da exploração de uma situação comunicativa, preenchida de sentido.

foco na memória de trabalho.

b) Retomada ou manutenção ou reativação: quando um objeto já mencionado no texto é reativado por meio de uma forma referencial, de modo que o objeto de discurso permaneça em foco. Em outras palavras, o objeto de discurso já presente na memória discursiva é reativado na memória de trabalho.

c) Desfocalização ou de-ativação: quando se introduz um novo objeto de discurso, de modo que esse passa a ocupar a posição focal. No entanto, o objeto tirado de foco permanece em estado de ativação parcial (*stand by*) na memória dos interlocutores, isto é, continua disponível para utilização quando necessário.

Fávero e Koch (2005) classificam as referências em situacionais (extratextual) ou textuais. As primeiras referem-se às dêixis, expressões referenciais que necessitam do contexto para que sejam interpretadas. Já as textuais podem ser classificadas em anafóricas ou catafóricas. As referências anafóricas estabelecem relação coesiva de referência cuja interpretação de um item depende da relação que ele estabelece com algo que o precede no texto ou até mesmo de todo um enunciado. Por outro lado, as referências catafóricas dependem de algo que segue no texto, algo que está por vir. Fávero e Koch (2005) salientam que tanto as referências anafóricas quanto as catafóricas, se empregadas inadequadamente, podem gerar ambiguidade ao texto, comprometendo seu entendimento.

Além disso, para que um texto tenha continuidade, é importante que ele continuamente se remeta a referentes já apresentados e introduzidos na memória do interlocutor, bem como acrescente informações novas que, por sua vez, passarão a constituir suporte para outras informações (KOCH; ELIAS, 2010). A retomada, conforme as autoras, é a operação responsável pela manutenção do foco nos objetos de discurso previamente introduzidos, originando, assim, as cadeias referenciais ou

coesivas, responsáveis pela progressão referencial do texto. Fontel (2004) afirma que o processo de retomada constrói o referente de acordo como a cognição do falante apreende e agrupa esse referente, ou seja, trata-se do processo cognitivo que mostra como os seres humanos agrupam os referentes em categorias.

Segundo Koch e Elias (2012, 2010), o processo de referenciação pode ocorrer por meio de anáfora nominal e pronominal, de forma direta ou indireta, e através de dêixis, como veremos na sequência.

A remissão textual, em especial quando realizada por meio de descrições ou formas nominais, refere-se a uma atividade de linguagem através da qual se (re)constroem objetos de discurso. Segundo Koch (2005), essas referenciações são formas de orientações argumentativas presentes no enunciado do locutor.

As remissões por meio de expressões nominais, além de efetuarem a progressão referencial do texto, desempenham ainda uma série de funções importantes para sua construção de sentido. As expressões nominais referenciais possibilitam a (re)ativação de elementos textuais, apresentados anteriormente ou sugeridos pelo cotexto, na memória do interlocutor (KOCH; ELIAS, 2012, 2010).

Além disso, as expressões nominais podem, segundo Koch e Elias (2010), retomar referentes já introduzidos no texto mantendo as mesmas características e propriedades, ou alterando e acrescentando outras que não haviam sido ainda apresentadas. As retomadas realizadas por meio de descrições nominais têm a função de categorizar ou recategorizar os referentes (objetos de discurso).

Essas formas remissivas nominais sinalizam que o emissor do texto está passando a um estágio seguinte de sua argumentação, possuindo, portanto, uma importante função na introdução, mudança ou desvio de tópico, bem como na ligação entre tópicos e subtópicos, preservando, entretanto, a continuidade tópica, alocando

uma informação nova à informação dada. Desse modo, pode-se dizer que elas são responsáveis pela retroação e pela progressão textual (KOCH; ELIAS, 2012).

As formas nominais podem ainda ser usadas como anáforas especificadoras em contextos em que, por uma determinada razão, a retomada do referente seja acompanhada de um refinamento em sua categorização. Segundo Adam (2011), esse tipo de anáfora permite exprimir, com exatidão, a identidade do elemento retomado. Além dessas, Roncarati (2010) cita ainda as anáforas predicativas, as quais se constituem de atributos a determinado referente. São expressões referenciais na função de predicativos de sujeito e de objeto e de aposto⁴, e seu uso, segundo a autora, confere importantes efeitos de sentido ao texto.

Koch e Elias (2012) salientam que uma das formas mais ricas de progressão referencial é aquela que se realiza por meio de expressões nominais, ou seja, expressões constituídas por um núcleo nominal (substantivo), acompanhado ou não de determinantes (artigos, pronomes, adjetivos, numerais) e modificadores (adjetivos, locuções adjetivas, orações adjetivas).

A anáfora pronominal, por sua vez, é a retomada de um item do texto através de um pronome. Esse pronome pode também aparecer desprovido de referente textual, devendo então ser reconstruído por inferência, a partir dos conhecimentos prévios.

As pronominalizações, segundo Marcuschi (2008), são casos de substituição mínima, uma vez que a remissão não se baseia em quase nenhuma característica semântica do item substituído. Trata-se de uma classe mais genérica dos nomes,

⁴ Exemplos de anáforas predicativas: O senhor está *desengano*. O médico considerou-o *desengano*. A enfermeira, *atendente daquele andar*, ficou surpresa com a reação do paciente. (RONCARATI, 2011, p.66)

minimamente marcada do ponto de vista semântico.

As anáforas pronominais geralmente são fiéis, ou seja, não indicam nenhuma outra característica do elemento retomado. Por outro lado, quando o pronome traz consigo alguma nova informação sobre o seu referente, além de sentimentos do falante em relação ao referente, são chamadas de enfáticas⁵, como propõe Adam (2011).

Marcuschi (2008) chama a atenção para as anáforas pronominais exofóricas, ou seja, aquelas cuja recuperação de entidades necessita do contexto, tal como ocorre nos casos em que os pronomes pessoais são utilizados para referir as pessoas do discurso (eu, você, a gente, nós, eles)⁶. Salienta ainda a problemática causada pela pronominalização quando há várias possibilidades de referenciação, criando assim ambiguidades. Além disso, segundo o autor, “o exagero no uso da pronominalização num texto leva a uma progressiva diminuição da informação e uma dificuldade crescente de processamento cognitivo” (MARCUSCHI, 2008, p.111).

Quanto aos textos orais, foco deste estudo, o autor destaca que esses costumam apresentar um maior número de formas pronominais, no entanto, elas não confundem o leitor, uma vez que assumem uma relação situacional, isto é, dêitica. Tal situação, segundo o autor, “não exige que se transfira para o texto o universo em que a informação atual está se processando” (MARCUSCHI, 2008, p. 111).

Outra observação importante sobre o uso das pronominalizações é que, contrariando uma visão histórica, sua retomada nem sempre se dá na estrutura superficial do texto, principalmente quando se trata do texto falado. Koch (2011, p.

⁵ Um exemplo de anáfora pronominal enfática ocorre quando um nome próprio como Nadir é retomado pelos pronomes *ele* ou *ela*, indicando com exatidão o sexo da pessoa ou personagem.

⁶ A distinção entre anáfora e dêixis será melhor elucidada no final deste capítulo.

86) propõe que os referentes de formas pronominais podem ser retomados por elementos subentendidos, isto é, sem um referente explícito no cotexto, como no caso de *No nordeste brasileiro, elas têm as mais belas praias do mundo*. Tem-se assim um caso em que a referenciação se dá por meio de um processo elíptico. Marcuschi (2008) afirma que sintaticamente esse tipo de retomada não seria possível, no entanto, cognitivamente, há uma estrutura inferencial processada que permite tal construção. Para Koch (2011, p. 86), nesses casos os interlocutores operam “com processos cognitivos e discursivos, sendo o discurso o espaço de onde extraímos o conteúdo inferido”.

Esse processo de referenciação, como mencionado anteriormente, pode ocorrer de forma direta ou indireta, ou seja, através de anáfora direta ou indireta. A anáfora direta retoma referentes previamente introduzidos no texto, estabelecendo uma relação de correferência entre o elemento anafórico e seu antecedente, havendo entre eles uma equivalência semântica e uma identidade referencial. Trata-se de uma espécie de substituto do elemento que está sendo retomado.

Esse tipo de anáfora ocorre por meio de encadeamentos cuja introdução de um elemento se dá de forma indefinida e depois sua retomada é feita por uma expressão lexical idêntica ou quase idêntica. Em outras palavras, a anáfora direta consiste, segundo Fávero e Koch (2005), na reiteração de itens lexicais por meio de termos sinônimos ou palavras afins, que pertençam ao mesmo campo lexical. Essa reiteração também pode ocorrer através do uso de nomes gerais. Assim, os sintagmas formados por determinantes mais o nome genérico (como por exemplo, *a coisa, o negócio*) tem função anafórica direta, pois trata de termos superordenados (hiperônimo) de conjuntos lexicais agindo como sinônimos de itens a eles subordinados (hipônimo). As autoras salientam ainda que, para o enunciado não ficar excessivamente vago,

deve se dar preferência aos hipônimos.

A anáfora direta pode ser, ainda, classificada em fiel e infiel. De acordo com Apothéloz (2003), a anáfora fiel corresponde à retomada através de um sintagma nominal ou demonstrativo, cujo núcleo é o mesmo nome por meio do qual o referente já foi anteriormente introduzido no texto. Já a anáfora infiel ocorre, segundo o autor, quando o nome utilizado para retomada é diferente daquele utilizado na introdução do referente.

A noção de correferenciação é crucial nos casos de anáfora direta. E, em muitos deles, como naqueles em que há mais de um candidato a antecedente referencial, aspectos gramaticais como concordância de gênero e número são decisivos. Para Fávero e Koch (2005), dentre os processos que tornam um texto uma unidade significativa, em primeiro plano se encontram as relações referenciais, em especial a correferenciação, a qual é considerada, segundo as autoras, “como um dos principais elementos de coesão textual” (FÁVERO; KOCH, 2005, p.13).

Por outro lado, a anáfora indireta é um caso de referenciação no qual inexistente um vínculo de retomada direta entre ela e o cotexto. Ela não tem dependência de congruência morfossintática, tampouco necessidade de reativar um referente já explicitado. Trata-se, então, de uma referência textual, ou seja, uma construção, indução ou ativação de referentes no processo discursivo que, segundo Marcuschi (2005), envolve atenção cognitiva conjunta dos interlocutores e processamento local. Pode-se dizer que são expressões cuja interpretação depende da relação que estabelecem com outras expressões da estrutura textual (MARCUSCHI, 2005).

Podemos observar um caso de anáfora indireta no exemplo *Ontem houve um casamento. A noiva usava um lindo vestido branco* (FÁVERO; KOCH, 2005, p. 58), em que *noiva* retoma de forma implícita *casamento*, uma vez que a existência de uma

noiva é pressuposta em um casamento. Esse tipo de relação anafórica tem sua motivação ou sua ancoragem no universo textual, ou seja, encontram sua dependência interpretativa na relação a determinadas expressões da estrutura textual.

Koch e Elias (2010) sugerem que as anáforas indiretas ocorrem, normalmente, por meio de expressões nominais definidas ou indefinidas e pronomes que são interpretados referencialmente, sem que haja um correspondente (antecedente ou subsequente) explícito no texto.

Para Marcuschi (2005), a anáfora indireta é essencialmente processual, uma vez que introduz referentes novos baseados em âncoras cotextuais e modelos cognitivos, que vão desde uma âncora lexical a uma âncora mais ampla situada no modelo de mundo textual, sendo que o movimento de um pólo a outro se dá pela integração de processos cognitivos diversos, dentre eles a inferenciação.

Como anáfora indireta, Koch (2005) identifica ainda aquelas que simplesmente rotulam um segmento do texto, transformando-o em objeto de discurso⁷ e aquelas que realizam operações de nominalização, por nomes deverbais ou não. Trata-se de rotulações resultantes de encapsulamentos⁸. Segundo Koch e Elias (2012), na maioria das vezes, os nomes-núcleos das expressões encapsuladoras

⁷ Exemplo de anáfora indireta que rotula um segmento criando um novo objeto de discurso: “É fácil apontar as razões de sucesso – ou fracasso – de um projeto após a conclusão. O complicado é antecipá-las. Os executivos da Petrobrás, a maior empresa brasileira, enfrentaram um desafio assim há quatro anos, quando iniciaram a implantação do programa de gestão R/3, batizada de Sinergia.” (KOCH, 2005, p.39)

⁸ Exemplo de anáfora por encapsulamento: “O Capitão Celso Aparecido Monari, de 39 anos, lotado na Casa Militar do Palácio dos Bandeirantes, residência oficial do governador Geraldo Alckmin, teve a prisão temporária pedida pela Polícia Federal. Ele é acusado de comandar o tráfico e também chacinas motivadas por dívidas de drogas na Zona Leste de São Paulo. O envolvimento do oficial com o crime foi revelado com a apreensão de 863 quilos de maconha escondidos no fundo falso de um ônibus na Rodovia Raposo Tavares, na região de Assis, Oeste do estado.” (KOCH, 2005, p.40)

são nomes genéricos, inespecíficos, que estabelecem um novo referente, o qual poderá vir a constituir o tema dos enunciados seguintes, estabelecendo, assim, um novo referente no discurso.

Para Marcuschi (2005), as anáforas indiretas são uma expressão explícita de relações de coerência implícitas, cabendo ao receptor ativar ou construir essas relações implícitas, exigindo para isso uma relação ou conceitual ou semântica ou textual-discursiva. Na literatura, elas recebem, segundo Koch (2011), diversos nomes, tais como anáfora inferencial, mediata, profunda, semântica e associativa.

Quanto à relação entre anáfora e dêixis, Marcuschi (2005) afirma que ambas dizem respeito aos processos de contextualização do significado e dizer simplesmente que a anáfora é uma questão semântica, pois busca seu referente em uma relação textualmente representada e definida (ou seja, endofórica), e que a dêixis está ligada a expressões linguísticas e fenômenos situacionais do contexto (isto é, exofórica) é pouco plausível, tendo em vista que a própria noção de anáfora indireta não se enquadra em nenhuma dessas definições, pois não tem um antecedente textual e tampouco se resolve por ligações extratextuais.

O autor salienta ainda que tanto a anáfora quanto a dêixis exercem uma importante função na organização da memória e servem para ativar ou reativar aspectos que residem no conhecimento dos interlocutores, seja um conhecimento textual ou outros aspectos cognitivos, de modo que as diferenças entre anáfora e dêixis não se encontram no nível da operação, mas sim da relação cognitiva estabelecida (MARCUSCHI, 2005).

Marcuschi (2005, p. 90) cita o seguinte exemplo “*Aprindi italiano, mas nunca estive lá*” para explicar a distinção entre anáfora indireta e dêitico, sendo que o advérbio *lá*, nesse caso, não exerce o papel de um dêitico, mas de uma anáfora, tendo

em vista que é no cotexto e não no contexto que se pode buscar sua âncora.

Ilari (2005) afirma que as anáforas associativas são extremamente numerosas nos mais diversos tipos de textos. Elas permitem, segundo o autor, apresentar como conhecidos os conteúdos que foram apenas previamente mencionados no texto, mas que podem ser associados por meio de *scripts*, por exemplo. Pode ocorrer fracasso nessas associações, conforme o autor, quando as informações são desconhecidas pelos interlocutores, tal como ocorre, por exemplo, quando um dêitico é usado sem que haja evidências acessíveis ao interlocutor, ou quando informações são apresentadas como dadas, sem que elas sejam realmente conhecidas. Vale lembrar que o funcionamento tanto de uma anáfora associativa quanto de uma dêixis somente será compreendido se a atividade linguística for tomada como uma atividade cooperativa, como se percebe nas palavras do autor:

Todo locutor constrói sua fala a partir de uma avaliação da capacidade de interpretação do interlocutor, e da maneira como este reage às informações que são *transmitidas* pelo escrito ou falado. Em condições normais, ele tem o direito de supor que os mesmos objetos salientes na situação, os mesmos conhecimentos e as mesmas informações estão presentes na atenção do interlocutor como na sua própria. Mas a comunicação não se faz apenas entre pessoas que têm o mesmo *background* cultural, que compartilham a mesma perspectiva sobre a situação ou que estão atentas ao mesmo tipo de dados. Assim, a decisão de apresentar certos conteúdos como recuperáveis é sempre uma questão de avaliação, e a avaliação pode ser ou não correta. Avaliações incorretas podem causar prejuízos à comunicação, podem resultar em textos que serão percebidos como mais difíceis, podem exigir reformulações, comentários, digressões (ILARI, 2005, p. 123).

Para o autor, a anáfora não constitui apenas um mecanismo de preservação do referente, mas sim o “modo como se armazena o mundo em algum *buffer* cognitivo” (ILARI, 2005, p. 123).

Cavalcante (2005) salienta a importância de uma base comum, isto é, de um conjunto amplo de conhecimento partilhado, para que os sentidos e as referências se concretizem na atividade da linguagem. Para a autora, as suposições que o autor julga serem do conhecimento de seu interlocutor interferem diretamente nas escolhas dos processos referenciais. Esses conhecimentos, segundo ela, estariam ligados a diferentes tipos de memória:

a) conhecimento baseado no contexto cultural partilhado, ancorado na memória de longo prazo;

b) conhecimento baseado no contexto cultural e discursivo, apoiado parcialmente na memória de longo prazo e parcialmente na memória episódica⁹;

c) conhecimento baseado no discurso coerente, ligado à memória episódica e incluindo todos os referentes que estivessem no foco da atenção do interlocutor ou que o falante julgasse facilmente identificáveis;

d) conhecimento baseado na situação de fala partilhada, relacionado à memória de trabalho, e envolvendo todos os dêiticos ligados a pessoas, tempo e espaço.

A interpretação de um dêitico, conforme Cavalcante (2005), depende de uma situação enunciativa criada pelo enunciador e compactuada pelo interlocutor. Assim também para Apothéloz (2003), a interpretação de algumas expressões linguísticas depende do lugar ou do momento da enunciação, ou ainda da pessoa que as enuncia. Em outras palavras, depende da relação aqui/agora. Essas expressões, apoiadas nos parâmetros de lugar, tempo e pessoa da situação de enunciação – os dêiticos – estão

⁹ A memória episódica, segundo Baddeley (2011a), corresponde à capacidade de lembrar eventos específicos de nossas experiências. O autor salienta que tais eventos podem se acumular e consolidar, formando a base da memória semântica, isto é, nosso conhecimento de mundo.

restritamente relacionadas ao contexto espaço/temporal mantido no ato de enunciação.

Para sintetizar os dados aqui descritos, referentes ao processo de referenciação, apresentamos o quadro a seguir.

Quadro 1: Quadro-resumo de proposta de classificação das referências

TIPOS DE REFERÊNCIAS							
TEXTUAIS							SITUACIONAIS
Dependem da relação que estabelecem com algo que já foi mencionado no texto (anáforas) ou da relação que estabelecem com algo que segue no texto (catáforas).							Necessitam do contexto para serem interpretadas.
Nominal	Pronominal	Direta	Indireta	Encapsuladora	Predicativa	Especificadora	Dêixis
Retomada de referente por nome ou expressão nominal. Forma mais rica de progressão referencial.	Retomada de referente por pronome. Forma de substituição mínima.	Retomada de referentes previamente introduzidos no texto, estabelecendo relação de coreferência. Há equivalência semântica e identidade referencial. Fiel: Retomada por meio do mesmo referente sem identificar uma nova característica do elemento retomado, ou seja, retomada pelo mesmo nome ou pronome por meio do qual o referente já foi anteriormente introduzido no texto. Infiel: Retomada por meio de nome diferente daquele utilizado na introdução do referente ou por pronome que traz uma nova característica do elemento retomado.	Inexiste vínculo direto entre ela e o cotexto, introduz referentes novos baseados em âncoras cotextuais e modelos cognitivos.	Aquelas que rotulam um segmento do texto. Aquelas que realizam operação de nominalização.	Aquelas representam atributos a determinado referente.	Retomada do referente acompanhada de um refinamento de sua categorização.	Expressões referenciais cuja interpretação se concretiza na situação comunicativa e depende de conhecimento compartilhado entre interlocutores.

Fonte: A autora (2015)

Há unanimidade entre os pesquisadores da área, ao afirmarem que, no processo de produção e compreensão da linguagem, coesão e coerência estão intimamente ligadas. No entanto, Marcuschi (2008) afirma que os textos, embora sejam produções linguísticas, não podem ser analisados simplesmente pela extensão das categorias da gramática das frases, uma vez que elas são ocorrências comunicativas no contexto de uso. Segundo o autor, o próprio nome referência, e não referência, é usado porque este último apresenta um caráter de relação pré-fabricada entre o mundo e a linguagem, deixando à margem as condições de uso, como já mencionado.

Segundo apontam Koch e Travaglia (2005), uma das falhas de produção do discurso pode ocorrer devido ao fato de o falante ser incapaz de projetar corretamente o plano de produção do texto, principalmente pela má apreciação da situação e das possibilidades do ouvinte, como, por exemplo, quando conta um fato sem precisar adequadamente os protagonistas, julgando-os conhecidos do ouvinte, o qual pode não os reconhecer.

A coerência de um texto depende, portanto, dos elementos linguísticos, seu conhecimento, uso e organização no texto, ou seja, o contexto linguístico; do conhecimento de mundo e o grau de compartilhamento desse conhecimento entre locutor e interlocutor, o que se reflete no grau de informatividade, na distribuição de informação nova e dada; além de fatores pragmáticos e interacionais, como o contexto situacional, os interlocutores em si, suas crenças e intenções comunicativas. Nesse sentido, os autores afirmam ainda que o contexto situacional relaciona-se tanto com o nível semântico e o conhecimento de mundo, quanto com o nível pragmático (KOCH; TRAVAGLIA, 2005).

1.1.2 A relação entre referenciação e sequência textual: uma ênfase na narrativa

A estrutura narrativa, foco deste estudo, foi a primeira que se conheceu e está presente constantemente na comunicação diária das pessoas. Ela representa um texto com características bem delimitadas – dentre elas a sucessão temporal de acontecimentos, personagens inter-relacionados, apresentação de um conflito central, resolvido de algum modo. Consiste na exposição de fatos reais ou imaginários, ou seja, ações caracterizadas pela presença de um agente que provoca ou tenta evitar mudanças, ou eventos que ocorrem sob efeito de causas (ADAM, 2011).

Para que haja uma narrativa, é necessário uma história e seu contador (narrador). A história deve apresentar uma sequência de fatos (enredo), os personagens que vivem os fatos e o lugar onde ocorrem os fatos (espaço ou cenário). Kleiman (1989) caracteriza a estrutura narrativa pela marcação temporal cronológica e pela causalidade, como também pelo destaque aos agentes das ações. Para ela, a narrativa apresenta basicamente a seguinte estrutura: cenário ou orientação, o lugar onde acontecem os fatos, onde os personagens são apresentados; complicação, o início da trama propriamente dita; e resolução, o desenrolar da trama até seu fim.

Para Koch e Elias (2010), as sequências narrativas devem apresentar uma sucessão temporal/causal dos eventos, ou seja, uma situação inicial e uma situação final, entre as quais deve ocorrer alguma modificação de estado das coisas, reforçando a tese de Adam (1987) de que uma narrativa não pode ser construída somente a partir de uma cronologia de acontecimentos, pois se torna um mero *script*, isto é, apenas uma descrição de fatos, criando o que se chama grau zero de narrativa. O autor cita, então, seis componentes indispensáveis a toda narrativa:

- a) pelo menos um ator constante;
- b) predicados qualitativos (ser) ou funcionais (fazer) definindo o ator em um

tempo progressivo;

- c) uma sucessão temporal mínima;
- d) transformação dos predicados por um processo ou no decorrer dele;
- e) uma lógica singular, apresentando causa e efeito dos acontecimentos;
- f) um fim sob a forma de moral, avaliação explícita ou a derivar.

A superestrutura narrativa é, portanto, uma estrutura hierárquica dos acontecimentos, que confere valor distinto aos diferentes acontecimentos e apresenta a seguinte organização de proposições narrativas, correspondente aos cinco momentos da trama (ADAM, 1987, 2011):

a) situação inicial: momento em que se definem as situações de espaço, tempo e características dos personagens;

b) nó desencadeador: ocorre após a situação inicial, por meio de uma ação que visa modificar o estado inicial da narrativa propriamente dita;

c) re-ação ou avaliação: a re-ação culmina no momento em que há a transformação da nova situação provocada pela complicação; já a avaliação corresponde ao momento em que se indicam as reações dos personagens;

d) desenlace: estabelecimento de um novo estado, diferente do inicial da história;

e) situação final: fechamento da história.

Para o autor, as proposições narrativas agrupam-se de modo a formar um pequeno texto narrativo. Os fatos denotados pelas proposições necessitam estar ligados por uma relação cronológica e lógica, para que o texto narrativo seja coerente. O autor salienta ainda que a avaliação ou a resolução ou a situação final são facultativas, pois uma é dedutível da outra. Porém é imprescindível que haja uma transformação entre uma situação ou estado inicial e a situação ou estado final, funcionando como a conclusão do texto narrativo. É necessária a passagem de um

estado inicial para o estado final e, conseqüentemente, a transformação assegurada pelas macroproposições narrativas intermediárias. Assim, a situação final não necessita ser explicativa, pois o impasse pode ser estabelecido excepcionalmente no desenlace. No entanto, o nó desencadeador da ação é de caráter obrigatório, de modo que uma simples seqüência de atos não pode constituir uma narrativa.

Essa abordagem de Adam (1987), entretanto, não dá conta de todas as modalidades de narrativas, uma vez que estas variam de acordo com tipos textuais e gêneros textuais.

Para Marcuschi (2008), tipo textual (ou superestrutura, na proposta de Adam), refere-se a uma seqüência linguística, que pode se enquadrar em uma série limitada de categorias, tais como narração, argumentação, exposição, descrição e injunção. Já os gêneros textuais dizem respeito aos textos materializados em situações comunicativas, isto é, os textos presentes no dia a dia, que apresentam padrões sociocomunicativos definidos pela situação de comunicação.

Nesse sentido, Marcuschi (1999) destaca que distintos textos selecionam diferenciadas estratégias, para promover a progressão referencial. Em textos jornalísticos breves e informativos, lembra o autor, há uma tendência maior no uso de retomadas explícitas de antecedente por repetição de item lexical ou construção linguística por pronome com continuidade referencial, além de retomada implícita de antecedente, por meio de construção referencial induzida por pronome/nome ou construção nominal.

Em relação às notícias, cujo relato foi um dos gêneros investigados nesta pesquisa, Van Dijk (2011) salienta que elas apresentam uma estrutura organizacional relevante, isto é, o mais importante ou mais interessante é apresentado em primeiro lugar, enquanto detalhes, tais como causas, condições e antecedentes, aparecem por último. Nesses textos, a disposição das orações não obedece à ordem temporal dos

fatos; as causas da ação, o lugar e o tempo em que ocorreram aparecem depois da ação em si, podendo até mesmo serem eliminados (para se adequarem ao espaço disponível no jornal, por exemplo). O leitor capta primeiro a informação mais importante, decidindo então se deve ou não seguir a diante.

A ordem das proposições é expressa de forma específica em notícias. Nelas não se consideram mecanismos conectivos condicionais normais, uma vez que o mais importante é o leitor captar primeiramente o mais relevante. Já a estrutura superficial coesiva desses textos é construída a partir de pronomes correferenciais, paráfrases e pronomes possessivos (VAN DIJK, 2011). Ainda em relação a textos jornalísticos, Marquesi (2007) observou que as expressões referenciais são utilizadas com uma finalidade argumentativa, ligada à intencionalidade do autor.

Koch e Marcuschi (1998) destacam que o processo de referenciação se torna uma questão complexa, devido ao fato de que os textos não costumam ser monotípicos ou lineares. Nas palavras dos autores, “a progressão referencial se dá com base numa complexa relação entre linguagem, mundo e pensamento estabelecida no discurso” (KOCH; MARCUSCHI, 1998, p. 2).

Diferentes sequências textuais apresentam, segundo Koch e Travaglia (2005, p. 41), “diferentes graus de coesão e diferentes elementos coesivos, ou seja, diferentes modos de dar pistas, na superfície, para chegar ao sentido global e, portanto, detectar sua coerência”.

O processo de referenciação constrói-se à medida que os gêneros textuais vão-se construindo. Conforme Souza (s/d), o discurso vai evoluindo e, conseqüentemente, os referentes também evoluem, de modo a compor a textualidade. Koch e Elias (2010) afirmam que, ao se remeter seguidamente a um mesmo referente ou a elementos ligados a ele, formam-se as cadeias anafóricas ou referenciais. Esse processo de repetição de elementos já presentes no texto, ou passíveis de serem

ativados a partir deles, constitui um dos princípios de construção textual.

As autoras sugerem que todos os textos possuem uma ou mais cadeias referenciais, como vemos a seguir.

a) *Em sequências descritivas*: deve haver pelo menos uma cadeia relativa ao elemento que se está descrevendo.

b) *Em sequências expositivas*: deve haver uma cadeia referencial principal que diz respeito ao referente (ideia) central que se está desenvolvendo, e outras relativas aos demais referentes apresentados no decorrer da exposição.

c) *Em sequências narrativas*: deve haver várias cadeias referenciais, uma relacionada ao protagonista, outra ao antagonista, outras aos demais personagens, espaço e objetos da história.

Koch e Elias (2010) salientam que fala e escrita são duas modalidades da língua que, embora utilizem o mesmo sistema linguístico, possuem características próprias. O texto falado, foco deste estudo, emerge no momento da interação, ocorrendo uma interlocução ativa, uma vez que os interlocutores encontram-se copresentes. Ele não é planejado de antemão e, portanto, necessita ser planejado e replanejado a cada momento da interação, isto é, o planejamento do texto falado ocorre simultaneamente à verbalização. Além disso, na fala, o fluxo discursivo apresenta frequentes descontinuidades, determinadas por fatores de ordem cognitivo-interacional, as quais se justificam por meio da pragmática de relevância (KOCH; ELIAS, 2010).

Em produções narrativas, Arnold, Bennetto e Diehl (2009) observaram o maior uso de pronomes ou “zero” (elipse) quando o referente é a entidade saliente no momento. As autoras destacam ainda que os falantes tendem a usar pronomes mais frequentemente quando, no contexto do discurso, há somente um referente que corresponde às características do personagem, na tentativa de evitar a ambiguidade.

Também Almor *et al.* (2007) afirmam que os pronomes são mais comumente usados em vez de repetir-se explicitamente um nome. Segundo os autores, as conversas e os textos envolvem múltiplas frases que devem ser coerentemente ligadas através de repetição de informações, que são realizadas muitas vezes por meio de pronomes, especialmente quando é feita referência à informação já saliente e ativada no contexto do discurso. Essa preferência pelos pronomes é considerada surpreendente, por Almor *et al.* (2007), pois essa classe de palavras tende a ser mais ambígua, enquanto repetir um nome fornece uma referência mais precisa. De forma complementar, os autores destacam ainda que as referências linguísticas baseiam-se em redes neurais não linguísticas e que as múltiplas representações geradas pela repetição de um nome manifestam-se no aumento da ativação das áreas cerebrais relacionadas à memória.

Van Dijk (2011) destaca que usuários específicos podem não satisfazer as condições de coerência, devido a patologias, tais como afasia e esquizofrenia. Também na demência, a capacidade de usar pronomes como referências e itens lexicais como elementos coesivos no discurso diminui de forma significativa (LAI; LIN, 2012). Nesse sentido, buscamos verificar esse aspecto na produção de narrativas por idosos saudáveis e idosos com DA, a fim de melhor compreender como se dá as características da referenciação em seus textos. Antes disso, passemos ao estudo do processo de produção da linguagem e da influência da escolaridade na produção de narrativas por idosos.

1.2 A PRODUÇÃO DO DISCURSO NO ENVELHECIMENTO: UM OLHAR SOBRE O PAPEL DA ESCOLARIDADE NA REFERENCIAÇÃO EM NARRATIVAS

A produção do discurso ocorre por meio de uma série de estágios, começando

pela formulação da mensagem, seguida pela recuperação lexical (mapeamento abstrato da mensagem conceitual dentro das palavras), a codificação fonológica (especificando os sons da fala que compreendem as palavras) e o planejamento articulatorio (formulação de um plano motor sequencial para o *output* da fala) (ACHESON *et al.*, 2011).

Também para Brandão (2006), o planejamento do discurso envolve duas etapas específicas – o planejamento pragmático e o semântico. Ambos os planejamentos visam explicar como as pessoas produzem o discurso a partir de suas representações mentais, ativando conhecimentos da memória e utilizando estratégias cognitivas durante a produção de narrativas e outros gêneros discursivos. A primeira etapa da produção do discurso corresponde à fase de planejamento pragmático, que está ligada à intenção do falante, ao contexto de comunicação, bem como aos conhecimentos que ele possui sobre o seu interlocutor. Nessa etapa, o falante faz uso de seus modelos mentais para acessar conhecimentos sobre suas experiências de vida e experiências comunicativas, respectivamente, os modelos situacionais e modelos de contexto. Isso significa que os falantes “constroem uma versão mental do espaço, do tempo, das circunstâncias, dos sujeitos e das ações presentes no contexto” (BRANDÃO, 2006, p. 135).

Para proporcionar um discurso adequado ao contexto, o falante deve adaptar constantemente, durante a produção, os modelos de contexto (modelos mentais que representam o contexto em que o discurso está sendo produzido) a mudanças, a partir de monitoramento e ajustes necessários. Isso ocorre com a ajuda de um dispositivo responsável pelo manejo do conhecimento, o qual nos permite sermos relevantes e nos adaptarmos aos diversos interlocutores (VAN DIJK, 2011).

Os participantes da conversa podem ter certas funções ou papéis; pode haver diferenças de local ou contexto, além de poder haver regras

específicas, convenções ou estratégias que determinem as possíveis interações em tal situação. Não se pode dizer qualquer coisa que nos venha à cabeça em qualquer situação. Possíveis ações, possíveis objetivos, e, conseqüentemente, possíveis discursos, são restringidos pelas várias dimensões das situações. (VAN DIJK, 2011, p. 18)

Após essa etapa de processamento pragmático, ocorre o processamento semântico. Contudo, vale salientar que a produção da linguagem não ocorre de forma unidirecional ou não interativa. As etapas de produção da linguagem podem ocorrer, muitas vezes, de forma paralela e interativa.

Tendo o falante ativado conhecimentos episódicos e semânticos (teoricamente ampliados pelo maior número de anos de ensino formal) relevantes ao contexto de comunicação, ocorre a produção proposicional do discurso. O falante, ao ativar os conhecimentos episódicos e semânticos de uma comunicação, realiza a seleção de um tópico, de um tema, isto é, a macroproposição. Pode-se dizer, então, que a produção semântica do discurso inicia com a construção de um texto-base, ou seja, a representação mental do discurso, a qual ocorre *on-line*, simultaneamente à expressão desse discurso e está sujeita às limitações da capacidade processual, da atenção e da memória de trabalho de cada indivíduo (KINTSCH; VAN DIJK, 1978).

A memória de trabalho consiste num sistema de manutenção e manipulação temporária de informações. Seu papel gerenciador decorre do fato de que, no momento em que recebe qualquer tipo de informação, ela analisa o *input* e o compara às informações já armazenadas nas demais memórias ou ainda determina se é uma informação nova e, nesse caso, se é útil ou não. Para fazer isso, a memória de trabalho deve ter acesso rápido às memórias preexistentes no indivíduo; se a informação que lhe chega é nova, não haverá registro dela nos demais componentes mnemônicos, e o sujeito pode aprendê-la (formar uma nova memória); caso contrário, a memória de trabalho a relacionará aos conhecimentos prévios, na

tentativa de estabelecer sentido (BADDELEY, 2011a).

Assim, segundo o modelo de produção do discurso, proposto por Kintsch e Van Dijk (1978), um tópico ativa, com auxílio da memória de trabalho, outros subtópicos ou ideias relevantes, formando a macroestrutura do discurso. Então, inicia-se a fase de microplanejamento, a partir da ativação de uma rede de proposições relacionada aos subtópicos, de modo a promover a coerência global, além de relações semânticas entre si, promovendo a coerência local (VAN DIJK, 1998). Sendo assim, pode-se dizer que, na produção do discurso, a fase de elaboração dos objetivos comunicativos refere-se ao macroplanejamento, enquanto a fase de estabelecimento das proposições da informação global e do tópico de cada frase a ser produzida diz respeito ao microplanejamento. Essas fases estão relacionadas, respectivamente, à produção da coerência global e local do discurso.

Segundo Van Dijk (2011), a fase de planejamento no processamento da produção do discurso é regulada por um sistema de controle, que ativa e atualiza o conhecimento episódico necessário, bem como o semântico mais geral, fornece as informações superiores dentro das quais as informações inferiores devem ser ajustadas, coordena as diversas estratégias, decide qual informação proveniente da memória de trabalho deve ser transferida para a memória episódica, ativa os modelos situacionais relevantes nesta memória, realiza buscas eficazes de informações relevantes na memória de longo prazo, e assim por diante (VAN DIJK, 2011). Segundo o autor, é imprescindível que, na produção do discurso, o locutor construa a macroestrutura, isto é, um plano semântico do discurso, composto de elementos do conhecimento geral e de elementos do modelo situacional (tais como o modelo do ouvinte e seu conhecimento, motivações, ações passadas e intenções, além do contexto comunicativo).

Em seguida, o locutor deve executar a base textual de maneira estratégica, nos

níveis local e linear, através da escolha entre as informações explícitas e implícitas, do estabelecimento e da sinalização da coerência local e, finalmente, da formulação de estruturas de superfície com os diversos dados semânticos, pragmáticos e contextuais. O estabelecimento de coerência local, segundo o autor, ocorre na memória de trabalho, a partir do monitoramento do sistema de controle, sob a esfera de ação de uma macroproposição (VAN DIJK, 2011).

No que diz respeito ao processo de escolha de expressões referentes apropriadas, na produção da linguagem, Arnold, Bennetto e Diehl (2009) concordam que este depende de duas áreas do funcionamento cognitivo: o julgamento que o locutor faz acerca da atenção e do conhecimento do seu interlocutor e o uso de mecanismos de memória e atenção para representar a situação do discurso. As autoras propõem, portanto, a associação entre a referenciação e os processos de mentalização e de cognição. Segundo as autoras, o processo de mentalização diz respeito ao fato de que a produção de referência depende de suposições sobre o foco de atenção do ouvinte, assim o falante usa expressões subespecificadas, como pronomes e elipses, por exemplo, ao assumirem que esse referente é foco da atenção do interlocutor ou pelo menos que a referência é contextualmente não-ambígua, mantendo um discurso mais ou menos verossímil com o estado mental do seu falante – o chamado modelo de discurso. Essa hipótese parte da ideia de que o contexto afeta a escolha entre expressões alternativas possíveis. Para Arnold, Bennetto e Diehl (2009), a produção de referências é uma parte onipresente na comunicação e exige julgamentos pragmáticos sobre o que é mais apropriado no contexto atual. Contudo, o falante pode representar apenas aquilo que está em sua mente e não fazer a devida análise do conhecimento e do foco de atenção de seu interlocutor, acarretando problemas no estabelecimento de referências.

Além desse aspecto, Arnold, Bennetto e Diehl (2009) destacam ainda que as

escolhas dos falantes são moduladas por fatores cognitivos internos que afetam sua capacidade de representar os personagens e as suas ações em uma determinada situação discursiva. As autoras destacam que reduzidos recursos cognitivos durante o planejamento do discurso podem levar a uma redução na ativação do referente na memória de trabalho, gerando, conseqüentemente, uma maior taxa de uso de expressões referenciais explícitas. Diante desses dados, buscamos verificar como se dá o processo de referenciação em narrativas orais no envelhecimento e o papel da escolaridade nesse processo. Passemos, então, à revisão de literatura sobre esses aspectos, a fim de dar sustentação teórica a este estudo.

1.2.1 A referenciação em narrativas produzidas por idosos e o papel da escolaridade

O processo do envelhecimento decorre de uma série de alterações, que vão se acentuando a partir dos 40 anos. Trata-se de um processo progressivo, caracterizado pela menor eficiência funcional. É um processo natural, pelo qual todo ser humano passa ao longo de sua vida (MORAES; MORAES; LIMA, 2010).

Em relação às alterações biológicas do envelhecimento, podemos citar as alterações no Sistema Nervoso Central (SNC), dentre as quais as mais importantes são as relacionadas ao cérebro (SOUZA, 2006). Dentre essas alterações cerebrais, destacamos a sua diminuição de peso e de volume, associada à perda de neurônios e à atrofia do córtex cerebral, respectivamente, e a presença de placas neuríticas e emaranhados neurofibrilares. Há ainda a diminuição de conexões neurais, em função da diminuição de neurônios (STUART-HAMILTON, 2002).

Já no que diz respeito a mudanças cognitivas no envelhecimento, chamam a atenção a diminuição na velocidade do pensamento, alterações na memória de

trabalho e nas habilidades visuoespaciais (MORAES; MORAES; LIMA, 2010). Também Baddeley (2011a) confere a redução no processamento das informações, bem como dificuldades sensoriais e de atenção, ao declínio cognitivo decorrente do envelhecimento. Além dessas mudanças, são percebidas ainda alterações na linguagem (YASSUDA, 2006).

As diferenças existentes entre os indivíduos quanto à susceptibilidade a mudanças e patologias do cérebro relacionadas à idade dizem respeito ao conceito de reserva. Essa reserva pode ser uma reserva cerebral ou uma reserva cognitiva (STERN, 2012). A primeira diz respeito às diferenças na estrutura do cérebro entre os indivíduos, as quais podem aumentar a tolerância à patologia; já a segunda refere-se às diferenças entre os indivíduos no modo como executam as tarefas.

Segundo ao autor, o conceito original de reserva cerebral é mensurado quantificando-se o número de neurônios e de sinapses disponíveis para serem “perdidos” sem gerar danos à capacidade do indivíduo. Nessa perspectiva, um volume cerebral maior tende a apresentar mais resistência a demências. Por outro lado, a reserva cognitiva trata de uma forma ativa de reserva, na qual a função cerebral é a variável mais importante e não o tamanho do cérebro. A partir dessa segunda visão, o conceito de reserva cognitiva sugere que o cérebro pode utilizar, no envelhecimento ou na patologia, um processamento compensatório (STERN, 2012).

Stuart-Hamilton (2002) salienta que o SNC não recupera os neurônios perdidos, mas tem a capacidade de diminuir o impacto dessa alteração no envelhecimento através da propriedade da plasticidade cerebral e de mecanismos compensatórios. Nesse sentido, o autor destaca que o nível de educação, além de fatores como o nível socioeconômico e a emoção, estão fortemente relacionados às habilidades intelectuais. Andrade e Bueno (2005) chamam atenção ao fato de que o desenvolvimento cognitivo deve-se não só aos substratos orgânicos, mas também ao

meio ambiente no qual o indivíduo está inserido. Por isso, alguns idosos, mesmo na ausência de patologias, apresentam comprometimento cognitivo, quando comparados a indivíduos mais jovens, enquanto outros mantêm preservadas essas habilidades. Essas mudanças decorrentes do envelhecimento podem estar, então, relacionadas ao estilo de vida de cada um (STUART-HAMILTON, 2002).

Park e Reuter-Lorenz (2009) discutem sobre a existência de sistemas compensatórios e propõem a Teoria do Andaimento no Envelhecimento e na Cognição (*Scaffolding Theory of Aging and Cognition – STAC*, em inglês). Segundo esse modelo, o nível das funções cognitivas de um indivíduo idoso é uma consequência de alterações estruturais e funcionais negativas do cérebro relacionadas à idade avançada combinadas a um processo benéfico – os andaimes compensatórios. Esses andaimes operam para melhorar ou neutralizar os efeitos neurais adversos e o declínio funcional, podendo ser considerado uma plasticidade positiva que acompanha o envelhecimento. Trata-se de uma ação cerebral complementar que fornece suporte para preservar funções cognitivas em face a um declínio local ou global do envelhecimento cerebral (REUTER-LORENZ; PARK, 2014).

As autoras apresentam como revisão desse modelo o STAC-r, através do qual se pode perceber que é possível aumentar esses efeitos compensatórios a partir do engajamento cognitivo do indivíduo e de seu estilo de vida. Esses mecanismos compensatórios começam a partir da fase adulta jovem, quando são ativados para lidar com novas situações, com novas aprendizagens, isto é, sob condições cognitivas desafiadoras. Segundo Reuter-Lorenz e Park (2014), a combinação entre experiência de vida, características genéticas e influências ambientais pode aumentar ou esgotar os recursos cerebrais, sendo assim, indivíduos altamente instruídos tendem a ser diagnosticados com demências em idades mais avançadas do que os menos instruídos.

Também Stern (2012) afirma que experiências ao longo da vida, incluindo o nível educacional e a ocupação durante a vida adulta, podem aumentar a reserva cognitiva, de modo a reduzir o risco de desenvolver demências. Assim, um indivíduo com alto nível de escolaridade tende a lidar melhor com o declínio cognitivo normal relativo à idade e com a patologia do que um indivíduo com baixa escolaridade, mesmo quando o tamanho do cérebro for o mesmo.

No que tange à linguagem, Perffetti e Frishkoff (2008) afirmam que a capacidade discursiva depende da integração entre ambos os hemisférios cerebrais, estando o hemisfério esquerdo envolvido com a coerência local e o direito com a global. A construção de um discurso coerente depende, portanto, da ativação de ambos os hemisférios, que devem compartilhar informações. Nesse sentido, Ardila *et al.* (2000) destacam que o alto nível educacional promove uma mudança estrutural no cérebro, aumentando o tamanho do corpo caloso, estrutura responsável pela conexão entre os hemisférios direito e esquerdo do cérebro. Por isso, indivíduos com nível de escolaridade mais baixo apresentam corpo caloso menor e, conseqüentemente, uma menor transmissão de informações entre os hemisférios.

Entretanto, a relação entre o declínio cognitivo normal do envelhecimento e o nível de educação é bastante complexa. Há diversas formas de associação entre esses dois componentes, as quais dependem do domínio cognitivo. Ardila *et al.* (2000) afirmam que um pobre nível de estímulo cognitivo resulta em um desenvolvimento cognitivo lento. Nessa mesma linha de raciocínio, Stern (2012) sugere que a participação em atividades cognitivas estimulantes pode desacelerar a taxa de atrofia do hipocampo no envelhecimento normal e talvez até mesmo o acúmulo de placas amilóides, responsáveis pela DA. Ribeiro *et al.* (2010) corroboram essa afirmação, ao destacarem que os idosos podem adquirir um alto grau de especialização cognitiva através da influência cultural, o que lhes permite ultrapassar as limitações biológicas

do envelhecimento.

Durante o processo de envelhecimento, a escolaridade é mais significativa que diferenças de idade. Ela influi na estrutura cerebral, de modo que o alto nível de educação formal produz um aumento no número de sinapses, estando associada a mudanças nas conexões cerebrais (MEGURO *et al.*, 2001). Também Ardilla *et al.* (2000) afirmam que a escolaridade está fortemente associada ao desempenho em testes neuropsicológicos, enquanto diferenças de idade têm-se mostrado menos significativas.

Ribeiro e Radanovic (2014) concordam que o nível de escolaridade seja um fator altamente reconhecido como impactante no desempenho em tarefas que avaliam memória, atenção, funções executivas e linguagem, e até mesmo em tarefas cognitivas não verbais. Ele está associado, em especial, a tarefas neuropsicológicas, as quais dependem em grande parte de processos metacognitivos, que, por sua vez, dependem da educação formal.

A escolaridade é, portanto, vista como um dos fatores que mais interferem na reserva cognitiva, a qual pode ser entendida como a capacidade de preservação da integridade das funções cognitivas (RICHARD, 2005). Essa reserva cognitiva pode ser influenciada por, além da escolaridade, fatores como a ocupação que o indivíduo teve ou tem, o nível sócio-econômico e habilidades de leitura e escrita (CHAVES *et al.*, 2009).

Paradise *et al.* (2009) destacam que a instrução formal é capaz de retardar os efeitos demenciais em idosos, tese ratificada por Parente *et al.* (2009), ao afirmarem que o alto nível de escolaridade pode compensar ou diminuir os efeitos da idade. Assim, quanto maior a escolaridade, menor o declínio das funções cognitivas, com mudanças cerebrais estruturais e funcionais.

No que tange à produção da linguagem, Acheson *et al.* (2011) sugerem que

esta é uma habilidade adquirida ao longo da vida, através das experiências, por isso a representação e os processos envolvidos necessariamente refletem o aprendizado de longo prazo. Ainda sobre o processamento linguístico, Ardila *et al.* (2000) destacam que, em indivíduos com alta escolaridade, este tende a ocorrer em paralelo, enquanto em indivíduos com baixa escolaridade, ocorre de forma sequencial. Também Warren, Nicholas e Trabasso (2001) afirmam que o processamento linguístico é tratado de modo diferente por indivíduos com mais ou menos escolaridade. Scherer *et al.* (2012) postulam que a preservação das habilidades discursivas está associada a mecanismos cognitivos adaptativos ligados ao nível educacional, os quais otimizam a reorganização neurofuncional, tanto inter quanto intra-hemisférica, no envelhecimento.

Ainda em relação ao discurso, Ribeiro *et al.* (2010) afirmam que o conhecimento de indivíduos com maior ensino formal propicia uma maior produção de inferências, capacidade esta que auxilia tanto na produção quanto na compreensão do discurso. Em seu estudo, as autoras puderam verificar que indivíduos com maior escolaridade, diferente dos de baixa e média escolaridade, apresentam melhor desempenho na compreensão de inferências baseadas em imagens. Segundo elas, idosos com alta escolaridade (9 anos ou mais) apresentam melhor performance na geração de inferências em tarefa de descrição de figuras tanto simples quanto complexas, de modo que a complexidade visual não interfere significativamente nas habilidades de idosos com alta escolaridade de gerar inferências e descrever imagens. Na comparação entre idosos com média (5 a 8 anos) e baixa (1 a 4 anos) escolaridade, este último grupo demonstrou pior desempenho mesmo com figuras simples. As autoras destacam o fato de que se trata de um grupo composto por indivíduos cuja maioria tem apenas habilidades básicas de leitura e não as utiliza diariamente ou para fins profissionais. Já em relação ao número total de palavras

emitidas, também houve um aumento no grupo de idosos com alta escolaridade. As autoras salientam ainda que, em tarefas de produção de discurso oral a partir de figuras, as proposições essenciais permanecem por mais tempo na memória do que informações acessórias. Chamam atenção ainda para o fato de não haver material pictográfico padronizado para o português, de modo que a escolha é feita de acordo com o consenso de especialistas (RIBEIRO *et al.*, 2010).

Embora na produção da linguagem processos cognitivos semânticos permaneçam mantidos, outros aspectos linguísticos declinam com o envelhecimento, sendo a inabilidade de produzir palavras conhecidas um dos problemas cognitivos mais afetados pela idade (BURKE; SHAFTO, 2014). Durante o discurso oral, forma mais natural da fala, idosos produzem mais referências ambíguas e mais pausas preenchidas (por exemplo, dizendo *ãh, uhm*) e mais reformulações das palavras, na comparação com adultos mais jovens. Esses achados, segundo as autoras, sugerem que idosos têm mais dificuldades de encontrar palavras (o fenômeno da ponta da língua, ou *the tip of the tongue (ToT) phenomenon*, termo em inglês). Nesse sentido, Nitrini *et al.* (2007) destacam que a geração espontânea de palavras é diretamente influenciada pelo nível de escolaridade. Mackenzie (2002), por outro lado, salienta que o efeito da escolaridade não interfere no desempenho da conversa espontânea, porém, em tarefas de descrição de figuras, pessoas com menor escolaridade apresentam menor número de descrições e estas são incompletas.

Duong e Ska (2001) concordam que o tipo de estímulo pictórico – simples (uma única figura) e complexo (sequência de figuras) – influencia o desempenho discursivo. A produção de ideias relevantes à sequência de gravuras depende do grau de conhecimento dos participantes, fortemente relacionado ao nível de escolaridade (DUONG; TARDIF; SKA, 2003; DUONG; SKA, 2001).

Toledo (2011) verificou quais aspectos sociodemográficos influenciam a

produção do discurso de idosos sadios e, dentre tais variáveis, a que maior influência exerce é a escolaridade. A autora pôde perceber que indivíduos com maior nível de escolaridade produzem maior número de informações. Duong e Ska (2001) explicam esse dado pelo fato de que a escolaridade formal amplia o conhecimento de mundo dos indivíduos. Sendo assim, um indivíduo com menor escolaridade depende mais das pistas visuais fornecidas pelas gravuras do que os indivíduos com alta escolaridade. Por outro lado, estes tendem a demonstrar maior capacidade de integrar as informações visuais, ou seja, perceber, analisar e transformar as imagens visuais em informações verbais, produzindo, portanto, um maior número de palavras, mais informações e mais completas, tornando o seu texto mais coerente.

Segundo Duong e Ska (2001), idosos saudáveis tanto de alta quanto de baixa escolaridade demonstram melhor desempenho na produção de discurso a partir de sequência de figuras do que a partir de figura única. No entanto, o grupo com alta escolaridade apresentou maior número de informação na comparação com o grupo de baixa. Desempenho semelhante foi encontrado na pesquisa desenvolvida por Alves e Souza (2005), ao observarem que, dentre as variáveis escolaridade, gênero e idade, apenas a primeira apresenta correlação positiva na produção de narrativa a partir de figura única, de modo que os participantes com maior nível de escolaridade produziram maior número de unidades de informação na comparação com indivíduos de baixa escolaridade.

O domínio do conteúdo, isto é, a expertise, segundo Morrow, Leirer e Altieri (1992), é uma forma de reduzir a demanda da memória de trabalho, influenciando, dessa forma, as diferenças da idade no processamento da narrativa, pois essa redução na demanda da memória de trabalho, provocada pelo conhecimento, deixa-a disponível para a organização do texto. Ribeiro e Radanovic (2014) validam tal afirmação ao destacarem que pessoas com alto nível de conhecimento do conteúdo

podem prestar mais atenção aos detalhes do estímulo do que pessoas com baixo domínio do tema. Portanto, a escolha do tema proposto para a compreensão ou produção de um texto, com ou sem auxílio de pistas visuais, deve ser observada em pesquisas.

O declínio na velocidade do processamento neural, característico do envelhecimento, justifica uma ampla gama de déficits cognitivos em idosos. Contudo, o impacto dos atrasos no processamento neural de um estímulo durante a sua decodificação, na memória de trabalho, não é totalmente conhecido (ZANTO; TOY; GAZZELEY, 2010), de modo que se tornam importantes pesquisas sobre o envelhecimento sadio e patológico, além do impacto causado pela escolaridade, a fim de entender esse fenômeno.

Produzir uma narrativa coerente é uma tarefa cognitiva complexa, que exige boa organização e planejamento da linguagem, incluindo ordenamento das sentenças e das palavras, e num nível mais específico, o uso correto de pronomes, conjunções e demais elementos linguísticos que constituem o discurso oral. Entretanto, no envelhecimento, percebe-se a diminuição da quantidade e da densidade de informações e de referências coesas, diminuindo a proporção de termos referentes claros em relação à quantidade total de referentes utilizados (JUNCOS-RABADAN; PEREIRO; RODRÍGUEZ, 2005). Em seu experimento, no qual avaliaram medidas de coesão no discurso de idosos na comparação de adultos jovens, os autores observaram que idosos contavam a mesma narrativa que os mais jovens, contudo usavam mais palavras e maior quantidade de conteúdo irrelevante. Além disso, perceberam uma correlação significativa entre a escolaridade e o nível vocabular, embora a variável escolaridade não tenha sido controlada. A partir desses dados, os autores sugerem que, na produção de narrativas a partir de gravuras, o alto nível de escolaridade pode auxiliar em diversos aspectos: na construção de um esquema

global sobre o assunto, com base na representação visual em conjunto com seu conhecimento de mundo; na seleção e organização das proposições principais da narrativa; na escolha de mecanismos referenciais adequados para o reconhecimento do ouvinte. Os autores destacam ainda a importância de mais pesquisas sobre o tema, tendo em vista que a variável escolaridade não foi controlada, e também a análise de outros mecanismos de referenciação, como os dêiticos, por exemplo, que não foram computados em seu estudo.

Para melhor visualizarmos os dados acima discutidos sobre a produção do discurso no envelhecimento sadio e sua relação com a escolaridade, apresentamos o quadro-resumo a seguir.

Quadro 2: Quadro-resumo de estudos sobre a influência da escolaridade na produção do discurso

AUTOR(ES)	RESULTADOS
RIBEIRO; RADANOVIC (2014)	A maior escolaridade auxilia na compreensão e propicia maior produção de inferências; permite que o indivíduo preste mais atenção aos detalhes do estímulo.
SCHERER <i>et al.</i> (2012)	Idosos com maior nível de educação formal apresentam mais preservadas as habilidades discursivas, do que idosos com baixa escolaridade.
RIBEIRO <i>et al.</i> (2010)	As pessoas com maior escolaridade produzem maior número de palavras em tarefas de descrição de figuras; apresentam melhor compreensão de inferências baseadas em imagens; demonstram melhor capacidade de descrever imagens; retêm na memória proposições essenciais por mais tempo do que informações acessórias; com isso, apresentam melhor desempenho na produção e compreensão do discurso.
NITRINI <i>et al.</i> (2007)	As pessoas com maior escolaridade apresentam maior capacidade na geração espontânea de palavras.
BRANDÃO (2006)	Na produção da linguagem, o falante acessa conhecimentos sobre suas experiências de vida e experiências comunicativas.
ALVES; SOUZA (2005)	As pessoas com maior nível de escolaridade produzem maior número de unidade de informação.
JUNCOS-RABADAN; PEREIRO; RODRÍGUEZ (2005)	A maior escolaridade auxilia na construção de um esquema global sobre o assunto, devido à integração do maior conhecimento de mundo e à representação visual das imagens; auxilia na seleção e organização das proposições principais da narrativa e na escolha de mecanismos referenciais adequados para o reconhecimento do ouvinte.
DUONG; TARDIF; SKA (2003)	As pessoas com maior nível de escolaridade produzem ideias mais relevantes à sequência de gravuras.
MACKENZIE (2002)	A maior escolaridade não interfere no desempenho da conversa espontânea, apenas em tarefas de descrição de figuras, nas quais as pessoas com maior nível de educação formal apresentam mais descrições e mais completas.
DUONG; SKA (2001)	As pessoas com maior nível de escolaridade produzem ideias mais relevantes à sequência de gravuras; dependem menos das informações visuais; apresentam maior capacidade de analisar informação visual e

	transformá-la em informação verbal; produzem mais palavras, informações em maior número e mais completas.
MORROW; LEIRER; ALTIERI (1992)	O domínio do conteúdo da narrativa, proporcionado pelo maior conhecimento, diminui a demanda da memória de trabalho, deixando-a disponível para a organização do texto.

Fonte: A autora (2015)

Como recorte metodológico, neste estudo, serão analisadas duas narrativas orais: uma com auxílio de sequência de gravuras e outra, sem pista visual, o relato oral livre de uma notícia. As produções serão comparadas entre idosos com Doença de Alzheimer (DA) e indivíduos saudáveis.

Passamos, no próximo capítulo, para a caracterização da DA, bem como para a apresentação das características linguísticas apresentadas pelos indivíduos diagnosticados com essa doença, a fim fornecer o embasamento teórico necessário para se discutirem os dados a serem apresentados neste estudo.

1.3 A DOENÇA DE ALZHEIMER: UM OLHAR SOBRE A REFERENCIAÇÃO E O TIPO DE ESTÍMULO

A DA é uma enfermidade que causa progressiva demência, manifestada pela perda da função intelectual suficientemente severa para afetar a vida diária de uma pessoa, bem como a perda da memória. A pessoa será diagnosticada com DA quando, além de a memória estar afetada, existir pelo menos mais uma disfunção nos domínios da motricidade, da atenção, das funções executivas, da personalidade, do reconhecimento de objetos ou da linguagem (STERNBERG, 2012). Assim, faz-se necessário que especialistas das mais diversas áreas aprofundem-se nesse tema, a fim de que possam dar sua contribuição para o diagnóstico precoce, o que poderá auxiliar um tratamento também precoce, possibilitando melhores condições de vida a essas pessoas.

Trata-se de uma doença degenerativa progressiva e foi descrita em 1907 por Aloisius Alzheimer, após acompanhamento da paciente Auguste Deter, de 51 anos. A paciente observada por Alzheimer apresentava prejuízos em sua capacidade de memória, confundia linhas ao ler, soletrava as palavras sem entonação ou sem sentido, usava frases confusas ao falar, bem como parafasias (*jarra de leite* no lugar de *xícara*, por exemplo), perdia a concentração facilmente e não compreendia algumas perguntas. A descoberta foi retratada pelo cientista com a seguinte afirmação:

Clinicamente, a paciente apresentava um quadro clínico tão diferente que o caso não pode ser categorizado como qualquer doença conhecida. Anatomicamente, os achados foram diversos de todos os outros processos patológicos conhecidos até então. (ALZHEIMER, 1907 *apud* CAIXETA, 2012a, p. 23)

Achados neuropatológicos mostram a presença de placas neuríticas¹⁰ senis e emaranhados neurofibrilares (NFTs)¹¹, junto com a perda neuronal, neurites distróficas e gliose em exame *post mortem*. Essas placas são depósitos densos que ocorrem devido à divisão defeituosa de proteínas. Já os emaranhados neurofibrilares ocorrem dentro dos neurônios e acarretam a morte da célula.

Atualmente, quase todos os casos degenerativos primários são diagnosticados como DA. Por isso, sugere-se a possibilidade de mais de um tipo de DA, havendo a distinção entre formas de início precoce (em pacientes mais jovens, com menos de 65 anos) e tardio (quando ocorre depois dos 65 anos de idade), o que corresponde à

¹⁰ Lesões extracelulares, cujo principal componente é a proteína amilóide β 42 (DE PAULA; FORLENZA, 2012, p. 34).

¹¹ Lesões intracelulares, em sua maioria compostas por proteína tau hiperfosforilada (DE PAULA; FORLENZA, 2012, p. 34).

maioria dos casos diagnosticados. Vieira e Caixeta (2012) destacam que são acometidos pela DA cerca de 9% da população acima de 65 anos, 34% das pessoas com mais de 85 anos e 43% daquelas com mais de 95 anos. Segundo os autores, de 5 a 10% dos casos são familiares e outros 90% são casos esporádicos da doença. No entanto, o histórico familiar de DA aumenta em aproximadamente quatro vezes as chances de os familiares sofrerem da doença.

A DA é a mais prevalente das demências, com incidência de mais de 50% dos casos de demência senil (DE PAULA; FORLENZA, 2012; BADDELEY, 2011b). Podem ser considerados fatores de risco para essa doença a idade, a baixa escolaridade, história de traumatismo craniano com perda de consciência, descontrole dos fatores de risco cardiovascular (hipertensão, diabetes melito, dislipidemia), estilo de vida sedentário e baixa demanda cognitiva ao longo da vida, bem como fatores biológicos, como a presença do alelo $\epsilon 4$ do gene ApoE (APA, 1995).

Além desses fatores já citados, Vieira e Caixeta (2012) salientam ainda outros fatores ambientais relacionados à DA, tais como o tabagismo, a dieta alimentar com alto teor de gordura, o aumento de colesterol sanguíneo, obesidade, problemas de pressão arterial (tanto alta quanto baixa), hipertireoidismo, hipotireoidismo, sintomas depressivos, exposição a toxinas e drogas, a etnia caucasiana, o alumínio, a aterosclerose e ainda o sexo feminino, por ser maior o número de mulheres idosas em relação ao número de homens. Nas palavras dos autores,

Na DA, assim como em outras doenças crônicas, a causa de demência provavelmente deriva de uma combinação complexa de influências genéticas e exposições ambientais, e é provável que essas exposições ambientais se acumulem ao longo da vida inteira. Esses fatores representam um grande desafio e uma importante implicação para a intervenção preventiva da demência. (VIEIRA; CAIXETA, 2012, p. 59)

As manifestações clínicas incluem deterioração progressiva de habilidades intelectuais e declínio cognitivo, perda de memória que afeta as atividades diárias, dificuldades em executar tarefas familiares, problemas com a linguagem, tendência a perder-se devido à desorientação quanto ao tempo e ao espaço, julgamento precário ou reduzido, problemas com pensamento abstrato, mudanças de humor ou de comportamento e perda de iniciativa (DE PAULA; FORLENZA, 2012; BADDELEY, 2011b).

Devido à variada gama de sintomas, é difícil a realização do diagnóstico nos estágios iniciais da doença, sendo necessária a observação de deficiência na memória e em pelo menos mais dois outros aspectos cognitivos (BADDELEY, 2011b). Caixeta, Peleja e Barros (2012) corroboram essa ideia, afirmando que o diagnóstico de DA deve considerar alterações em três grandes domínios, sendo eles funcional, cognitivo e comportamental.

As primeiras queixas referem-se a déficits de memória, como esquecimento de nome de pessoas, de locais onde objetos foram guardados, além de repetições na conversação. Tanto os prejuízos na memória episódica quanto nas funções executivas – as quais podem ser definidas como atividades cognitivas que ajudam a manter um arranjo mental apropriado para alcançar um objetivo futuro, necessitando do desempenho de processos de focalização atencional, inibição, gerenciamento de tarefas, planejamento e monitoramento da execução de um comportamento dirigido a objetivos (KRISTENSEN, 2006) – desempenham importante papel na incoerência discursiva, que já começa a se manifestar desde as fases iniciais. Alterações de memória verbal e visuoespacial estão presentes, por exemplo, no esquecimento de recados e na frequência com que o indivíduo se perde em locais conhecidos (IZQUIERDO, 2006).

Os sintomas da DA aparecem gradualmente. No entanto, sua progressão é

contínua e irreversível. Trata-se de uma doença cuja evolução é lenta, podendo durar até 20 anos (SAYEG, 2009). Seus primeiros sintomas incluem a deterioração da memória episódica, porém, à medida que a doença progride, também são perceptíveis déficits na memória semântica, a qual diz respeito a todo conhecimento de mundo armazenado (STERNBERG, 2012).

Quanto ao diagnóstico da DA, Caixeta, Peleja e Barros (2012) destacam a seguinte terminologia para classificar os indivíduos com demência por DA: demência por provável DA e demência por possível DA. Para Brandão *et al.* (2009), a DA pode ser classificada em provável DA quando apresenta início insidioso e progressivo, causando alterações cognitivas, sem serem provocadas por outras doenças sistêmicas ou cerebrais, e possível DA nos casos em que o diagnóstico de DA (cujos sintomas são os mesmos de provável DA) se dá na presença de outras doenças sistêmicas ou funcionais que não correspondem à causa do quadro demencial. A demência por provável DA indica que o paciente apresenta um processo patológico ativo e em evolução, contudo não há como se especificar se esse processo patológico se deva realmente à DA (CAIXETA; PELEJA; BARROS, 2012).

A demência ainda pode ser classificada em demência leve, moderada e grave, de acordo com o grau de severidade com que a doença acomete o indivíduo. Na demência leve já se observa uma incapacidade significativa para as atividades do trabalho e atividades sociais, embora o indivíduo ainda tenha capacidade de vida independente, capacidade de julgamento e de realizar a higiene pessoal. Já na demência moderada, a vida independente torna-se um risco e faz-se necessária a supervisão desse indivíduo. Por fim, na demência grave há uma grande incapacidade para as atividades da vida diária, sendo necessária a supervisão constante do indivíduo, além de auxílio na manutenção de sua higiene, podendo ocorrer ainda a incontinência e o mutismo (CAIXETA, 2012b).

Para Sayeg (2009), a fase inicial da DA é a mais crítica, pois determinados sintomas iniciais são suportados pelo paciente, e os familiares os veem como parte do processo natural do envelhecimento, subvalorizando-os e protelando a investigação diagnóstica. O autor salienta ainda a importância de um diagnóstico precoce para o retardamento dos sintomas da DA. Segundo o autor, é necessário que se avaliem, além da memória, a linguagem, a coordenação motora, as condições perceptivas sensoriais, a capacidade de abstração, o raciocínio, a atenção e o cálculo.

Também Caixeta (2012b) ressalta a importância de se realizar um diagnóstico precoce da DA, a fim de iniciar o mais cedo possível as intervenções terapêuticas, na tentativa de retardar o ritmo de progressão da doença. Ainda segundo o autor, devido às dificuldades e à complexidade de se realizar um diagnóstico preciso de DA, é necessário contar com muitas modalidades de avaliação, tais como testes neuropsicológicos, laboratoriais, de neuroimagem e de linguagem. Sendo assim, destaca-se a importância de pesquisas na área da Linguística que possam contribuir para o reconhecimento de suas características de linguagem desde as fases mais iniciais da doença, de modo a auxiliar no seu diagnóstico precoce.

Tendo em vista que o diagnóstico para a DA se dá por meio de múltiplas avaliações, dentre elas, a avaliação da linguagem, uma vez que déficits nesse domínio ocorrem desde as fases iniciais da doença, passamos, nos próximos subcapítulos, à análise das características linguísticas na DA, em especial à produção do discurso e ao processo de referenciação, bem como à influência do estímulo fornecido para a produção do discurso.

1.3.1 Características da produção do discurso e da referenciação na Doença de Alzheimer

Déficits na linguagem na DA ocorrem desde os estágios iniciais (AHMED *et al.*, 2013), de modo que a disfunção da linguagem, com o avanço da patologia, causa uma significativa incapacidade nas habilidades comunicativas e, conseqüentemente, na autonomia do paciente.

Nos estágios iniciais, já se percebe a dificuldade em encontrar palavras e nomear objetos (TSANTALI; ECONOMIDIS; TSOLAKI, 2013; CAIXETA; CAIXETA; CAIXETA, 2012; SOARES; BRANDÃO; LACERDA, 2012; LIRA *et al.*, 2011), emissão de parafasias semânticas e substituições de palavras (*cachimbo* por *cigarro*) (SOARES; BRANDÃO; LACERDA, 2012; LIRA *et al.*, 2011), maior quantidade de repetições de palavras e revisões (LIRA *et al.*, 2011), menor fluência verbal (TSANTALI; ECONOMIDIS; TSOLAKI, 2013), uso de termos mais genéricos, como no caso dos hiperônimos (*animal* por *cachorro*) (SOARES; BRANDÃO; LACERDA, 2012).

No entanto, segundo Soares, Brandão e Lacerda (2012), “os déficits discursivos consistem no maior problema de comunicação das pessoas com DA”, fazendo com que elas dependam consideravelmente de seus interlocutores para manter uma comunicação, o que restringe sua interação social.

Quanto a esse aspecto, pesquisas mostram que o discurso de idosos diagnosticados com DA, seja no nível da produção ou da compreensão, mostra-se comprometido, evidenciando-se maior dificuldade em solucionar ambigüidades lexicais e sintáticas e em compreender provérbios populares (CAMPANHA *et al.*, 2008), diminuição da iniciativa e espontaneidade na comunicação, limitação de vocabulário e dificuldade de encadear ideias (MANSUR *et al.*, 2005). Idosos

diagnosticados com DA, comparados a idosos saudáveis, produzem menos inferências e também são menos hábeis em fornecer explicações sobre os eventos de uma história, confiando mais em seu conhecimento de mundo, o que, por sua vez, ocasiona inferências menos eficazes e declarações mais incoerentes (CREAMER; SCHITTER-EDGEcombe, 2010).

Observa-se também deficiências no planejamento do discurso desses indivíduos, demonstradas através de mais pausas silenciosas, mais alongamentos e hesitações (GAYRAUD; LEE; BARKAT-DEFRADAS, 2011; HOFFMANN *et al.*, 2010). Além disso, esses idosos demonstram uma produção de sequências menores de fala e mais turnos na conversação, o que sugere que a busca de palavras e o planejamento do discurso estariam alterados devido aos processos degenerativos próprios da doença (VALDIVIESO; LADINO; QUIROGA, 2003). Também Brandão *et al.* (2009) puderam verificar uma maior quantidade de proposições incompletas e incapacidade de utilizar as pistas para compensá-las, o que reflete um déficit de gerenciamento do conhecimento em pacientes com DA. Destaca-se ainda, na produção do discurso de idosos com DA, o menor uso de sentenças complexas, especialmente de orações coordenadas e reduzidas (LIRA *et al.*, 2011; SKA; DUONG, 2005) e menor número de proposições significativas (KING, 2012).

No que diz respeito a aspectos verbais e não verbais na produção da linguagem, idosos diagnosticados com DA, embora mantenham suas habilidades de comunicação não verbal preservadas, apresentam sua participação na comunicação parcialmente comprometida, demonstrando maior dificuldade no nível léxico-semântico (dificuldades de encontrar palavras) do que no nível pragmático (apresentação de informação em perguntas abertas) (ROUSSEAU *et al.*, 2010). Apresentam ainda uma maior ocorrência de mudança de rumo da trama na produção narrativa, acarretando comprometimento na coerência da história (ARTUZO;

PANHOCA, 2009).

Também Ash *et al.* (2007) perceberam limitações na comunicação desses pacientes, tais como omissão de aspectos centrais da história, dificuldade de encontrar palavras, além de menor conectividade local e dificuldade de manutenção do tema da história, o que pode estar relacionado a múltiplos déficits, dentre eles, prejuízos nas memórias episódica e semântica e deficiências nas funções executivas, componentes estes envolvidos na produção narrativa.

Ramanathan (1995) afirma ainda que o contexto interfere na interação verbal, de modo que algumas interações em contextos específicos, em casa ou na clínica, por exemplo, suscitam melhor estrutura narrativa. Conforme observado pelo autor, o discurso no centro de atendimento não foi tão bem formado como a conversação na casa do paciente, ocorrendo naquele mais pausas e descontinuidade, menor capacidade de analisar a conversa, além da produção de um discurso mais egocêntrico, com lapsos de coerência e mudança brusca de tópico. O autor sugere que essa grande diferença na produção do discurso pode se dar devido ao desconforto sentido em relação à clínica (o que não acontece em casa), às várias atividades acontecendo ao redor e às interrupções ocorridas na interação.

O reduzido número de unidades informativas, tanto em narrativa oral quanto escrita, tem demonstrado ser a característica mais saliente na diferenciação do discurso de idosos diagnosticados com DA e idosos saudáveis (ZRAICK *et al.*, 2011; MIRANDA, 2010; MURRAY, 2010). Kavé e Levy (2003) reforçam esses achados, observando que idosos diagnosticados com DA, embora mantenham a estrutura sintática da narrativa, produzem menos unidades de informação, mais erros semânticos e mais circunlóquios, o que pode ser uma estratégia para superar as dificuldades que enfrentam na situação de avaliação da comunicação. Além disso, esses participantes produzem mais pronomes que expressões nominais. Segundo os

autores, o uso excessivo de pronomes pode indicar dificuldades de encontrar as palavras apropriadas e a compensação através do uso de termos mais genéricos.

Por outro lado, Carlomagno *et al.* (2005) observaram que tanto afásicos com indivíduos acometidos pela DA, comparados com idosos saudáveis, apresentam redução na geração lexical de informações em seu discurso, relacionando esses déficits a comprometimento no nível léxico-semântico. Contudo, o discurso de pacientes com DA foi ainda menos eficiente no que diz respeito ao estabelecimento de referência do que o discurso dos afásicos, apresentando assim maior número de mal-entendidos e exigindo maior número de pistas explícitas do ouvinte, além de apresentar maior confusão e irrelevância, erros estes também relacionados à baixa habilidade de estabelecer referentes. Essa análise do desempenho dos participantes com DA mostrou que a geração lexical de informação pode dissociar-se da eficácia na tomada de referência, sustentando a visão de que a dificuldade na elaboração pragmática/conceitual do conteúdo do discurso desempenha um papel importante no desenvolvimento reduzido de informação e na dificuldade de estabelecer referência, ou seja, no desenvolvimento do chamado discurso vazio.

Evidências sutis de alterações na linguagem foram observadas já na fase prodrômica da DA (período entre o aparecimento dos sintomas iniciais da doença e o seu pleno desenvolvimento), sugerindo uma ruptura progressiva na integridade da linguagem, detectável desde essa fase (AHMED *et al.*, 2013). Segundo os autores, as medidas de teor semântico e lexical e de complexidade sintática podem captar a progressão global da deficiência linguística através dos sucessíveis estágios clínicos da doença. Portanto, a identificação de distúrbios específicos da linguagem no período prodrômico da DA poderiam auxiliar os médicos a distinguir a provável DA de mudanças atribuídas ao envelhecimento normal (AHMED *et al.*, 2013), justificando a importância de pesquisas linguísticas na área.

Apresentamos a seguir um quadro sintetizando a discussão desenvolvida acima sobre a produção do discurso na DA.

Quadro 3: Quadro-resumo de estudos sobre características da produção do discurso na DA

AUTORES	RESULTADOS
TSANTALI; ECONOMIDIS; TSOLAKI (2013)	Dificuldade de encontrar palavras e menor fluência verbal.
SOARES; BRANDÃO; LACERDA (2012)	Dificuldade de encontrar palavras e nomear objetos; tendência a usar termos mais genéricos; emissão de parafasias semânticas.
CAIXETA; CAIXETA; CAIXETA (2012)	Dificuldade de encontrar palavras e nomear objetos.
KING (2012)	Menor número de proposições significativas.
LIRA <i>et al.</i> (2011)	Dificuldade de encontrar palavras e nomear objetos; emissão de parafasias semânticas; maior quantidade de repetições de palavras e revisões; menor número de sentenças complexas.
ZRAICK <i>et al.</i> (2011)	Reduzido número de unidades informativas.
GAYRAUD; LEE; BARKAT-DEFRADAS (2011)	Mais pausas silenciosas, mais alongamentos e hesitações.
ROUSSEAU <i>et al.</i> (2010)	Dificuldade de encontrar palavras.
HOFFMANN <i>et al.</i> (2010)	Deficiências no planejamento do discurso, mais pausas silenciosas, mais alongamentos e hesitações.
CREAMER; SCHITTER-EDGEcombe (2010)	Menor número de inferências, menor habilidade em fornecer explicações sobre os eventos de uma história.
MURRAY (2010)	Reduzido número de unidades informativas.
MIRANDA (2010)	Reduzido número de unidades informativas.
BRANDÃO <i>et al.</i> (2009)	Proposições incompletas e incapacidade de utilizar pistas para compensá-las.
ARTUZO; PANHOCA (2009)	Maior ocorrência de mudança de rumo da trama, comprometendo a coerência da narrativa.
ASH <i>et al.</i> (2007)	Omissão de aspectos centrais da história, dificuldade de encontrar palavras, menor conectividade local e dificuldade de manutenção do tema da história.
MANSUR <i>et al.</i> (2005)	Diminuição da iniciativa e espontaneidade na comunicação, limitação do vocabulário e dificuldade de encadear ideias.
SKA; DUONG (2005)	Menor número de sentenças complexas.
CARLOMAGNO <i>et al.</i> (2005)	Menor número de informação lexical, dificuldade de estabelecer referências, causando mais confusões e irrelevâncias.
KAVÉ; LEVY (2003)	Menor quantidade de unidades informativas, mais erros semânticos, mais circunlóquios, mais pronomes do que expressões nominais.
VALDEVISIO; LADINO; QUIROGA (2003)	Sequências de fala menores e mais turnos na conversação.
RAMANATHAN (1995)	O contexto interfere no desempenho do discurso de idosos com DA. Na clínica, mais pausas silenciosas e descontinuidade, menor capacidade de analisar a conversa, discurso mais egocêntrico com lapsos de coerência e mudança brusca de tópico.

Fonte: A autora (2015)

Os achados dos trabalhos revisados mostram-nos que idosos com DA apresentam dificuldades na produção do discurso que podem comprometer suas habilidades comunicativas. Detectar essas características linguísticas precocemente

pode auxiliar a realização do diagnóstico da doença e, com isso, ser iniciado um tratamento adequado, na tentativa de oferecer melhor qualidade de vida a idosos acometidos pela DA, além de auxiliar os familiares e cuidadores na compreensão das capacidades e limitações linguísticas desses idosos, promovendo um melhor convívio social.

Como já mencionado, buscamos neste trabalho caracterizar a produção do discurso oral de idosos sadios e com DA, especificamente no mecanismo coesivo de referenciação. Como recorte metodológico, optamos por analisar a produção de discurso narrativo oral livre e com apoio de sequência de gravuras. Passemos, então, à revisão de literatura referente à relação entre o tipo de estímulo utilizado e a referenciação na produção do discurso na DA.

1.3.2 Características do discurso e da referenciação na Doença de Alzheimer e sua relação com o tipo de estímulo

Compreender o efeito da tipologia de tarefas sobre a produção de discurso por idosos sadios e idosos diagnosticados com DA, segundo Brandão e Parente (2011), é de suma importância, uma vez que esse conhecimento possibilita aplicações clínicas úteis, que podem auxiliar na detecção e no acompanhamento da progressão da doença, além de permitir que sejam traçadas intervenções a partir de mecanismos discursivos preservados e de *input* que auxilie o falante com DA. Também Obler *et al.* (1994) afirmam que o tipo de narrativa empregada pode ser muito importante para detectar diferenças discursivas relacionadas à idade, principalmente, as tarefas que demandam memória.

Os estímulos podem ser classificados em facilitadores ou diretivos, sendo aqueles os que envolvem apoiadores (tais como indagação aberta) e promovem a

participação ativa do indivíduo, enquanto estes envolvem pistas diretas (por exemplo, indagação específica). Brandão e Parente (2011) sugerem ainda o estímulo neutro, a partir do qual o pesquisador limita-se a dar a instrução da tarefa, solicitando ao participante que continue ou produza o discurso de forma independente, sem dar qualquer tipo de auxílio, a fim de evitar interferências no seu desempenho. Nesses casos, geralmente, o participante deve narrar algum evento autobiográfico. Além desses estímulos, as autoras citam ainda o estímulo naturalístico, quando se investiga a conversação em contexto mais próximo possível ao natural, sem que haja um controle do tipo de *input* fornecido (BRANDÃO; PARENTE, 2011).

A utilização de tarefas com *input* facilitador e diretivo, de acordo com Brandão e Parente (2011), apresenta grande potencial para desenvolver orientações aos familiares e cuidadores. O uso de figuras, segundo as autoras, serve para direcionar a construção do discurso do participante, sendo, portanto, semelhante ao *input* diretivo. Tarefas discursivas com estímulo visual pictórico complexo (sequência de figuras) parecem ser úteis para a detecção precoce da DA, pois destacam déficits que poderiam se mostrar muito discretamente em tarefas com estímulo visual pictórico simples (figura única) e nas tarefas de narrativas autobiográficas (estímulo neutro).

A sequência de gravuras, ao contrário de figura única, fornece mais pistas para a organização da narrativa, segundo Ska e Duong (2005). No entanto, as autoras salientam que, embora os participantes com DA sejam capazes de selecionar as informações no plano visual, ainda têm dificuldades no processo de construir a narrativa, pois essa etapa exige a realização de inferências (uma vez que nem todos os elementos da história são apresentados), o que é difícil aos idosos com DA, devido a sua dificuldade em fazer abstrações. De acordo com as autoras, idosos

diagnosticados com DA são capazes de analisar imagens e gerar ideias refletindo elementos da situação percebida, indicando que o conteúdo semântico não estaria prejudicado pela doença (o que contraria, segundo elas, a maior parte dos resultados encontrados na literatura). No entanto, pacientes com DA produziram menos macroproposições, o discurso desses indivíduos foi menos completo, apresentando um conteúdo reduzido. As autoras verificaram também que o discurso dos participantes diagnosticados com DA apresentou menor número de elementos da estrutura narrativa e de elementos de transição do texto; menor vocabulário e pronomes às vezes sem referentes. Uma possível justificativa para tais dificuldades pode ser problemas executivos, tendo em vista que para construir uma história deve-se selecionar, relacionar e organizar as informações de acordo com um plano específico (SKA; DUONG, 2005).

Essa conclusão respalda a hipótese de Ehrlich, Obler e Clark (1997), de que tanto o sistema léxico-semântico quanto o sistema ideacional¹² estão envolvidos na produção do discurso. Os pesquisadores puderam verificar que o desempenho de pacientes com DA melhorava quando a mensagem das figuras continha menos informações. E, embora pacientes com DA tenham produzido menor conteúdo, em termos de proposições e itens lexicais, sentenças mais curtas, frases mais segmentadas e erros de referências, na comparação com idosos saudáveis, eles produziram mais conteúdo-alvo quando o estímulo narrativo era mais simplificado. Essa diminuição de conteúdo narrativo para as figuras mais complexas, com altas condições de conteúdos, aponta, segundo os autores, para um déficit que se estende

¹² Sistema ideacional refere-se ao sistema de representações e incorpora as funções executivas de formulação e planejamento de metas, isto é, a ideação corresponde à fase de planejamento do discurso, na qual o falante formula o plano para atingir o objetivo da mensagem (EHRlich; OBLER; CLARK, 1997).

além do processamento léxico-semântico, refletindo uma deficiência ideacional, ou seja, de planejamento.

Brandão, Parente e Peña-Casanova (2010) ratificam que estímulos de sequência de gravuras para a produção de discurso narrativo possibilitam a utilização de pistas visuais para a emissão de informação relacionada ao tema, ainda que, algumas vezes, desconectadas. Os autores sugerem ainda que o estímulo visual de sequência de gravuras pode favorecer a produção de asserções contextualmente dependente das gravuras, ou seja, comentários realizados enquanto apontam para uma das figuras e fornecem informações ou descrevem as ações dos personagens. Trata-se, segundo os autores, de informações/descrições desconectadas e isoladas da estrutura narrativa. Além disso, os autores observaram uma tendência maior em identificar e descrever os personagens ao invés de suas ações, indicando que “fazer referências sobre as ações dos personagens é uma atividade muito mais complexa do que nomear personagens a partir de figuras” (BRANDÃO; PARENTE; PEÑA-CASANOVA, 2010, p. 315).

Também March, Wales e Pattison (2009) verificaram que pacientes com DA, com dificuldades de processamento verbal, tendem a identificar o nome dos objetos em vez de narrar os acontecimentos mostrados pela gravura, em testes que usam esse estímulo; ou seja, focam-se na nomeação dos elementos da gravura, fornecendo uma descrição ao invés de uma narração, como forma de compensar o desempenho esperado. Os autores chamam atenção ainda ao fato de que a maneira e o grau com que o contexto é compartilhado entre os interlocutores são alguns fatores que podem impor exigências linguísticas e cognitivas específicas durante a produção do discurso. Em relação aos dêiticos, por exemplo, os autores confirmam a hipótese de que a sua utilização baseia-se em uma série de processos cognitivos, determinados pelas exigências e propriedades do contexto comunicativo (MARCH; WALES;

PATTISON, 2009).

Duong, Tardif e Ska (2003) observam que, embora pacientes com DA apresentem desempenho inferior ao de idosos saudáveis na produção de narrativas com apoio visual, a sequência de figuras proporcionou um desempenho mais estável na produção do discurso de indivíduos com DA, auxiliando-os a organizarem temporalmente os fatos da história, enquanto que com estímulos pictóricos únicos demonstraram mais déficits discursivos. Segundo os autores, esse melhor desempenho pode ser influenciado pelo fato de a organização da história estar disponível visualmente, não havendo a necessidade de organizar ideias antes de expressá-las, ocorrendo, portanto, a produção da narrativa mais ou menos dentro da sequência de macroproposições. Nesse sentido, cabe destacar a afirmação de Forbes, Venneri e Shanks (2002) de que o estímulo pictórico complexo (sequência de gravuras) demonstra ser uma ferramenta mais sensível aos déficits discursivos do que a figura única.

Brandão e Parente (2011) destacam, no entanto, que a maioria das tarefas discursivas que faz uso de gravuras “instiga” a descrição, um tipo textual menos complexo e contextualmente dependente da figura. As autoras chamam a atenção ao fato de que as pesquisas que fazem uso desse recurso para induzir a produção de narrativas de pessoas com DA têm apresentado como resultados discursos vazios e repetitivos.

Lira *et al.* (2014) afirmam que não há diferenças significativas entre idosos saudáveis, com DA leve ou DA moderada no número total de palavras emitidas na produção de narrativa a partir de figura única. No entanto, em relação ao número de unidades informativas (UI) nessas narrativas, os idosos saudáveis apresentam quase o dobro do que idosos com DA leve, e mais que o dobro na comparação com idosos com DA moderada.

As tarefas com apoio de figuras podem levar à realização de narração personalizada, em que os pacientes com DA associam os fatos e os personagens da história a eventos e pessoas de seu convívio (SAYEG, 2009), e favorecem o uso excessivo de dêiticos, os quais surgem devido às dificuldades de recuperação lexical (SOARES; BRANDÃO; LACERDA, 2012).

Lira (2014), ao analisar a produção oral de discurso narrativo de pacientes com DA, suscitada por meio de sequência de gravuras (as mesmas empregadas na presente pesquisa), também verificou que esses participantes apresentaram prejuízos quanto ao número de macroproposições da narrativa, além de déficits em elos coesivos, tais como elos referenciais (relações semânticas), elipses e conjunções. A autora chama a atenção para o fato de as alterações nos dispositivos coesivos terem sido um dos componentes do discurso que melhor diferenciou o discurso de idosos com e sem DA, de modo que se tornam importantes mais estudos aprofundados para a compreensão desse fenômeno.

Embora o estudo de Lira (2014) tenha usado o mesmo estímulo visual para solicitar a narrativa que o presente estudo, eles se diferem pelo fato de que o presente estudo busca verificar o impacto da escolaridade no processo de referenciação na produção do discurso, fator este que pode influenciar tal desempenho, tendo em vista o seu papel na produção do discurso no envelhecimento, como discutido na seção 1.2.1. Além disso, a análise da autora mostrou-se mais quantitativa, verificando o número de elementos referenciais (pronomes pessoais de 3ª pessoa, possessivos e demonstrativos), lexicais (seleção vocabular para reiteração de léxico idêntico, superordinado ou subordinado, sinônimo ou palavras relacionadas), elipses (elemento não emitido) e rupturas coesivas referenciais (elemento referencial sem referente), não apresentando uma análise linguística do uso desses elementos no discurso dos pacientes, uma vez que seu objetivo era detectar um ponto de corte para caracterizar

a presença ou não de DA, de acordo com o desempenho dos idosos nas tarefas solicitadas, a fim de padronizar a tarefa para uso clínico e em pesquisa.

Em relação às tarefas de produção de narrativas com apoio visual e relato autobiográfico, Brandão (2005) observou que, em ambas as tarefas, os escores de coerência global foram mais baixos para idosos com DA do que para idosos do grupo controle. A coerência local tem se mostrado mais prejudicada à medida que a doença progride. Além disso, o desempenho discursivo apresentou diferença significativa entre as tarefas autobiográficas e a tarefa com pista visual, sendo esta mais debilitada. A autora apresenta como justificativa para esses déficits a maior demanda de recursos cognitivos exigidos pela tarefa com pista visual.

Samara (2005) igualmente investigou a habilidade discursivo-narrativa de paciente com DA, a partir do discurso autobiográfico (um relato de experiência pessoal) e do discurso com pistas visuais (gravura única e sequência de gravuras). Os resultados da pesquisa indicam que há uma diferença significativa nos três níveis de análise realizados – micro, macroestrutural e pragmático – na comparação entre participantes com DA e idosos sadios do grupo controle. As narrativas dos participantes com DA, produzidas a partir de auxílio de gravuras, apresentaram reduzido número de unidades semânticas, o que, segundo a autora, poderia estar associado à dificuldade de identificação do material iconográfico, levando a uma produção maior de dêiticos. Os pacientes com DA demonstraram ainda uma incapacidade de ultrapassar uma análise primária dos elementos das figuras, acarretando um prejuízo na organização da estrutura narrativa e gerando apenas uma descrição estática, sem progressão de eventos. Foi possível perceber também a emissão de parafasias narrativas¹³, ou seja, a intrusão de um ou mais elementos não

¹³ Parafasias narrativas são declarações que formam uma microestrutura narrativa totalmente

pertencentes à história-alvo. Além disso, os participantes diagnosticados com DA apresentaram distúrbios anafóricos (anáfora sem referente lexical e anáfora com referente lexical ambíguo), conduzindo, muitas vezes, a um desarranjo na coerência da narrativa. No geral, a narrativa produzida por esses participantes apresentou uma estrutura simples, com omissão de seqüências da narrativa (SAMARA, 2005).

Já na comparação entre geração livre de história narrativa e reconto narrativo, Samara (2005) demonstrou algumas desvantagens do reconto, pois neste os déficits de memória de trabalho parecem ser os responsáveis pelas dificuldades discursivas dos pacientes. Segundo a autora, portanto, a geração de história por confronto visual pode reduzir a influência de déficits mnemônicos, presentes na DA, o que corrobora a tese de Duong, Tardif e Ska (2003), de que tarefas com auxílio de gravuras são eficientes para a produção de discurso narrativo, pois reduzem a demanda de memória, uma vez que o conteúdo está acessível visualmente ao participante durante todo o período de execução da tarefa, além de que o pesquisador tem acesso ao conteúdo alvo da narrativa.

Quanto ao tipo de estímulo visual, Samara (2005) propõe que figuras temáticas permitem criar condições padronizadas de suscitar uma história, possibilitando a comparação entre as produções dos participantes. Além disso, por não ser uma história conhecida, não reflete um discurso já internalizado, enquanto as figuras com carga emocional, ao contrário das neutras, normalmente veiculam um conteúdo socialmente compartilhado. Samara (2005) salienta ainda que essa não se trata de uma tarefa puramente de produção, pois o indivíduo extrai a história de uma representação iconográfica, fazendo-se necessário também o uso de uma tarefa de

diferente da narrativa-alvo (SAMARA, 2005).

geração espontânea. Para a autora, as figuras únicas e seriadas envolvem diferentes aspectos linguístico-discursivos: nesta a estrutura da história está explicitamente retratada, enquanto naquela a estrutura encontra-se implícita.

A autora observa que lesões nas áreas corticais associativas terciárias, presentes na DA, podem ser responsáveis por déficits em habilidades visuoespaciais, necessárias à produção de narrativas baseadas em estímulo visual, uma vez que a narrativa nascerá a partir do momento em que o indivíduo conseguir detectar movimentos em algo estático. A autora destaca também que, em seu estudo, pacientes com DA, além de demonstrarem déficits em medidas visuoperceptivas, produziram narrativas com características preservadas quando a sua geração foi livre, o que vem ao encontro de sua hipótese de que as deficiências na produção do discurso com apoio visual se devem a déficits perceptivos e não propriamente linguísticos.

O discurso narrativo de pacientes com DA, suscitado através da produção de narrativas por meio de figura única, sequência de figuras e relato de experiência pessoal, também foi analisado por Bastos (2000). A autora analisou essas narrativas nos níveis microestrutural (número de conectivos, número de orações justapostas e presença de distúrbios anafóricos) e macroestrutural (superestrutura narrativa e parafasias narrativas). Os dados encontrados pela autora mostram que pacientes com DA demonstram falha na compreensão do conteúdo total da sequência de quadros, produzindo predominantemente descrição e não narração, de modo que cada quadro acaba constituindo um mundo narrado fechado. Isso leva a uma simplificação sintática, aumento no número de períodos justapostos, sem recuperar o que foi dito antes para relacionar ao que está sendo dito no momento presente, ocasionando a quebra da macroestrutura. A autora sugere que a presença de enunciados muito breves tenha encoberto possíveis distúrbios anafóricos, uma vez que a ativação dos

referentes se deu basicamente na dependência do espaço visual iconográfico, acarretando o aumento no uso de dêiticos. Bastos (2000), em seu estudo, observou ainda que pacientes com DA são influenciados pelo contexto no qual ocorre a situação comunicativa, colocando-se como personagem e acrescentando elementos desse contexto na história, produzindo, assim, parafasias narrativas, tal como verificado por Samara (2005). Além disso, pacientes com DA apresentaram mais modalizadores em seu discurso, indicando incerteza no que diziam.

Quanto à produção de uma narrativa a partir de relato pessoal, a autora pôde verificar que nessa tarefa nenhum participante diagnosticado com DA produziu frases soltas, mas sim textos, apresentando uma superestrutura narrativa preservada. Uma justificativa apontada pela autora para esse achado seria o fato de que essa história, além de ter sido vivida pelo participante, já poderia ter sido contada e recontada inúmeras vezes por ele. A autora também observou a ausência de modalizadores, uma vez que os participantes demonstravam mais certeza da história que estava sendo contada. Com esses resultados, a autora sugere que dificuldades narrativas na DA podem estar relacionadas a déficits que vão além da linguagem, podendo haver prejuízo nas habilidades visuoperceptivas espaciais (BASTOS, 2000).

Segundo Lai e Lin (2012), idosos diagnosticados com DA produzem menos marcadores¹⁴ para expressar relação coesiva entre as ideias do que idosos do grupo controle. Contudo, esses pacientes apresentam duas vezes mais marcadores no discurso narrativo do que no descritivo, ao passo que para idosos saudáveis essa

¹⁴ Marcadores são elementos sequencialmente dependentes, fora das unidades da conversa. Trata-se de uma classe de expressões lexicais (conjunções, advérbios, sintagmas proposicionais), as quais impõem uma relação entre alguns aspectos de dois segmentos do discurso, com a finalidade de ajudar na compreensão do interlocutor e na interação entre os interlocutores (*na verdade, sabe, como, eu quero dizer*, etc.) (LAI; LIN, 2012).

proporção é três vezes maior. Os autores justificam esses resultados pelo fato de o contexto pictográfico limitar o uso de marcadores, enquanto a tarefa de perguntas e respostas oferece perguntas abertas sem qualquer contexto limitador, possibilitando ao participante discorrer sobre experiências próprias, o que leva a um melhor desempenho no discurso autobiográfico, confirmando, portanto, os achados de Bastos (2000), Samara (2005) e Brandão (2005), acima descritos, bem como os resultados encontrados por Mohamad *et al.* (2013), que verificaram um texto com menos palavras vazias, ou seja, com mais conteúdo, quando o estímulo para a produção de narrativas autobiográficas foi uma música.

Na linguagem espontânea, observa-se o uso excessivo de dêiticos e circunlóquios, ou seja, utilização de expressões vazias, generalizadas (*coisa, negócio, etc.*); o vocabulário torna-se empobrecido e há redução de fluência verbal. O indivíduo apresenta ainda declínio na coerência discursiva, violando as leis conversacionais, além de alguns déficits fonológicos e sintáticos (SOARES; BRANDÃO; LACERDA, 2012). Os autores sugerem que lesões subcorticais podem ser responsáveis pela dificuldade na recuperação/evocação de palavras, de modo que o distúrbio esteja no acesso à informação armazenada na memória e não na perda desse armazenamento.

Almor *et al.* (1999) verificaram que idosos diagnosticados com DA produzem mais pronomes na fala espontânea (narrativa autobiográfica) do que idosos saudáveis, pareados por idade. Segundo os autores, a repetição de uma referência serve para reativar na memória a representação dos referentes. Assim, os pronomes, devido a sua limitada informação semântica, seriam ativadores menos eficazes de representações na memória do que sintagmas nominais completos, os quais carregam mais carga informativa. Decorre daí a caracterização do discurso de idosos com DA como sendo um discurso vazio.

Dijkstra *et al.* (2004) também fizeram uso de narrativa espontânea autobiográfica para analisar os padrões de construção do discurso, bem como as características que o prejudicam, entre idosos com DA e idosos saudáveis, a partir de elementos de coesão, coerência e concisão, a fim de relacioná-los com o processamento da memória. Os autores puderam verificar que pacientes com DA, na comparação com idosos saudáveis, apresentaram menos características de coerência e coesão nas suas produções, sendo mais frequentes mudanças abruptas de tópico, produção de frases vazias, discurso vago, indefinido e repetitivo, vocabulário limitado e erros de coesão temporal e referencial. Contudo, não houve diferença significativa entre os grupos na coerência local. Segundo os autores, a falta de diferenças nesse aspecto pode indicar que há habilidades relativamente preservadas em idosos com DA, até a progressão em direção a estágios mais avançados da doença.

Por fim, na comparação entre produção de discurso procedural, aquele em que o indivíduo deve explicar como se procede para realizar determinada tarefa (por exemplo, como se faz café, como se frita um ovo) e reconto, por idosos com DA, observou-se reduzido vocabulário, repetições, uso abundante de pronomes, os quais diminuem a capacidade de informar. Contudo, houve uso adequado de sintagma nominal na função de sujeito, embora tenham sido empregadas expressões extremamente simples, repetitivas e vagas, sem especificidade (MORTENSEN, 1992).

A fim de melhor apresentar os resultados de pesquisas acima descritos, acerca da produção do discurso narrativo por idosos diagnosticados com DA e o tipo de estímulo que suscitou a narrativa, apresentamos o quadro a seguir.

Quadro 4: Quadro-resumo de estudos sobre a produção do discurso narrativo por idosos diagnosticados com DA e o tipo de estímulo

TIPOS DE ESTÍMULO	RESULTADOS	AUTOR(ES)
Sequência de figuras	<p>Acarreta menor número de macroproposições da narrativa, déficits em elos coesivos (referenciais, elipses e conjunções).</p> <p>Permite a percepção lógica da sequência narrativa, mas demanda alto nível de atenção e controle executivo.</p> <p>É útil para detectar DA precocemente, pois detecta déficits que poderiam se mostrar mais discretos em estímulos simples e narrativas autobiográficas.</p> <p>Permite a utilização de pistas visuais para a emissão de informações, mesmo que desconectadas. Favorece a emissão de asserções dependentes das figuras, a identificação e a descrição de personagens no lugar de suas ações, talvez pelo fato de fazer referência a ações ser uma atitude mais complexa do que nomear personagens.</p> <p>Propicia a apresentação explícita da estrutura da história e da organização cronológica dos fatos.</p> <p>Fornece mais pistas que a gravura única para a organização da narrativa, permite a análise de imagens para geração de elementos percebidos. Contudo, na pesquisa, houve menos macroproposições e elementos da narrativa, conteúdo reduzido, menos elementos de transição, menor vocabulário e de pronomes sem referentes.</p> <p>Participantes demonstram desempenho discursivo significativamente inferior em relação a tarefas autobiográficas, devido à maior demanda de recursos cognitivos.</p> <p>Proporciona um desempenho mais estável na produção do discurso de idosos com DA, auxilia-os a organizarem temporalmente os fatos da história.</p> <p>É mais sensível a déficits discursivos do que a figura única.</p> <p>Permite a produção de ideias relevantes, dependendo do grau de conhecimento (nível de escolaridade) do indivíduo.</p> <p>Possibilita a falha na compreensão do conteúdo total da sequência de quadros, produzindo descrição isolada de cada quadro, e não uma narração, reduzida estrutura sintática, maior número de períodos justapostos, sem recuperar o que foi dito antes, e quebra da macroestrutura e maior número de dêiticos.</p>	<p>LIRA (2014)</p> <p>SOARES; BRANDÃO; LACERDA (2012)</p> <p>BRANDÃO; PARENTE (2011)</p> <p>BRANDÃO; PARENTE; CASA-NOVA (2010)</p> <p>SAMARA (2005)</p> <p>SKA; DUONG (2005)</p> <p>BRANDÃO (2005)</p> <p>DUONG; TARDIF; SKA (2003)</p> <p>FORBES <i>et al.</i> (2002)</p> <p>DUONG; SKA (2001)</p> <p>BASTOS (2000)</p>
Figura única	Gera o menor número de palavras totais e de unidades	LIRA <i>et al.</i> (2014)

	<p>de informação, na comparação com a sequência de figuras.</p> <p>Favorece a produção de descrição de personagens e objetos no lugar de uma narrativa.</p> <p>Pacientes demonstram um discurso vazio e repetitivo, revelando falhas linguísticas e não problemas de memória.</p> <p>Permite a seleção de informações no plano visual, mas não diminui a dificuldade de idosos com DA em produzirem uma narrativa e realizarem inferências.</p> <p>Apresenta implicitamente a estrutura da história.</p>	<p>SOARES; BRANDÃO; LACERDA (2012)</p> <p>BRANDÃO; PARENTE (2011)</p> <p>SKA; DUONG (2005)</p> <p>SAMARA (2005)</p>
Narrativa autobiográfica	<p>Permite a produção de um texto com mais conteúdo, após ouvir uma música de livre escolha.</p> <p>Apresenta mais marcadores para expressar relação coesiva entre as ideias do que em tarefa com figura única.</p> <p>Apresenta melhor desempenho discursivo, tanto em tarefas com e sem pistas, do que na produção de narrativa através de gravuras.</p> <p>Apresenta menor nível de coesão e coerência, pelos idosos com DA na comparação com idosos saudáveis, mais mudanças abruptas de tópicos, discurso vago, indefinido e repetitivo, com erros de coesão temporal e referencial.</p> <p>Demonstra superestrutura narrativa mais preservada, sem frases soltas e ausência de modalizadores, demonstrando mais certeza na emissão das informações, devido ao discurso estar internalizado e já ter sido repetido várias vezes.</p> <p>Apresenta maior número de dêiticos, na produção de idosos com DA na comparação com idosos saudáveis.</p>	<p>MOHAMED <i>et al.</i> (2013)</p> <p>LAI, LIN (2012)</p> <p>BRANDÃO (2005)</p> <p>DIJKSTRA <i>et al.</i> (2004)</p> <p>BASTOS (2000)</p> <p>ALMOR <i>et al.</i> (1999)</p>
Geração livre de narrativa	<p>Permite o uso excessivo de dêiticos, expressões generalizadas, declínio na coerência, violação das leis conversacionais, déficits fonológicos e sintáticos.</p> <p>Apresenta reduzido vocabulário, repetições, uso abundante de pronomes. Uso adequado de sintagma nominal na função de sujeito, porém com expressões extremamente simples, repetitivas e vagas, na produção de discurso procedural.</p>	<p>SOARES; BRANDÃO; LACERDA (2012)</p> <p>MORTENSEN (1992)</p>
Reconto narrativo	<p>Apresenta déficits discursivos quando há prejuízos mnemônicos.</p>	<p>SAMARA (2005)</p>

Fonte: A autora (2015)

Dentre os trabalhos revisados, não encontramos nenhum estudo que tenha

solicitado a produção de um relato de notícia. Sendo assim, optamos por esse estímulo para elucidar a produção de uma narrativa livre (de caráter mais naturalístico). O caráter autobiográfico do discurso já foi bastante investigado; nele, como visto, os idosos diagnosticados com DA demonstram melhores resultados justamente pelo fato de produzirem uma história já bastante internalizada.

Além do relato da notícia, solicitamos ainda uma narrativa com apoio visual de sequência de figuras, estímulo escolhido devido ao fato de que tem sido considerado apto a identificar déficits na produção da linguagem desde as fases iniciais da DA, conforme mencionado anteriormente. Assim, podemos fazer uma comparação entre os dois estímulos.

Diante desses estudos, em sua grande maioria internacionais, buscamos verificar, neste estudo, o processo de referenciação na produção de narrativas orais por idosos sadios e idosos diagnosticados com provável DA e sua relação com a escolaridade e o tipo de estímulo. Buscamos, na verdade, encontrar dados que nos permitam compreender melhor as características da produção de discurso oral por idosos com DA, em especial na referenciação. Dessa forma, será possível averiguar com melhor profundidade essa importante questão linguística, a qual permeia a fala diária desses indivíduos e se constitui em uma ferramenta importante para sua funcionalidade em seu meio social, incluindo o familiar. Partimos, no próximo capítulo, para a definição da pesquisa.

2 DEFINIÇÃO DA PESQUISA

Neste capítulo, apresentamos a caracterização desta pesquisa, os objetivos pretendidos, bem como as hipóteses levantadas, além dos critérios de exclusão e inclusão dos participantes, a descrição das tarefas linguísticas utilizadas e o método de análise dos dados coletados.

2.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

A presente pesquisa, aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da PUCRS, sob registro número 21006913.0.0000.5336, encontra-se inserida em um projeto maior, intitulado “*Aspectos semânticos e discursivos no envelhecimento sadio, no Declínio Cognitivo Leve e na Doença de Alzheimer relacionados à escolaridade: um estudo longitudinal com fMRI*”, coordenado pela professora Dra. Lilian Cristine Hübner, em parceria com o projeto PENCE (Programa de Envelhecimento Cerebral), coordenado pelo professor Dr. Irênio Gomes da Silva Filho, coordenador do Instituto de Geriatria e Gerontologia (IGG) da PUCRS.

O estudo aqui apresentado trata de uma pesquisa exploratória, em que foi analisada a produção do discurso narrativo oral de 19 participantes idosos sadios com baixa escolaridade, 20 participantes idosos sadios com alta escolaridade e quatro participantes idosos com baixa escolaridade diagnosticados com provável DA, no intuito de verificar como se dá o processo de referenciação no discurso desses participantes e sua relação com a escolaridade e o tipo de estímulo.

2.2 OBJETIVO GERAL

Verificar como se dá o processo de referenciação em duas distintas modalidades de narrativas orais produzidas por idosos saudáveis e idosos diagnosticados com provável Doença de Alzheimer e sua relação com a escolaridade e com o tipo de estímulo.

2.3 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Como objetivos específicos, propusemos os seguintes:

1) Verificar o impacto do tipo de narrativa na referenciação, em idosos saudáveis, numa análise intragrupos, ou seja, verificando a referenciação em cada tipo de narrativa dentro de cada grupo.

2) Verificar o impacto da escolaridade na referenciação na produção de narrativas orais, em idosos saudáveis, numa análise intergrupos, ou seja, comparando-se o desempenho dos dois grupos nos dois tipos de narrativas.

3) Comparar o desempenho dos participantes diagnosticados com DA, em termos de referenciação, em cada um dos dois tipos de narrativas.

4) Comparar o desempenho dos participantes diagnosticados com DA, em termos de referenciação, com o desempenho do grupo controle de baixa escolaridade, considerando-se os dois tipos de narrativas.

A partir dos objetivos listados e com base na literatura visitada, postulamos as hipóteses, relacionadas a seguir.

2.4 HIPÓTESES

H1 – Impacto do tipo de narrativa na referenciação de idosos sadios

A hipótese 1 postula que ambos os grupos de participantes sadios (idosos de alta e de baixa escolaridade numa análise intragrupos) demonstrarão melhor desempenho no processo de referenciação na narrativa com apoio visual de sequência de figuras, apresentando nesses textos maior número de referentes e de cadeias referenciais, mais retomadas e maior número de dêiticos, além de menor número de pronomes ambíguos e/ou sem referentes e de palavras com sentido vago. Acredita-se também que o emprego dessas referências por ambos os grupos de idosos sadios seja mais adequado no texto com apoio visual.

H2 Impacto da escolaridade na referenciação em narrativas orais entre em idosos sadios, considerando-se o tipo de estímulo.

A hipótese 2 postula que idosos saudáveis de alta escolaridade apresentarão desempenho superior ao de idosos de baixa escolaridade no processo de referenciação em ambas as narrativas, com maior número de referentes e de cadeias referenciais, mais retomadas, menor número de pronomes ambíguos e sem referentes, de palavras com sentido vago e de dêiticos. Acredita-se também que o emprego dessas referências pelo grupo de alta escolaridade seja mais adequado do que o realizado pelo grupo de baixa escolaridade.

H3 A influência do tipo de narrativa na referenciação na DA

A hipótese 3 postula que idosos diagnosticados com provável DA apresentarão desempenho prejudicado em ambas as narrativas, porém com mais dificuldades nos relatos de notícias, apresentando nestes menor número de referentes, cadeias

referenciais e retomadas e maior número de pronomes ambíguos e/ou sem referentes e de palavras com sentido vago. Por outro lado, nas narrativas com apoio visual, espera-se maior número de dêiticos. Postula-se ainda que idosos diagnosticados com DA apresentarão emprego mais inadequado das expressões referenciais nos relatos de notícias, tendo nessa tarefa um desempenho inferior.

H4 *O impacto da DA na referenciação em relato livre de notícia e narrativa com apoio visual de sequência de figuras, comparando-se com grupo controle*

A hipótese 4 postula que idosos diagnosticados com provável DA apresentarão desempenho inferior no processo de referenciação, na comparação com idosos saudáveis, em ambas as narrativas, apresentando menor número de referentes e de cadeias referenciais, menos retomadas anafóricas, maior número de pronomes ambíguos e ou/sem referentes, de palavras com sentido vago e de dêiticos. Postula-se também que os participantes com DA usarão de modo mais inadequado essas referências, comprometendo o sentido do enunciado.

2.5 MÉTODO

A seguir, apresentamos o método utilizado para a realização desta pesquisa, começando pela caracterização dos participantes e pelos critérios para a sua seleção, incluindo os testes neuropsicológicos e os empregados para diagnóstico de DA. Em seguida, apresentamos os instrumentos linguísticos utilizados para a produção do discurso e o procedimento para sua aplicação, bem como os procedimentos para a análise dos dados coletados.

2.5.1 Participantes

Nesta pesquisa contamos com a participação de três grupos. O primeiro, composto por 20 idosos saudáveis com alta escolaridade; o segundo, com 19 idosos saudáveis com baixa escolaridade e o terceiro formado por quatro idosos diagnosticados com DA leve a moderada. Os participantes foram pareados por idade e nível socioeconômico.

Os participantes diagnosticados com provável DA foram recrutados no ambulatório do Programa de Envelhecimento Cerebral (PENCE) do Hospital São Lucas da PUCRS e foram avaliados por testes neurológicos, psiquiátricos e linguísticos. Esses dados foram coletados e analisados pela equipe do projeto PENCE, composta por neurologistas, fonoaudiólogos e psicólogos e coordenada pelo Dr. Irênio Gomes da Silva Filho, a qual é responsável pelo diagnóstico de DA. Os demais participantes foram recrutados na comunidade e também foram submetidos a testes neuropsicológicos, com intuito de estabelecer uma comparação intergrupos.

Os testes neurológicos e dados socioeconômicos dos participantes deste estudo foram coletados por uma equipe integrante do PENCE, dentro das atividades de triagem e caracterização das amostras, e os resultados foram repassados ao grupo de pesquisa do projeto maior no qual este se encontra inserido, visto que as pesquisas se integram e complementam.

Apresentamos a seguir os testes aplicados junto aos participantes diagnosticados com DA e os participantes saudáveis.

Instrumentos administrados somente para o grupo clínico, ou seja, idosos diagnosticados com provável DA.

a) Addenbrook (ACE-R) (CARVALHO; CARAMELLI, 2007): para avaliar medidas cognitivas, a partir de tarefas que mensuram memória, funções executivas,

memória visuoespacial e linguagem. A tabela a seguir demonstra o ponto de corte adotado para cada domínio cognitivo.

Tabela 1: Ponto de corte para a bateria Addenbrook

	Na.	1ºg I	1ºg C	2ºg C
MEEM	17	22	22	24
ACER-R	50	60	70	80
Atenção-Orientação	10	12	14	16
Memória	10	12	14	16
Fluência	3	5	7	9
Linguagem	12	16	20	22
Visuo-espacial	9	10	11	12

Nota: **MEEM**: Mini-exame do Estado Mental;

ACER-R: *Addenbrooke's Cognitive Examination Revised*;

Na: não alfabetizado; **1ºg I**: primeiro grau incompleto;

1ºg C: primeiro grau completo; **2ºg C**: segundo grau completo

Fonte: Carvalho; Caramelli (2007)

b) *Mini International Neuropsychiatric Interview 6.0* (MARQUES; ZUARDI, 2008): para avaliar possíveis episódios de depressão maior, distímia, episódios de mania, episódios de hipomania, transtorno de pânico, agorafobia, fobia social, transtorno obsessivo-compulsivo, transtorno de estresse pós-traumático, dependência ou abuso de álcool, dependência ou abuso de substâncias psicoativas, anorexia e bulimia.

Instrumentos administrados para todos os grupos, ou seja, idosos sadios de alta e de baixa escolaridade e idosos de baixa escolaridade diagnosticados com provável DA.

a) Mini-Exame do Estado Mental (CHAVES, IZQUIERDO, 1992): para verificar a presença ou não de CCL ou de provável DA, podendo excluir o participante ou estabelecer o grupo do qual ele participará.

b) Escala de Depressão Geriátrica (GDS) (YESAVAGE *et al.*, 1983): para avaliar o estado afetivo, a fim de verificar a presença ou não de sintomas de depressão. Considerou-se, como ponto de corte, a marca de 6 pontos.

c) Questionário sobre os hábitos de leitura e escrita (Apêndice B): para avaliar a frequência de leitura e escrita dos participantes.

d) Questionário socioeconômico (Apêndice C): para traçar um perfil do participante, incluindo questões referentes a escolaridade, gênero, profissão e nível socioeconômico.

e) Questionário sobre uso de medicamentos (Apêndice D): para verificar o consumo de algum medicamento que possa interferir nas condições psicológicas e psiquiátricas do participante.

Essa bateria de testes serviu para o estabelecimento dos grupos, bem como para atender os critérios de exclusão e inclusão dos participantes.

Dentre os critérios de exclusão para a formação dos grupos de idosos saudáveis com baixa e alta escolaridade, além de presença de DA ou outro comprometimento cognitivo ou doença psiquiátrica, estão história de alcoolismo, tabagismo, doença neurológica ou depressão, língua nativa que não seja o português brasileiro e bilinguismo. Em relação aos critérios de inclusão estão, além da faixa etária (65-88 anos), o nível socioeconômico (classes B e C), o nível de escolaridade (de 2 a 6 anos de ensino formal para o grupo de baixa escolaridade, 10 a 19 anos de ensino formal para o grupo de alta escolaridade e para os participantes diagnosticados com DA, 0 a 5 anos de ensino formal).

Todos os participantes tomaram conhecimento da pesquisa e assinaram o Termo de Compromisso Livre e Esclarecido (Apêndice A), devidamente protocolado no Comitê de Ética em Pesquisa da PUCRS, sob registro número 21006913.0.0000.5336.

2.5.2 Instrumentos e procedimentos para coleta de dados

Para a coleta de dados, inicialmente os participantes realizaram os testes neurológicos e psiquiátricos, descritos acima, pela equipe do programa PENCE. Os idosos diagnosticados com DA realizaram a coleta no Hospital São Lucas, os demais participantes realizaram-na ou em ambulatórios de postos de saúde ou em casa.

No segundo momento, os participantes eram convidados a realizarem as tarefas linguísticas, descritas abaixo. As narrativas produzidas foram gravadas para posterior transcrição e análise. Não havia tempo estipulado para a conclusão das tarefas de produção de narrativa, porém quando o participante permanecia calado por mais de um minuto, aproximadamente, a pesquisadora realizava algumas perguntas no intuito de encorajá-lo a falar mais. Por exemplo: *Onde aconteceu? Quando? Quem estava envolvido? Por que isso ocorreu?*

Algumas vezes, havia mais pessoas (um acompanhante ou um parente do participante) no momento da interação, mas era solicitado a elas que não interrompessem a conversa, pois se tratava de uma avaliação.

Passamos agora para a descrição das tarefas linguísticas utilizadas para a produção de narrativas.

a) Tarefa Linguística 1: produção de narrativa livre

Solicitou-se ao participante que relatasse uma notícia jornalística de que tivesse tomado conhecimento nos últimos dias, através de jornal, revista, rádio ou telejornal. A interlocução foi gravada para posterior transcrição e análise.

A instrução dada foi: *Por favor, agora me conte uma notícia ou fato recente que tenha ouvido no rádio, assistido na TV ou lido no jornal.*

A tarefa foi realizada sem o auxílio de qualquer pista.

b) Tarefa Linguística 2: produção de narrativa com apoio visual de sequência de gravuras

Solicitou-se ao participante que contasse uma história com base na apresentação da sequência de sete gravuras, intitulada de *The dog story* (LE BOEUF, 1976), apresentada no Anexo A. Essa sequência de gravuras consiste de sete fichas no tamanho 7 X 7 cm, desenhadas em branco e preto.

Primeiramente, o participante foi convidado a olhar todas as gravuras, correspondentes às cenas da narrativa. Em seguida foi solicitado que contasse a história representada pelas figuras, já apresentadas na sequência correta.

A instrução dada foi: *Vou lhe mostrar uma história com figuras. Cada figura é um momento da história, que tem início, meio e fim. Vou pedir que o(a) senhor(a) olhe bem as figuras e tente entender a história. Daí, vou lhe pedir que me conte essa história. (Esperar) Está pronto(a)? Podemos começar?*

A história trata de um garoto que vê um cachorro andando pela rua e decide levá-lo para casa. Chegando a casa, o garoto sinaliza ao animal que não faça barulho e o esconde dentro de um armário. Quando a mãe do garoto abre a porta do armário e vê o cachorro, ela exige uma explicação. O garoto implora que ela lhe deixe ficar com o cão, pedido ao qual a mãe atende. No final, a mãe ajuda o garoto a construir uma pequena casa para o cachorro.

Essa história foi utilizada nos experimentos de Cardebat, Demonet, Doyon (1993) e Lira *et al.* (2011) e Lira (2014). Ela contém todos os elementos da estrutura narrativa, descritos por Adam (2011) e trata de um evento familiar simples. Salienta-se ainda que o discurso narrativo tem sido o mais utilizado em tarefas que avaliam alterações na linguagem na DA devido ao fato de ser um tipo textual com estrutura facilmente definível (ADAM, 1987).

2.5.3 Procedimentos para análise dos dados

Para a análise do processo de referenciação das narrativas produzidas pelos participantes, consideramos apenas as sequências narrativas, sendo eliminados quaisquer tipos de comentários e avaliações sobre o tema, tal como *Ah, não me lembro; Isso (o fato narrado) foi um absurdo; Isso não se faz*, etc.

Para a análise quantitativa, definimos algumas variáveis linguísticas para análise do processo de referenciação na produção das narrativas dos participantes. Os grupos de análise que foram definidos são: número de referentes de menção única, referente de primeira menção, anáforas indiretas, total de retomadas, retomadas por anáfora direta, retomadas nominais, retomadas pronominais, elipses, dêiticos, palavras com sentido vago e pronomes ambíguos e/ou sem referentes. Tal metodologia foi adaptada de Roncarati (2010). Vejamos cada um desses itens analisados.

a) Número de referentes de menção única: foram contados todos os referentes que o participante introduziu no texto e mencionou apenas uma vez durante a narrativa, sem que tenha sido retomado, ou seja, sem que tenha produzido uma cadeia referencial.

b) Número de referentes de primeira menção: foram contados todos os referentes de primeira menção introduzidos no texto, os quais foram retomados ao longo da narrativa, gerando uma cadeia referencial.

c) Número de anáforas indiretas: dos referentes totais (referentes de menção única e referentes de primeira menção), foram contadas todas as introduções de referentes realizadas por meio de anáfora indireta, ou seja, aquelas em que o vínculo entre a anáfora e o seu referente se dá por meio de um processo de ancoragem, como visto na seção 1.1.1).

d) Número total de retomadas: foram contabilizadas todas as retomadas realizadas pelo participante, em relação aos referentes de primeira menção (item b).

e) Número de anáforas diretas: do total de retomadas, foram contadas todas as que se realizaram por meio de anáfora direta, ou seja, através de correferenciação.

f) Número de retomadas nominais: do total de retomadas, foi contabilizada a quantidade de retomadas realizadas por meio de nomes e/ou expressões nominais.

g) Número de retomadas pronominais: do total de retomadas, foi contabilizada a quantidade de retomadas realizadas por meio de pronomes e/ou expressões pronominais.

h) Número de elipses: foram contadas todas elipses presentes no texto.

i) Número de dêiticos: foram contabilizados todos os dêiticos presentes nas narrativas.

j) Número de palavras vagas: foi contabilizada a quantidade de palavras e expressões vagas, pouco específicas na narrativa, tais como *coisa, negócio, treco*, etc.

k) Número de pronomes ambíguos e/ou sem referentes: foram contabilizadas todas as ocorrências de pronomes sem referentes ou pronomes ambíguos, isto é, aqueles que apresentavam um referente no texto, mas a estrutura utilizada deixava-o confuso e, muitas vezes, difícil de identificá-lo, tal como ocorre em *Ele levou ele*.

Depois da coleta e da tabulação dos dados obtidos, realizou-se a análise estatística, na qual foi utilizado o programa SPSS (*Statistical Package for Social Sciences*) na versão 17,0. Inicialmente foi calculada a normalidade das amostras. Nessa fase utilizou-se os testes *Kolmogorov-Smirnov Test* e *Shapiro-Wilk*. Depois dos ajustes dos escores brutos com base nos dados normativos disponíveis para cada teste, calculou-se a variância entre as variáveis deste estudo. Para tanto, foram adotados os testes *Independent Samples Test*, *T-Test*, *Paired Samples Correlations*.

Para a interpretação dos resultados, adotou-se o nível de significância de 5% ($p=0,05$) e até 10% ($p=0,10$) para marginalmente significante.

Finalmente, como análise qualitativa, procuramos verificar se essas referências haviam sido empregadas adequadamente nas narrativas dos participantes, isto é, se conferiam ou não coerência ao enunciado.

3 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Apresentamos, neste capítulo, os dados coletados a partir dos instrumentos descritos anteriormente, bem como a análise do desempenho dos participantes na comparação entre as amostras e tarefas.

3.1 CARACTERIZAÇÃO DAS AMOSTRAS

Foram selecionados cinco participantes com provável DA no programa PENCE no Hospital São Lucas da PUCRS. Um deles, no entanto, foi excluído, pois não conseguiu realizar nenhuma das tarefas linguísticas propostas – produção livre de relato de notícia e narrativa com apoio visual de sequência de gravuras. Essa participante, durante a aplicação das tarefas, relata fatos pessoais de sua vida, muda de assunto e desconversa, produzindo trechos narrativos bastante vagos e imprecisos, pouco informativos. Depois da insistência da pesquisadora para que contasse algum fato recente, ela se justifica, dizendo que *não se lembra*, que *está assim muito esquecida*.

Os demais participantes diagnosticados com DA apresentam nível leve a moderado da doença, conforme sua avaliação no CDR (*Clinical Dementia Rating*), instrumento que avalia aspectos cognitivos e comportamentais do indivíduo, além de sua capacidade de realizar adequadamente as atividades da vida diária, a fim de prover o diagnóstico clínico. Essa avaliação abrange seis domínios: (i) memória, (ii) orientação, (iii) julgamento ou solução de problemas, (iv) relações comunitárias, (v) atividades no lar ou de lazer e (vi) cuidados pessoais. Cada uma dessas categorias é, então, classificada com escores que podem variar de 0 a 3, sendo 0 para nenhuma alteração, 0,5 para questionável, 1 para demência leve, 2 para demência moderada e 3

para demência grave. O CDR não conta com ponto de corte, pois o desempenho de cada indivíduo é comparado ao seu próprio desempenho em períodos anteriores, isto é, em avaliações clínicas passadas (MONTAÑO; RAMOS, 2005). A tabela a seguir apresenta o nível de severidade de DA dos participantes clínicos deste estudo, bem como a data em que foi realizado o seu diagnóstico.

Tabela 2: Nível de severidade da DA nos participantes clínicos

PARTICIPANTE	CDR	DIAGNÓSTICO	INÍCIO DA DOENÇA
DA1	0,5	questionável	12/09/2014
DA2	1,0	leve	26/09/2014
DA3	1,0	leve	04/04/2014
DA4	2,0	moderado	26/07/2013

Nota: **CDR**: escore na avaliação *Clinical Dementia Rating*

Fonte: A autora (2015)

Quanto ao grupo de idosos com baixa escolaridade, também neste tivemos uma exclusão, pois um dos participantes produziu uma história narrativa autobiográfica e não um relato de notícia jornalística, sendo descartado e restando, portanto, 19 participantes. O terceiro grupo, composto por idosos sadios de alta escolaridade, manteve os 20 participantes.

Todos os participantes têm como língua materna o Português Brasileiro, são monolíngues, destros, pertencem às classes socioeconômicas B ou C, conforme avaliação feita pelo questionário socioeconômico (Apêndice C), e a faixa etária dos participantes manteve-se entre 60 e 88 anos. O grupo de idosos com alta escolaridade apresenta de 9 a 19 anos de ensino formal, o de baixa escolaridade apresenta de 2 a 6 anos e o grupo de participantes diagnosticados com DA apresenta de 0 a 5 anos de escolaridade. Esses dados mostram uma diferença estatisticamente significativa entre os anos de ensino formal do grupo de idosos de alta escolaridade e de baixa escolaridade ($p=0,000$) e uma diferença não significativa entre o grupo de idosos

sadios de baixa escolaridade e os idosos diagnosticados com DA ($p=0,078$), havendo, portanto, emparelhamento entre os anos de ensino formal desses dois grupos.

Os grupos foram assim denominados:

GAE = grupo de idosos saudáveis com alta escolaridade (n=20);

GBE = grupo de idosos saudáveis com baixa escolaridade (n=19);

GDA = grupo de idosos com baixa escolaridade diagnosticados com provável DA (n=4).

Devido ao pequeno número de participantes no grupo GDA, optamos por analisar o seu desempenho no processo de referenciação na produção de narrativas orais como uma sequência de estudos de casos. Sendo assim, contamos com os participantes DA1, DA2, DA3 e DA4.

Os participantes, como descrito acima, também responderam a um questionário no qual indicavam os seus hábitos de leitura e escrita. A tarefa perguntava se eles tinham o hábito de ler, quantas vezes por semana e que tipo de material, podendo ser revistas, jornais, livros e outros, tal como a Bíblia, que foi citada várias vezes. Também questionava sobre os hábitos de escrita, se o possuíam, quantas vezes por semana escreviam e que tipo de material, podendo ser desde textos até pequenos recados, entre outros, tal como a lista de compras para o supermercado. A tabela a seguir apresenta os dados obtidos nessa etapa.

Tabela 3: Características dos participantes

PARTICIPANTES	SEXO	IDADE	ESCOLARIDADE (anos)	MEEM	GDS	HÁBITOS DE LEITURA*	HÁBITOS DE ESCRITA*
GAE	16F 4M	69,45 dp=4,05	14,65 dp=2,73	25-30	<6	8,15 dp=4,10	5,35 dp:2,20
GBE	14F 5M	69,42 dp=6,59	4,26 dp=1,19	21-30	<6	6,94 dp=2,46	2,26 dp=2,25
DA1	F	60	Analfabeta Z=-3,60	18	0	0 Z=-2,82	0 Z=-1,00
DA2	F	60	1 ano Z=-2,73	18	0	0 Z=-2,82	0 Z=-1,00
DA3	M	74	5 anos Z=0,62	18	3	6 Z=-0,38	2 Z=-0,12
DA4	M	67	5 anos Z=0,62	17	4	4 Z=-1,20	1 Z=-0,56

** Os números mais altos indicam mais tempo de leitura e escrita semanais.

Nota: **GAE**: grupo de alta escolaridade; **GBE**: grupo de baixa escolaridade; **DA** 1, 2, 3 e 4: participantes diagnosticados com DA; **dp**: desvio padrão; **Z**: escore Z calculado a partir dos dados dos participantes diagnosticados com DA em relação ao GBE

Fonte: A autora (2015)

Diante dos dados apresentados, os quais caracterizam os dois grupos de participantes sadios e os participantes/casos diagnosticados com DA, passamos agora às comparações entre o seu desempenho no processo de referenciação na produção de narrativas, de acordo com os objetivos deste estudo. Iniciamos pela comparação intragrupos, a fim de verificar a influência do tipo de estímulo no processo de referenciação em narrativas orais dentro de cada grupo investigado.

3.2 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS DA REFERENCIAÇÃO EM NARRATIVAS ORAIS PRODUZIDAS POR IDOSOS SADIOS RELACIONADOS COM O TIPO DE TAREFA

Neste subcapítulo, apresentamos a análise do desempenho, dentro do mesmo grupo, no processo de referenciação na produção de relato livre de notícia na comparação com o processo de referenciação na produção de narrativa com apoio visual de sequência de figuras, a fim de verificar a influência do tipo de estímulo nesse processo. Para tanto, foram contabilizados os tipos de referências utilizados pelos participantes, numa análise quantitativa, conforme metodologia apresentada na seção 2.5.3; em seguida foi analisado o emprego dessas referências nos textos, em uma análise qualitativa.

3.2.1 Dados do desempenho de idosos sadios com alta escolaridade na referenciação comparando-se o relato livre de notícia e a narrativa com apoio de sequência de figuras

Na comparação entre o processo de referenciação do GAE no relato de notícia e na narrativa com apoio visual de sequência de figuras, verificamos variância estatisticamente significativa na produção de cadeias referenciais, número de retomadas, número de anáforas diretas e indiretas, número de elipses e número de retomadas nominais e pronominais. As variáveis número de referentes de menção única, dêiticos, expressões com sentido vago e pronomes ambíguos e/ou sem referentes não apresentaram variância estatisticamente significativa entre as narrativas de GAE, como mostra a tabela abaixo.

Tabela 4: Desempenho do GAE no processo de referenciação na comparação entre os tipos de narrativas

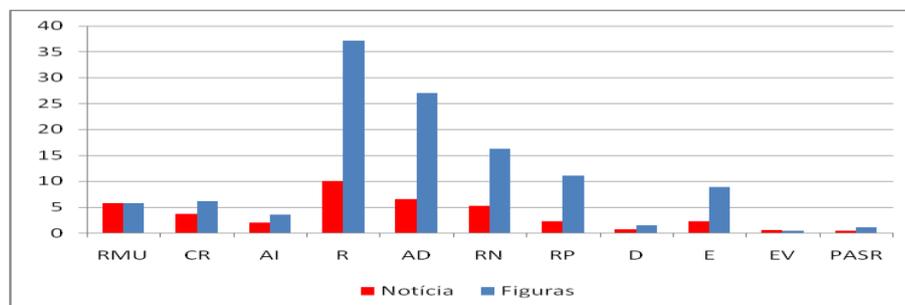
VARIÁVEL LINGUÍSTICA	NOTÍCIA		FIGURAS		Significância Valor <i>p</i>
	Média	Desvio padrão	Média	Desvio Padrão	
Referentes de menção única	5,70	3,45	5,70	2,13	1,000
Cadeias referenciais	3,60	2,13	6,10	1,41	0,000
Anáforas Indiretas	1,90	1,83	3,55	1,61	0,003
Retomadas	10,0	9,56	37,15	14,52	0,000
Anáforas Diretas	6,55	6,92	27,05	10,52	0,000
Retomadas nominais	5,20	3,90	16,25	6,43	0,000
Retomadas pronominais	2,25	3,25	11,10	5,63	0,000
Dêiticos	0,70	0,80	1,45	2,06	0,143
Elipses	2,25	2,79	8,85	5,85	0,000
Expressões com sentido vago	0,50	0,83	0,45	0,76	0,853
Pronomes ambíguos e/ou sem referentes	0,35	0,99	1,05	1,47	0,110

Fonte: A autora (2015)

O gráfico a seguir melhor ilustra esses resultados entre o processo de referenciação de GAE no relato de notícia e na narrativa com apoio visual de

sequência de figuras.

Gráfico 1: Comparação entre o processo de referencição de GAE no relato de notícia e na narrativa com apoio visual de sequência de figuras



Nota: **RMU**: referentes de menção única; **CR**: cadeias referenciais; **AI**: anáforas indiretas; **R**: retomadas; **AD**: anáforas diretas; **RN**: retomadas nominais; **RP**: retomadas pronominais; **D**: dêiticos; **E**: elipses; **EV**: expressões com sentido vago; **PASR**: pronome ambíguo e/ou sem referente

Fonte: A autora (2015)

Na comparação entre o relato de notícia e narrativa com apoio visual de sequência de figuras, vemos que GAE demonstrou variância significativa, dentre outras variáveis, no número de referentes de primeira menção ($p=0,000$), os quais geram cadeias anafóricas, e no número de retomadas ($p=0,000$), com desempenho superior na narrativa com apoio visual. Em ambas as narrativas todos os participantes do GAE criaram cadeias para os personagens, no entanto, na narrativa a partir de figuras, as cadeias foram usadas ainda para se referirem a elementos presentes em todos os momentos da narrativa (situação inicial, conflito, reação, desenlace, desfecho), ao passo que no relato de notícia os detalhes da informação muitas vezes não foram expostos, o que diminuiu o número de cadeias referenciais. O mesmo ocorreu com o número de retomadas: o relato de notícia foi muito mais sucinto, sendo narrado, na maioria das vezes, apenas o fato em si, sem muitos detalhes e, portanto, sem a necessidade de retomar os elementos já mencionados, enquanto nas narrativas com apoio visual a maioria das retomadas foram realizadas para retomar

os personagens.

O maior número de cadeias referenciais e de retomadas nas narrativas com apoio de sequência de figuras vai ao encontro da teoria de Koch e Elias (2010), segundo a qual um texto deve continuamente se remeter a referentes já apresentados e introduzidos na memória do interlocutor, bem como trazer informações novas, podendo sinalizar a passagem para um novo estágio da história, preservando, contudo, a continuidade tópica e permitindo assim a progressão referencial do texto. Esse número maior de cadeias referenciais e de retomadas na narrativa a partir de figuras está ainda de acordo com o postulado pelas autoras de que uma narrativa deva apresentar pelo menos um ator constante e deve haver cadeias referenciais para os personagens, espaço e objetos da história.

A variância no uso de anáforas diretas também se demonstrou estatisticamente significativa ($p= 0,000$), aparecendo em maior número na narrativa com apoio visual de sequência de gravuras, o que pode ter ocorrido devido ao maior número de retomadas existentes nesses textos. Esses resultados corroboram a ideia de que a estrutura superficial dos textos é construída, dentre outros aspectos, por meio de elementos correferenciais (VAN DIJK, 2011), os quais são considerados como um dos principais elementos de coesão textual (FÁVERO; KOCH, 2005).

Destacamos ainda o predomínio de anáforas diretas fiéis em ambos os textos produzidos pelo GAE, porém com a existência de algumas anáforas diretas infiéis (como *o cachorro, o animal, o bichinho, o cãozinho*, na narrativa com apoio visual, e *o Bernardo, a criatura, a criança, o menino*, no relato de notícia). Além disso, nas narrativas a partir de imagens, alguns participantes do GAE chegaram ainda a criar nomes próprios para o cachorro e para o menino.

Também as anáforas predicativas apareceram em maior número na narrativa

com apoio de sequência de figuras. Elas são importantes nas narrativas, pois trazem novas características dos referentes, em geral dos personagens nas narrativas de GAE, permitindo que o ouvinte entenda detalhes da história, por exemplo, como e por que o fato aconteceu, ou por que o personagem agiu de tal maneira, no caso do relato de notícia, e a transformação pela qual os personagens passaram entre a situação inicial e final, no caso da narrativa a partir de imagens. Como exemplo dessas anáforas, podemos citar, no relato de notícia, *médico* para recategorizar o antagonista *pai*, deixando implícito de que modo os envolvidos no crime do caso Bernardo tiveram acesso ao objeto com o qual o assassinato foi cometido (*a injeção letal*) e, na narrativa com apoio visual, *feliz* e *todo feliz*, caracterizando o estado do menino ao encontrar o cão e quando a mãe permitiu que ele ficasse com o bichinho, respectivamente; *direitinho*, *quase de joelhos*, caracterizando o modo como o menino realizou algumas ações durante a narrativa; *furiosa*, caracterizando o estado da mãe quando descobriu o cão; *abandonado*, *parado*, *perdido*, *vira-lata*, *cachorro de rua*, caracterizando o estado inicial do cão e *amigo*, *feliz*, *faceiro*, caracterizando o estado do cão no final da narrativa e apresentando a mudança que este sofreu.

Esse maior número anáforas predicativas, observado na narrativa com apoio de sequência de figuras, mostrando as transformações ocorridas ao longo da narrativa, corrobora a tese de Adam (1987, 2011) e Koch e Elias (2010) de que é imprescindível uma transformação entre o estado inicial e final da narrativa, além de ratificar a tese de Adam (1987) de que uma narrativa deve apresentar predicados qualitativos (ser) e funcionais (fazer) definindo o ator em um tempo progressivo, com transformações desses predicados por um processo ou no decorrer dele.

Quanto ao número de introdução de referente por meio de anáfora indireta constatamos uma variância estatisticamente significativa ($p=0,003$), com vantagem

para as narrativas com apoio de figuras. Trata-se de elementos que se encontram ancorados em outros já introduzidos no texto, sendo assim, seu referente é de fácil recuperação, a partir de um processo inferencial.

Essa melhor performance no processo de referenciação nas narrativas com apoio visual de sequência de figuras produzidas pelo GAE, no que tange ao maior número de referentes e de retomadas, corrobora os achados de Ribeiro *et al.* (2010), Nitrini *et al.* (2007), Duong e Ska (2001), que verificaram melhor desempenho por indivíduos idosos com maior escolaridade na compreensão de inferências baseadas em sequências de imagens, produzindo um maior número de palavras. Salientamos, entretanto, que esses estudos realizaram a comparação entre a produção do discurso de idosos e jovens, a partir de imagens, sem considerar diferentes tipos de estímulos, tal qual o relato de notícia.

Em ambas as narrativas produzidas pelo GAE, percebemos ainda mais retomadas nominais do que pronominais, apresentando uma variância estatisticamente significativa, sendo $p=0,001$ na narrativa a partir de gravuras e $p=0,001$ também no relato de notícia. Trata-se de um aspecto positivo na produção de narrativas orais por idosos com alta escolaridade, pois as expressões nominais possibilitam a reativação de referentes apresentados anteriormente (KOCH; ELIAS, 2010, 2012), enquanto a retomada pronominal caracteriza-se como a substituição mínima (MARCUSCHI, 2008).

Na comparação entre as duas modalidades de textos, o número de retomadas nominais também apresentou variância estatisticamente significativa ($p=0,000$). O GAE produziu maior número de retomadas na narrativa a partir de figuras, como já mencionado, o que pode ter acarretado esse maior número de retomadas nominais.

Em relação às retomadas pronominais, estas também se demonstraram

estatisticamente significativas entre as duas modalidades de texto do GAE. A narrativa a partir de figuras apresentou maior número de retomadas pronominais do que o relato de notícia, o que poderia se caracterizar como problema referencial, devido ao seu caráter minimamente marcado do ponto de vista semântico, à diminuída progressão da informação e ao aumento da dificuldade cognitiva do processamento do discurso por parte do ouvinte. Esse maior número de retomadas pronominais nas narrativas com apoio visual de sequência de figuras, entretanto, deve-se em grande parte ao fato de que nessa modalidade de texto houve um grande número de retomadas, gerando textos mais extensos, enquanto nos relatos de notícias, elas ocorreram em menor número.

Percebemos ainda que no relato de notícia a presença de retomadas pronominais encapsuladoras, as quais puderam ser recuperadas no contexto, de modo a não comprometer a comunicação entre interlocutores, tendo em vista que são itens linguísticos interpretados na dependência de outros elementos do contexto e não de forma isolada (FAVAERO; KOCH, 2005). Tal procedimento pode ser observado no trecho *fez isso*, em que o pronome se refere ao fato de os assassinos matarem, enterrarem e jogarem soda cáustica no corpo do menino Bernardo, enfim toda a história anteriormente narrada.

Ainda sobre os pronomes, o número total de pronomes ambíguos e/ou sem referentes em ambas as narrativas do GAE não se mostrou estatisticamente significativos ($p=0,110$). Na análise qualitativa, vimos que foram poucos os casos de pronome ambíguo ou sem referente explícito que não puderam ser identificados pelo contexto e que, portanto, comprometeram o sentido do trecho em que se encontram, sendo essa diferença também não significativa estatisticamente ($p=0,272$). Entretanto, na narrativa com apoio de figuras, percebemos que alguns participantes

reformulavam seu discurso, a fim de eliminar a ambiguidade causada por um determinado pronome, o que não ocorreu nos relatos de notícia. Com isso, percebemos que os idosos com alta escolaridade, participantes deste estudo, foram capazes de realizar uma suposição sobre o foco de atenção do ouvinte, como propõem Arnold, Bennetto e Diehl (2009), e, ao perceberem a existência de uma ambiguidade, corrigem-na com sucesso. Trata-se de uma característica do texto falado, que é planejado a cada momento da interação, simultaneamente à verbalização (KOCH; ELIAS, 2010).

Esse procedimento adotado por GAE mostra a capacidade de idosos com alta escolaridade deste estudo de realizarem um julgamento pragmático e fazer a seleção do referente mais apropriado ao contexto atual, como propõem Arnold, Bennetto e Diehl (2009), mostrando-se capazes de projetar um plano de produção de texto coerente, o qual depende do conhecimento, uso e organização dos elementos linguísticos dentro do texto, além do compartilhamento do conhecimento de mundo entre o locutor e interlocutor, refletindo-se na coerência do discurso (KOCH; TRAVAGLIA, 2005).

O total de ocorrências da variável elipse demonstrou-se estatisticamente significativo entre as duas modalidades narrativas produzidas pelo GAE ($p=0,000$). No entanto, o emprego dessas referências foi semelhante nos dois textos, sendo que, em ambos os casos, a grande maioria das elipses foi utilizada em cadeias anafóricas e, portanto, de fácil interpretação, sem prejudicar o sentido. Na análise qualitativa, observamos o reduzido número de elipses empregadas inadequadamente, comprometendo o sentido do trecho em que se encontravam. Também essa variação nas narrativas de GAE não foi estatisticamente significativa ($p=0,324$).

Nos relatos de notícia não houve nenhuma ocorrência de elipse mal empregada

e que pudesse comprometer o sentido da história por parte do ouvinte. O diferencial nesses textos, quanto ao uso de elipses, foi a sua utilização sem um referente explícito no cotexto, mas recuperável pelo contexto da informação (*Ø chegaram à conclusão de que ele tava vivo*, se referindo à polícia e demais encarregados da investigação do caso Bernardo); sendo usadas como catáfora (como na cadeia anafórica *sequestraram trezentas meninas, um grupo radical*) e como sujeito indeterminado, o qual não compromete o sentido, pois muitas vezes é característico da notícia não expor o informante do caso noticiado (como em *encontraram uma cabeça numa criança*).

Nas narrativas com apoio visual de sequência de figuras, as elipses aparecem em maior número, possivelmente, devido à maior progressão textual desses textos, porém apenas em um texto ela comprometeu o sentido. Trata-se de um texto em que o participante apresenta o personagem central por meio de uma elipse, retoma-o pelo pronome de terceira pessoa *ele* e, somente, no desenlace da história, define esse referente como *o guri*. Essa estratégia de referenciação pode prejudicar a compreensão do sentido no momento da interlocução, pois foram apresentadas várias ações acontecidas sem se saber quem era o sujeito responsável por elas, o que se descobre só no final da história.

O maior número de retomadas pronominais e maior número de elipses, nas narrativas com apoio de sequência de figuras, na comparação com o relato de notícia, reforça os achados de Almor *et al.* (2007) e Arnold, Bennetto e Dihel (2009), de que pronomes e elipses são usados em maior número quando o referente é a entidade saliente no momento, como ocorreu no caso de repetição do personagem central da trama, por exemplo. Os próprios autores consideram essa opção pelos pronomes surpreendente, pois essa classe tende a ser mais ambígua, enquanto repetir um nome

fornece uma referência mais precisa. Destacamos, entretanto, que o GAE demonstrou saber fazer uso eficiente das elipses, em ambas as narrativas.

A variável introdução de referentes de menção única não demonstrou variância estatisticamente significativa entre as duas modalidades de narrativas pelo GAE ($p=1,000$). Essa semelhança no desempenho de ambas as narrativas de GAE, no que diz respeito à introdução de referente de menção única, pode ter sido influenciada ainda pelo fato de que, como propõe Van Dijk (2011), a notícia é um texto relevante, que pode omitir informações secundárias. Assim, na produção do relato de notícia, os participantes se ativeram à mensagem principal a ser narrada, não se importando com maiores detalhes, o que acarretou o baixo número de introdução de referentes. Já na narrativa com apoio de sequência de figuras muitas das informações, sejam elas principais ou secundárias, foram apresentadas por referentes de primeira menção e retomadas ao longo do texto, formando cadeias referenciais, o que permitiu o baixo número de referentes de menção única.

Também a variável uso de expressões com sentido vago foi uma das que não demonstrou diferença estatisticamente significativa entre as duas modalidades de textos produzidas pelo GAE ($p=0,853$), sendo todas elas identificáveis pelo contexto. No relato de notícia, percebemos o uso de uma expressão genérica que é especificada na sequência e que, portanto, não comprometeu a comunicação, como no trecho *botar a criança na coisa botar soda cáustica*, enquanto na narrativa com apoio visual de sequência de figuras, a maior parte das expressões com sentido vago foi usada no início da história para dizer que o menino queria dar algo para atrair o cachorro, o que não chega a comprometer o entendimento do enunciado, tendo em vista que o sentido pode ser compreendido pelo contexto, como podemos verificar em *ele deu alguma coisa pro cachorrinho seguiu ele*.

Por fim, o uso de dêiticos não se demonstrou estatisticamente significativo entre as duas modalidades de narrativas do GAE ($p=0,143$). Nas narrativas com apoio visual, foram usados dêiticos demonstrativos para apontar para a figura enquanto aquela cena estava sendo narrada. Esses dêiticos não comprometem o sentido do texto, pois o examinador tem acesso às figuras e assim o conhecimento da informação é compartilhado pelos interlocutores. Já no relato de notícia, todas as ocorrências de dêiticos foram dêiticos temporais, cujo sentido também foi preenchido na situação de comunicação entre examinador e participante, tal como nos exemplos em que eles informavam quando aconteceu o fato (*ontem, semana passada, agora, há alguns anos atrás, agora mesmo, há um mês*). Em ambos os casos de uso de dêiticos, o conhecimento foi de base comum entre os interlocutores, condição necessária à compreensão (CAVALCANTE, 2005). Assim, percebemos um uso adequado de expressões dêiticas pelo GAE em ambas as narrativas.

Diante dos dados aqui expostos, pudemos verificar que GAE apresentou desempenho semelhante nas duas narrativa em vários aspectos. A principal diferença entre as duas modalidades de textos produzidos pelo GAE foi o fato de que os relatos de notícia, com menor número de referentes e de retomadas, foram sucintos, muitas vezes apresentando apenas o fato em si, sem trazer mais detalhes do ocorrido, o que pode ser atribuído ao gênero textual, que permite a omissão de informações e a apresentação apenas do que é mais relevante, como propõe Van Dijk (2011), e não a uma deficiência na produção do discurso, tendo em vista que o fato narrado foi coerente e de fácil compreensão para o interlocutor. Os participantes deviam assumir, também, que o interlocutor estivesse a par do famoso caso de que tratavam, quando se referiam ao assassinato do menino Bernardo. Já as narrativas com apoio visual de sequência de figuras apresentaram maior número de referentes e de retomadas,

criando assim textos mais longos e com maior progressão temática. Diversas pesquisas têm mostrado que as sequências de figuras fornecem pistas para a organização da narrativa (BRANDÃO; PARENTE; PENÃ-CASANOVA, 2010; SKA; DUONG, 2005; DUONG; TARDIF; SKA, 2003). Nesse sentido, diante dos resultados aqui apresentados, podemos concluir que os idosos do GAE foram capazes de perceber as pistas oferecidas pela sequência de figuras e utilizá-las na organização de sua narrativa, demonstrando capacidade de construir um esquema global para o texto, com base na representação visual em conjunto com seu conhecimento de mundo, escolhendo assim mecanismos referenciais adequados para o reconhecimento do ouvinte, como sugerido por Juncos-Rabadan, Pereiro e Rodríguez (2005).

O quadro a seguir sintetiza os dados do desempenho de GAE no processo de referenciação em ambas as narrativas.

Quadro 5: Quadro-resumo dos resultados da comparação entre o processo de referenciação no relato de notícia e na narrativa com apoio visual de sequência de figuras produzidos pelo GAE

GAE	NOTÍCIA	FIGURAS
DESEMPENHO ADEQUADO E SEMELHANTE NAS DUAS MODALIDADES NARRATIVAS	Poucas palavras com sentido vago, todas identificáveis pelo contexto. Poucos pronomes ambíguos e/ou sem referentes. Cadeia referencial para os personagens. Predomínio de anáforas fiéis, com algumas anáforas infiéis. Mais retomadas nominais do que pronominais. Reformulação de referentes nominais. Nenhum dêitico compromete o sentido.	
USO ADEQUADO, PORÉM DIFERENTE NAS DUAS MODALIDADES NARRATIVAS	Texto mais sucinto, sem muitos detalhes, o que se reflete no menor número de referentes e retomadas. Nomes próprios do envolvidos e das localidades onde os fatos ocorrem. Anáforas pronominais encapsuladoras. Elipses sem referente explícito, mas recuperável pelo contexto, ou como	Mais cadeias anafóricas e mais retomadas, gerando textos com mais progressão temática. Nomes próprios para os personagens. Cadeias anafóricas para demais elementos da história (além dos personagens). Mais retomadas nominais do que no

	<p>sujeito indeterminado, o que pode ser considerado uma característica do gênero.</p> <p>Todos os dêiticos são temporais e têm seu sentido preenchido no momento da interação.</p> <p>Nenhuma elipse compromete o sentido.</p>	<p>relato de notícia.</p> <p>Mais anáforas predicativas.</p> <p>Mais anáforas indiretas.</p> <p>Quase todas as elipses pertencem a cadeias anafóricas e tem seu sentido recuperável (exceto um caso).</p> <p>Todos os dêiticos são demonstrativos.</p> <p>Correção de pronomes ambíguos e/ou sem referentes presentes nos textos, eliminando incoerências.</p>
--	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Fonte: A autora (2015)

Passemos, na próxima seção, para a análise do desempenho de GBE no processo de referenciação na produção de relato de notícia e de narrativa com apoio visual de sequência de figuras.

3.2.2 Dados do desempenho de idosos sadios com baixa escolaridade na referenciação comparando-se o relato livre de notícia e a narrativa com apoio de sequência de figuras

Na comparação entre o processo de referenciação de relato livre de notícia e narrativa com apoio visual de sequência de figuras produzidas pelo GBE, observamos diferenças estatisticamente significativas nas variáveis linguísticas número de retomadas, de retomadas por anáfora direta, de retomadas nominais e pronominais, de pronomes ambíguos e/ou sem referentes e de dêiticos, como mostra a tabela a seguir.

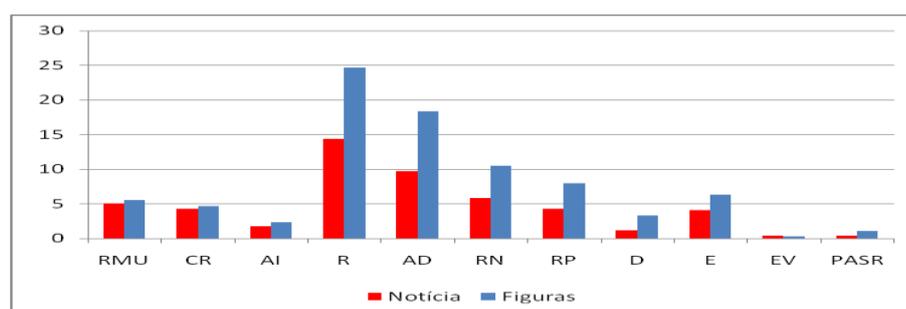
Tabela 5: Desempenho do GBE no processo de referenciação na comparação entre os tipos de narrativas

VARIÁVEL LINGUÍSTICA	NOTÍCIA		FIGURAS		Significância Valor <i>p</i>
	Média	Desvio padrão	Média	Desvio padrão	
Referentes de menção única	5,05	3,60	5,58	2,41	0,546
Cadeias referenciais	4,32	3,27	4,68	1,16	0,624
Anáforas Indiretas	1,74	2,05	2,37	0,83	0,150
Retomadas	14,37	15,06	24,68	9,76	0,018
Anáforas Diretas	9,74	9,63	18,32	8,59	0,007
Retomadas nominais	5,84	5,19	10,53	5,84	0,020
Retomadas pronominais	4,26	5,37	8,00	5,13	0,021
Dêiticos	1,16	1,89	3,26	3,05	0,006
Elipses	4,05	5,46	6,32	2,56	0,104
Expressões com sentido vago	0,37	0,83	0,32	0,48	0,816
Pronomes ambíguos e/ou sem referentes	0,37	1,38	1,11	1,29	0,018

Fonte: A autora (2015)

O gráfico a seguir ilustra esses resultados sobre a comparação do processo de referenciação nas duas narrativas produzidas pelo GBE.

Gráfico 2: Comparação entre o processo de referenciação de GBE no relato de notícia e na narrativa com apoio visual de sequência de figuras



Nota: **RMU**: referentes de menção única; **CR**: cadeias referenciais; **AI**: anáforas indiretas; **R**: retomadas; **AD**: anáforas diretas; **RN**: retomadas nominais; **RP**: retomadas pronominais; **D**: dêiticos; **E**: elipses; **EV**: expressões com sentido vago; **PASR**: pronome ambíguo e/ou sem referente

Fonte: A autora (2015)

Constatamos que a variável linguística uso de elipse não apresentou diferença estatisticamente significativa ($p=0,104$) entre as duas produções narrativas realizadas

por GBE. Em relação ao uso, porém, percebemos algumas diferenças. Na narrativa com apoio visual de sequência de figuras, todas foram usadas em cadeias anafóricas referindo-se aos personagens, e apenas uma narrativa teve seu sentido comprometido devido ao uso inadequado de elipses (média=0,32, dp=1,38). Foi o caso em que o personagem principal foi introduzido e retomado seguidas vezes por uma elipse, sendo especificado somente no final da narrativa pelo referente *criança*, o que comprometeu o sentido do texto, pois são apresentadas várias ações sem que se saiba o sujeito responsável por elas.

Também nos relatos de notícia todas as elipses foram usadas em cadeias referenciais, contudo, em alguns casos elas foram usadas para introduzir o personagem na história, sendo ele definido na sequência e configurando-se como uma catáfora (como em *Ø mataram* e, na sequência, *os bandidos*); ou ainda usada sem referente explícito, criando um sujeito indeterminado, como no trecho *Ø não acharam ninguém Ø não acharam sobreviventes*, o qual pode ser inferido pelo contexto como pessoas responsáveis pelas buscas do avião que caiu. Esses usos das elipses validam a tese de Koch (2011) de que muitas vezes os referentes podem ser retomados por elementos subentendidos, em especial no texto falado. Trata-se do que Marcuschi (2008) chama de estrutura inferencial processada cognitivamente (e não sintaticamente na superfície textual), em que os interlocutores operam processos cognitivos e discursivos.

Por outro lado, quatro casos de uso de elipse (média= 0,21; dp=0,63) em dois relatos de notícia causaram ambiguidade ou não tiveram referente especificado, comprometendo assim a coerência das notícias, como podemos observar no trecho *muito Ø deixaram muito Ø deixaram*, em que não se sabe se o participante está se referindo aos pais do menino Bernardo, ou então à madrinha, à amiga da falecida

mãe e à avó. Enfim, poderia ser qualquer um dos personagens apresentados que, segundo o participante, se omitiram nos cuidados com a criança. Estatisticamente também a diferença entre o uso inadequado de elipses pelo GBE no relato de notícia e na narrativa a partir de imagens não foi significativa ($p=0,764$).

Em relação ao número de expressões com sentido vago, que também não se demonstrou estatisticamente significativo ($p=0,816$), destacamos que este foi pequeno em ambas as narrativas de GBE. Todas as palavras com sentido vago usadas nas narrativas com apoio visual de sequência de figuras puderam ser identificáveis pelo contexto, como em *deu a coisinha para ele comer*, referindo-se à *comidinha*; e *viu o cachorro no coisa*, referindo-se a *guarda-roupa*, referentes estes que haviam sido anteriormente mencionados. Já no relato de notícia, houve três narrativas bastante problemáticas nas quais o uso de expressões com sentido vago, sem serem especificadas, comprometeu o sentido: o primeiro foi muito vago e com muitas inserções de comentários avaliativos ao longo da narrativa, e os outros dois foram bastante confusos. A análise estatística sobre o emprego de palavras com sentido vago (compreensíveis ou não compreensíveis pelo contexto), porém, não demonstrou variância significativa entre o relato de notícia e a narrativa a partir de imagens produzidas por GBE ($p=0,812$).

Já a variação entre o número de retomadas e de retomadas por anáfora direta foi estatisticamente significativa entre as duas modalidades de narrativas produzidas pelo GBE ($p=0,018$ e $p=0,007$, respectivamente), aparecendo em maior número na narrativa com apoio visual de sequência de figuras. Em ambas as narrativas houve o predomínio de anáforas diretas fiéis, mantendo o mesmo núcleo sintagmático do referente utilizado na introdução, o que confere correferencialidade ao texto, considerada como um dos principais elementos de coesão textual, segundo Fávero e

Koch (2005).

Esse maior número de retomadas e, portanto, maior continuidade temática nas narrativas com apoio de sequência de figuras pelo GBE pode ser justificado pelo fato de que os seus relatos de notícia foram textos bastante breves, muitas vezes apenas uma manchete sobre o fato acontecido, enquanto na história em quadrinhos a grande parte dos participantes soube apresentar todos os momentos dessa estrutura – a situação inicial, o conflito (mesmo que parcialmente), a reação, o desenlace e o desfecho da narrativa. Isso nos mostra que idosos do GBE se apoiaram nas figuras para a produção da narrativa, corroborando os achados de Duong e Ska (2001).

Ainda quanto às retomadas, no relato de notícia verificamos uma diferença estatisticamente significativa ($p=0,020$) no número de retomadas nominais na comparação com as pronominais, enquanto nas narrativas a partir de figuras essa comparação não foi significativa ($p=0,122$). A diferença não significativa no número de retomadas nominais na comparação com retomadas pronominais na narrativa com apoio visual de sequência de figuras reafirma a hipótese de Almor *et al.* (2007) e Arnold, Bennetto e Diehl (2009) de que os pronomes são mais usados quando o referente é a entidade em destaque no momento, como ocorreu quando o personagem central foi retomado, na maior parte das vezes, pelo pronome de terceira pessoa (ele).

Já na comparação entre as modalidades de textos, verificamos variância estatisticamente significativa no número de retomadas nominais, aparecendo em maior número na narrativa com apoio visual de sequência de figuras, o que confere uma vantagem a esses textos, tendo em vista que as retomadas nominais são as formas mais ricas de progressão referencial, como salientam Koch e Elias (2012).

O uso de anáforas predicativas também foi observado em ambas as narrativas. Essa variável não foi controlada estatisticamente, mas ao que parece esteve mais

presente nos relatos de notícia, mostrando um caráter mais argumentativo dos participantes, nessa modalidade de texto, em relação ao fato que estava sendo narrado. As anáforas predicativas estabelecem uma nova característica do referente e, nos relatos de notícia, foram usadas para caracterizar os personagens, sendo importantes na história, pois auxiliam o entendimento do que aconteceu com esse personagem ou de por que ele agiu de tal forma, como vemos em *o guri foi abandonado*, indicando o estado do menino Bernardo antes de sua morte; *ela era filha do empresário*, indicando uma característica da vítima que pode ter sido a causa de seu sequestro; ou em *ele era drogado*, indicando a possível causa de o rapaz ter matado a vítima. Tratam-se de expressões nominais que, além de efetuarem a progressão textual (KOCH; ELIAS, 2012, 2010), desempenham ainda uma orientação argumentativa ao enunciado, ligada à intenção do locutor (MARQUESI, 2007; KOCH, 2005).

Ainda em relação às retomadas nominais, verificamos em três relatos de notícias do GBE a ocorrência de expressões nominais utilizadas de forma inadequada, em que o mesmo nome foi usado para designar diferentes referentes da história, como em *esse guri*, referindo-se tanto ao assassino quanto à vítima, no caso Bernardo, e *quatro peças*, referindo-se tanto à casa onde moravam os pais da vítima, quanto à casa onde o corpo da vítima foi escondido; além do caso em que o nome *Irildo* é usado de modo ambíguo, sem que se saiba se este é o pai ou o irmão mais velho do assassino. Essa utilização indevida dos nomes prejudica a coerência do texto, pois não é possível que o ouvinte faça uma ligação entre os referentes da proposição em foco com as proposições anteriores ou subsequentes, como propõe Van Dijk (2011). Esses resultados vão ao encontro dos achados de Burke e Shafto (2014) de que idosos na fala espontânea produzem mais referências ambíguas.

As retomadas pronominais também demonstraram diferença estatisticamente significativa ($p=0,021$) entre as duas modalidades de narrativas do GBE, aparecendo em menor número nos relatos de notícia. Em ambas as modalidades de textos predominou o uso de anáforas pronominais fiéis, as quais não trazem novas informações sobre o referente, apenas repetem o mesmo pronome já utilizado.

No relato de notícia, percebemos três casos em que os personagens foram introduzidos na história por pronome. O primeiro teve seu sentido estabelecido na sequência, podendo ser caracterizado como uma catáfora (em *os outro morava em quatro peças... são cunhados*), o segundo se trata de uma anáfora indireta (em *ela matou o filho*, em que *ela* está ancorado em *filho* e pode ser identificado como a mãe) e o último caso é um sujeito indeterminado (em *eles entraram assaltaram e mataram ela*), o que pode ser percebido como característico desse gênero, quando não se sabe quem cometeu tal atitude.

Quanto aos pronomes ambíguos e/ou sem referentes, estes também apresentaram diferença estatisticamente significativa entre as narrativas produzidas pelo GBE ($p=0,018$), aparecendo em menor número nos relatos de notícia. Todas as ocorrências de pronomes ambíguos e/ou sem referentes acabaram prejudicando o sentido pretendido pelo locutor, como em *ele tava acompanhando ele*.

Em ambas as narrativas foi possível verificar ainda a presença de retomadas para corrigir alguma informação dada anteriormente, como em *49 dias 49 horas*, corrigindo o tempo de duração do sequestro, no relato de notícia; e *acha um cachorro no meio da rua... leva pro colégio... a professora não quer deixar [...] tá levando o cachorro pra casa da mãe dele... aí a mãe dele não deixa ele entrar*, corrigindo o enredo da narrativa, na tarefa com apoio visual de figuras. Ainda na narrativa com apoio visual de sequência de figuras, observamos que, em algumas dessas

reformulações, o participante corrige um referente que foi apresentado inadequadamente devido à percepção inicial errônea da imagem, como quando o participante corrige o referente *vitrine* por *guarda-roupa*, ou enfatiza alguma informação pelo uso da repetição. Esses procedimentos corroboram a tese de que o texto falado emerge no momento da interação, sendo planejado e replanejado simultaneamente à verbalização, conforme Koch e Elias (2010). No relato de notícia, no entanto, pudemos observar um caso de planejamento mal sucedido, quando o participante repete o mesmo referente (em *a intenção dela a intenção dela*), mas não completa o seu sentido, deixando-o solto, sem que a informação ficasse completa e inteligível por parte do ouvinte.

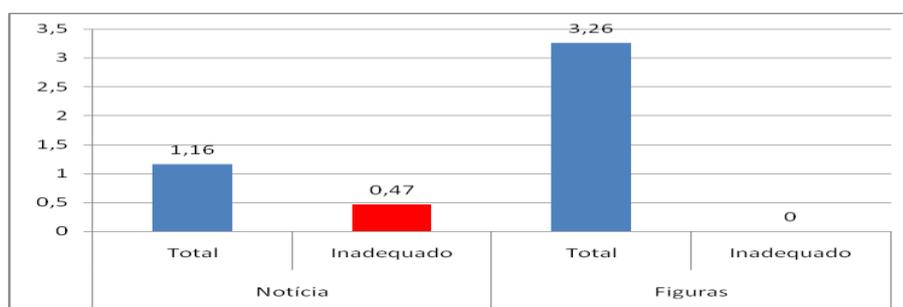
Finalmente, o uso de dêiticos, na comparação entre os dois tipos de produção narrativa de GBE, apresentou diferença estatisticamente significativa ($p=0,006$), ocorrendo em menor número nos relatos de notícia. Nas narrativas com apoio visual de sequência de figuras, a quase totalidade dos dêiticos utilizados foi dêitico demonstrativo usado para apontar para a figura cuja cena estava sendo narrada e, como a imagem era de conhecimento compartilhado entre os interlocutores, não comprometeu o sentido. Houve ainda a presença de alguns dêiticos temporais, para sinalizar a sequência cronológica da narrativa, sendo que nenhum deles comprometeu o entendimento da história.

Por outro lado, nos relatos de notícia, os dêiticos utilizados foram os temporais e os espaciais, sendo que todos os dêiticos temporais tiveram seu sentido preenchido no momento da interação (como em *ontem, agora, há poucos dias*), enquanto os dêiticos espaciais apresentaram-se em sua quase totalidade (média=0,47; $dp=1,02$) de modo inadequado, comprometendo a coerência textual, uma vez que foram usadas expressões demonstrativas pouco específicas para indicar o espaço da

narrativa, como percebemos no trecho *ali por perto aqui... logo aqui...*, em que o participante quer dizer onde foi encontrado o corpo da vítima, mas não consegue esclarecer tal informação.

A análise estatística sobre o emprego de dêiticos de forma inadequada entre as duas modalidades de narrativas produzidas por GBE mostra uma variação significativa entre o relato de notícia e a narrativa a partir de imagens ($p=0,05$).

Gráfico 3: Emprego de dêiticos pelo GBE no relato de notícia e na narrativa com apoio visual de sequência de figuras



Fonte: A autora (2015)

Assim, podemos concluir que, embora o número de dêiticos tenha sido maior na narrativa com apoio visual de sequência de figuras, no relato de notícia, os idosos com baixa escolaridade participantes deste estudo demonstraram uso mais inadequado dessa variável do processo de referenciação, tendo em vista que não deixaram evidências acessíveis ao ouvinte para que este pudesse interpretar tal expressão dêitica, quando o conhecimento da informação não era compartilhado entre os interlocutores.

O quadro a seguir sintetiza a análise acima apresentada sobre o desempenho de GBE no processo de referenciação em ambas as produções narrativas.

Quadro 6: Quadro-resumo dos resultados da comparação entre o processo de referenciação no relato de notícia e na narrativa com apoio visual de sequência de figuras produzidos pelo GBE

GBE	NOTÍCIA	FIGURAS
DESEMPENHO ADEQUADO E SEMELHANTE NAS DUAS MODALIDADES NARRATIVAS	<p>Predomínio de anáfora fiel.</p> <p>Todas as elipses pertencem a cadeias anafóricas.</p> <p>Reduzido número de elipse que compromete o sentido.</p> <p>Retomadas para corrigir informação dada.</p>	
USO ADEQUADO, PORÉM DIFERENTES NAS DUAS MODALIDADES NARRATIVAS	<p>Textos curtos com pouca progressão temática e, portanto, com poucos elementos de referenciação.</p> <p>Mais retomadas nominais do que pronominais.</p> <p>Poucas expressões com sentido vago.</p> <p>Mais anáforas predicativas (do que na narrativa a partir de figuras).</p> <p>Introdução de referente por pronome (uma catáfora, uma anáfora indireta e um sujeito indeterminado).</p> <p>Todos os dêiticos temporais tiveram seu sentido preenchido no contexto.</p>	<p>Textos mais longos (do que os relatos de notícia), com maior progressão temática.</p> <p>Mais retomadas nominais do que nos relatos de notícia.</p> <p>Nenhuma expressão com sentido vago compromete o sentido, todas são inferíveis pelo contexto.</p> <p>Não há expressões nominais usadas de modo ambíguo.</p> <p>Correção de referente percebido de modo equivocado.</p> <p>Todos os dêiticos demonstrativos tiveram seu sentido preenchido no contexto.</p> <p>Todos os dêiticos temporais indicando a sequência cronológica dos fatos tiveram seu sentido preenchido na interação.</p>
USO INADEQUADO	<p>Uma narrativa com sentido vago e muitos comentários avaliativos.</p> <p>Duas narrativas confusas.</p> <p>Três narrativas usam expressões nominais de forma ambígua.</p> <p>Uma repetição de referente no planejamento do discurso mal sucedida.</p> <p>Dêiticos espaciais usados de modo inadequado, comprometendo o sentido do enunciado</p>	

Fonte: A autora (2015)

De posse dos dados sobre o desempenho de GAE e GBE no processo de referenciação na produção livre de relato de notícia e narrativa com apoio visual de

sequência de figuras, numa comparação intragrupos, passamos agora para a discussão da hipótese 1.

3.2.3 Discussão da hipótese 1

Como hipótese 1, postulamos que os dois grupos de idosos sadios (de alta e de baixa escolaridade) apresentariam melhor desempenho no processo de referenciação na narrativa com apoio visual de sequência de figuras, produzindo, nessa modalidade de texto, maior número de referentes, de cadeias referenciais, de retomadas e de dêiticos, além de menor número de pronomes ambíguos e/ou sem referentes e de palavras com sentido vago. De acordo com os dados apontados anteriormente, podemos afirmar que, a hipótese 1 foi parcialmente confirmada.

Na análise qualitativa sobre o uso desses referentes nos textos, propusemos, como hipótese 1, que o emprego dos referentes pelos dois grupos de idosos sadios seria mais adequado nas narrativas com apoio visual de sequência de figuras, sendo que as escolhas referenciais nesses textos seriam mais apropriadas para a manutenção da coerência do que nos relatos de notícia. Também nesse aspecto a hipótese 1 foi parcialmente adequada.

As narrativas com apoio visual de sequência de figuras, produzidas por ambos os grupos, foram mais longas, com maior progressão referencial e continuidade tópica do que nos relatos de notícia, o que não se trata de um déficit nesta produção textual, mas sim uma característica do gênero. As notícias tendem a ser textos mais sucintos, detendo-se apenas ao fato principal (VAN DIJK, 2011), o que se reflete no menor número de referentes e de retomadas.

A maior progressão referencial nas narrativas a partir de figuras de ambos os grupos de idosos sadios pode ser justificada pelo fato de que as imagens disponibilizam pistas sobre a sequência cronológica dos fatos, as quais permitem aos participantes realizarem inferências (SKA; DUONG, 2005) e organizarem o texto dentro de um contexto adequado, respeitando a estrutura narrativa – situação inicial, conflito, reação, desfecho (ADAM, 2011, 1987). Dessa forma, os participantes de ambos os grupos produziram nesses textos mais cadeias referenciais, retomadas, apresentando mais detalhes sobre os personagens e fatos narrados, do que nos relatos de notícia.

Quanto aos relatos de notícia, verificamos, como uma característica diferencial dessa modalidade de texto, o uso de pronomes e elipses sem um referente explícito. Esse uso não se caracteriza como um erro de referenciação, tendo em vista que ele se faz quando não se sabe quem é o autor de determinada ação (como um crime, por exemplo) ou quando não se quer revelar a fonte da informação. Essas referências, portanto, têm seu sentido preenchido no contexto.

Verificamos ainda que ambas as modalidades de textos se distinguem no que se trata ao uso de dêiticos. As narrativas a partir de figuras permitem o maior uso de dêiticos demonstrativos. Como o conteúdo das imagens era de conhecimento compartilhado entre os interlocutores, o uso desses dêiticos demonstrativos não se caracterizou um problema de referenciação nas narrativas de ambos os grupos de idosos sadios, pois seu sentido foi preenchido no momento da interação verbal. Já nos relatos de notícia, observamos a tendência ao uso de dêiticos temporais, cujo sentido se depreende na situação comunicativa, e dêiticos espaciais, os quais, em geral, acabaram comprometendo o sentido do enunciado em que apareceram, pois o conhecimento não era compartilhado entre os interlocutores, característica

fundamental para a compreensão de uma expressão dêitica (ILARI, 2005; CAVALCANTI, 2005).

Esses dados, portanto, corroboram parcialmente a hipótese 1, ao afirmar que ambos os grupos de idosos sadios apresentariam melhor desempenho no processo de referenciação nas narrativas com apoio visual de sequência de figuras, na comparação com os relatos de notícia. Além disso, validam a hipótese de que o processo de referenciação é complexo, já que os textos não são monotípicos e diferentes sequências textuais apresentam diferentes graus de coesão e de elementos coesivos, como sugerem Koch e Marcuschi (1998) e Koch e Travaglia (2005).

3.3 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS DA REFERENCIAÇÃO EM NARRATIVAS ORAIS PRODUZIDAS POR IDOSOS SADIOS E O IMPACTO DA ESCOLARIDADE

Nesta seção, apresentamos a comparação do desempenho no processo de referenciação entre os grupos de alta e baixa escolaridade, considerando-se a produção livre de relato de notícia e a produção de narrativa com apoio visual de sequência de gravuras.

3.3.1 Dados da referenciação na produção livre de relato de notícia comparando-se o desempenho de idosos sadios de alta e de baixa escolaridade

O desempenho do GAE e do GBE, quanto ao processo de referenciação na produção de um relato de notícia jornalística demonstrou-se homogêneo, não apresentando diferença estatisticamente significativa em nenhuma das variáveis linguísticas analisadas, como mostra a tabela a seguir.

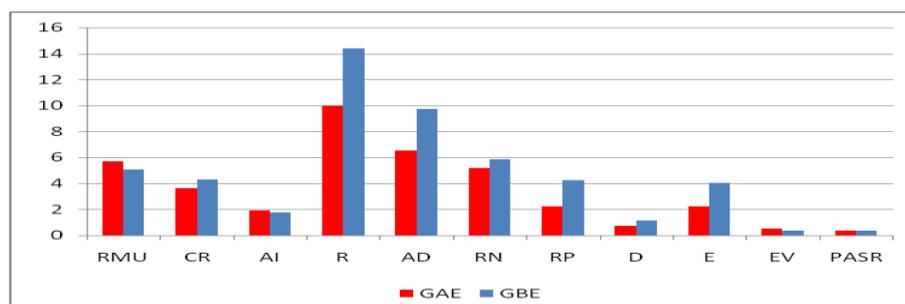
Tabela 6: Comparação do desempenho no processo de referenciação no relato de notícia entre os grupos GAE e GBE

VARIÁVEL LINGUÍSTICA	GAE		GBE		Significância Valor <i>p</i>
	Média	Desvio padrão	Média	Desvio padrão	
Referentes de menção única	5,70	3,45	5,05	3,60	0,570
Cadeias referenciais	3,60	2,16	4,32	3,27	0,423
Anáforas Indiretas	1,90	1,83	1,74	2,05	0,795
Retomadas	10,00	9,56	14,37	15,06	0,284
Anáforas Diretas	6,55	6,92	9,74	9,64	0,241
Retomadas nominais	5,20	3,90	5,84	5,19	0,664
Retomadas pronominais	2,25	3,26	4,26	5,37	0,163
Dêiticos	0,70	0,80	1,16	1,89	0,340
Elipses	2,25	2,79	4,05	5,64	0,209
Expressões com sentido vago	0,50	0,83	0,37	0,83	0,623
Pronomes ambíguos sem referentes	0,35	0,99	0,37	1,38	0,962

Fonte: A autora (2015)

O gráfico a seguir sintetiza os resultados de GAE e GBE no processo de referenciação no relato de notícia.

Gráfico 4: Comparação entre o desempenho no processo de referenciação de GAE e GBE no relato de notícia



Nota: **RMU**: referentes de menção única; **CR**: cadeias referenciais; **AI**: anáforas indiretas; **R**: retomadas; **AD**: anáforas diretas; **RN**: retomadas nominais; **RP**: retomadas pronominais; **D**: dêiticos; **E**: elipses; **EV**: expressões com sentido vago; **PASR**: pronome ambíguo e/ou sem referente

Fonte: A autora (2015)

A quantidade de referentes de menção única utilizada pelos participantes dos grupos GAE e GBE foi bastante homogênea, não ocorrendo uma variância

significativa na comparação das médias dos grupos nesse quesito ($p=0,570$). Também as variáveis linguísticas introdução de referente de primeira menção (que gera cadeia anafórica) e introdução de referente por anáfora indireta não demonstraram variação estatisticamente significativa entre GAE e GBE, sendo o valor de p 0,423 e 0,795, respectivamente.

Em relação ao uso de anáfora indireta, percebemos que não houve problemas no processo de referenciação nos relatos de notícia produzidos por ambos os grupos, uma vez que ela depende de uma relação que estabelece com outras expressões do cotexto e seu processamento envolve a atenção conjunta dos interlocutores, como propõe Marcuschi (2008). Nesse aspecto, ambos os grupos fizeram uso de anáforas encapsuladoras, por meio de pronomes, os quais isoladamente poderiam ser classificados como palavras genéricas, inespecíficas. Em uso, porém, eles puderam ser recuperados pelo cotexto de modo a não prejudicar a compreensão dos fatos pelo interlocutor. Nesses casos, cabe ao receptor ativar essas relações implícitas entre os elementos do texto para estabelecer sentido para essas anáforas.

Por outro lado, alguns relatos de notícia de GBE constituíram-se apenas de referentes de menção única sem produzir cadeias anafóricas. Trata-se de textos curtos, sem progressão referencial. A falta de cadeia referencial para designar os personagens da narrativa, em algumas narrativas do GBE, vai de encontro à teoria postulada por Koch e Elias (2010), de que uma narrativa deve apresentar uma cadeia relacionada ao protagonista, uma ao antagonista e outras aos demais personagens da história.

Quanto ao número de retomadas, variável linguística que também não mostrou variância estatística significativa ($p=0,284$) entre os grupos, o maior uso se deu por meio de anáforas diretas, cuja variância também não se mostrou significativa entre

GAE e GBE ($p=0,241$). Os grupos apresentaram um comportamento muito semelhante no uso dessas anáforas, sendo que dentre elas percebemos o uso predominante de anáforas diretas fiéis, as quais retomam o mesmo referente a partir do mesmo núcleo sintagmático já utilizado para introduzi-lo, além de uso reduzido de anáforas predicativas, as quais trazem características sobre os personagens, e de anáforas diretas infiéis, as quais são constituídas de expressões sinônimas de mesmo campo semântico, sem repetir o mesmo núcleo sintagmático já utilizado na introdução do referente.

Embora o excesso de anáforas diretas fiéis pudesse caracterizar uma redução no conteúdo, tendo em vista que se realiza pelo mesmo nome ou pronome já utilizado, seu uso, por ambos os grupos, confere aos seus textos unidade significativa, uma vez que, como propõem Fávero e Koch (2005, p.13), a correferenciação é “um dos principais elementos de coesão textual”. O uso de retomadas no relato de notícia especialmente por retomadas correferenciais, realizado por ambos os grupos, reforça ainda a teoria de Van Dijk (2011), de que a estrutura coesiva da notícia é construída por elementos correferenciais.

Em ambos os grupos, a retomada de referentes por meio de anáfora nominal foi maior do que as retomas por anáforas pronominais, havendo variância estatisticamente significativa. No GAE verificamos o valor de $p= 0,001$ e no GBE o valor de $p=0,020$. Esse número maior de usos de retomadas nominais na comparação com as pronominais, nos relatos de notícia de ambos os grupos, permite uma melhor progressão referencial no texto e uma reativação de elementos textuais, já apresentados ou sugeridos pelo cotexto, na memória do interlocutor (KOCH; ELIAS, 2010). Essa utilização maior de nomes do que pronomes, por ambos os grupos, torna

o texto mais informativo, pois, conforme Koch e Elias (2012), as formas nominais constituem uma das formas mais ricas de progressão referencial.

Em relação ao uso de nomes nas narrativas, os grupos demonstraram ainda um bom desempenho no que tange ao uso de nomes próprios (anáforas especificadoras) para definir os personagens e locais da narrativa, de modo a exprimir com exatidão a identidade do referido elemento, como sugere Adam (2011).

Embora o número de retomadas nominais tenha sido maior na comparação com as pronominais nos relatos de notícia de cada grupo, na comparação entre os grupos, o número de retomadas realizadas por meio de nomes e expressões nominais, bem como o número de retomadas pronominais, não demonstrou variância estatística significativa ($p=0,664$ e $p=0,163$, respectivamente).

Uma diferença observada entre os grupos, porém, foi o uso inadequado de algumas expressões nominais pelo GBE em quatro ocorrências, as quais, mesmo sendo expressões específicas, não vagas, caracterizam um problema de referenciação. Três delas introduzem um nome de forma ambígua, podendo referir-se a dois distintos referentes (como é o caso do referente *quatro peça*, usado para se referir à casa onde morava a vítima juntamente com seus pais, bem como à casa onde o corpo do menino foi escondido), e outra introduz um nome sem especificar de quem se fala (no trecho *ele ia lá brincava com as crianças*, em que não se sabe quem são essas crianças, uma vez que não haviam sido apresentadas anteriormente e tampouco foram especificadas na sequência). Essas referências usadas inadequadamente acabaram comprometendo o sentido dos trechos em que se encontravam.

Ainda quando aos pronomes, destacamos o baixo número de pronomes ambíguos e sem referentes nas narrativas de ambos os grupos, sendo essa comparação não significativa estatisticamente ($p= 0,962$). Apenas uma das narrativas

em cada um dos grupos teve seu sentido comprometido devido ao uso ambíguo de pronomes da terceira pessoa, o que, conforme Marcuschi (2008), pode levar a uma crescente dificuldade de processamento cognitivo da informação, como percebemos no trecho *o pai dele já tinha internado ele não largou as drogas e ele pegou e foi lá nessa academia e pagou pro homem da academia pra ele trabalha lá [...] todo mês ele dava o salário pro homem pra ele paga pra ele*.

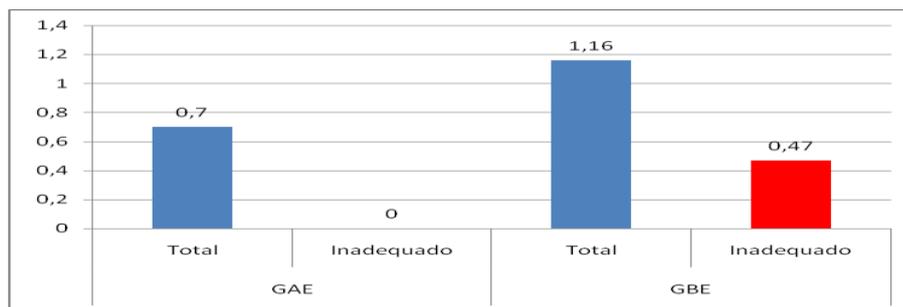
Houve, no GBE um caso de repetição do mesmo referente que ocorreu de forma inadequada, pois ele não foi especificado na narrativa, de modo que a informação ficou incompleta e prejudicada. Esse dado sugere que o participante não conseguiu realizar com sucesso o planejamento de seu discurso. Parece-nos que ele buscava uma informação na memória, mas esta não foi acessada e, por conseguinte, evocada, como podemos ver no trecho *a intenção dela a intenção dela*, em que não sabemos qual era a intenção da personagem.

O número de palavras e expressões com sentido vago utilizadas por ambos os grupos não demonstrou variância estatística significativa ($p=0,623$), de modo que GAE e GBE apresentaram desempenho muito semelhante nesse item do processo de referenciação. O GBE, no entanto, demonstrou três narrativas em que o uso de palavras com sentido vago comprometeu o sentido do enunciado, como no caso em que o referente é apresentado por meio de uma expressão com sentido vago (*a função da Copa*) e, na tentativa de especificá-la, o participante utiliza outra palavra imprecisa (*uma atividade lá da Copa*), de modo que a informação não fica clara, prejudicando o seu entendimento por parte do ouvinte. Trata-se de narrativas bastante problemáticas: a primeira com sentido vago e com muitas inserções de comentários avaliativos no meio da narrativa; as outras duas muito confusas e incompletas.

A diferença no número de dêiticos também não se mostrou significativa nos relatos de notícia de GAE e GBE ($p=0,340$). Contudo, percebemos uma leve tendência de melhor uso dessas expressões pelo GAE que, em todas as ocorrências, utilizou-as para fazer referência ao tempo da narrativa por meio de dêitico temporal, sendo que todos eles tiveram o sentido preenchido no momento da enunciação e não comprometeram a compreensão da informação por parte do ouvinte, como podemos observar em *ontem, semana passada, há um mês*.

Já o GBE, que utilizou maior número de expressões dêiticas, além de fazer uso de dêiticos temporais, usou também dêiticos espaciais para se referir ao local onde ocorreram os fatos narrados, como se percebe em *aqui na esquina*. Porém, dos 11 dêiticos espaciais utilizados pelo GBE nos relatos de notícia, apenas dois tiveram seu sentido preenchido no momento da interação. Os demais dêiticos espaciais (média=0,47; dp=1,02) comprometeram a coerência da narrativa, a partir do que Koch e Travaglia (2005) chamam de uma falha no plano de produção de seus textos, julgando inadequadamente o que é de conhecimento do ouvinte, sem deixar-lhe no texto uma evidência acessível sobre o local a que estão se referindo, como em *ali por perto, aqui... logo aqui*. Assim, embora o número médio de utilização de dêiticos nos relatos de notícia de ambos os grupos não tenha apresentado uma diferença significativa, o uso inadequado dessas expressões foi estatisticamente significativo ($p=0,044$), indicando um melhor desempenho no processo de referenciação, no que diz respeito ao emprego de dêiticos, pelos participantes do GAE, como ilustra o gráfico a seguir.

Gráfico 5: Emprego de dêiticos por GAE e GBE no relato de notícia



Nota: **GAE**: grupo de idosos sadios de alta escolaridade; **GBE**: grupo de idosos sadios de baixa escolaridade.

Fonte: A autora (2015)

Finalmente quanto à variável elipse, cuja diferença também não foi estatisticamente significativa ($p=0,209$) nas narrativas de ambos os grupos percebemos o seu uso nas cadeias referenciais, sendo, portanto, de fácil recuperação. Além disso, elas foram usadas ainda como catáfora (como na cadeia anafórica *sequestraram trezentas meninas, um grupo radical*); sem um referente explícito no contexto, mas recuperável pelo contexto da informação (*Ø chegaram à conclusão de que ele tava vivo*, se referindo à polícia e demais encarregados da investigação do caso Bernardo); e como sujeito indeterminado, nos casos em que o sujeito da ação não é conhecido, tendo em vista que se trata de uma notícia e, muitas vezes, ainda não se sabe quem é o autor de determinado crime ou o autor de uma denúncia não é divulgado, como em *Ø encontraram uma cabeça numa criança*. No GBE, porém, verificamos uma média de 0,21 elipses ($dp=0,63$) usadas de modo inadequado, sem um referente explícito, comprometendo o sentido, como podemos observar em *muito Ø deixaram*, em que não se sabe a quem o participante está se referindo. A análise estatística sobre o emprego inadequado das elipses nos relatos de notícia de GAE e GBE não mostrou diferença significativa entre os grupos ($p=0,143$), indicando a habilidade dos dois grupos no uso desses referências.

Assim, verificamos que todas as elipses utilizadas pelo GAE e a maioria das elipses empregadas por GBE foram passíveis de compreensão. Tal fato corrobora as afirmações de Koch (2011) de que, ao contrário do que se tem postulado historicamente, no texto oral, algumas formas pronominais e elipses podem ser retomadas por elementos subentendidos, ou seja, por um processo de referenciação elíptico. Marcuschi (2008) salienta ainda que este é um tipo de retomada que não é processada sintaticamente, mas cognitivamente, através de inferências.

O quadro a seguir sintetiza os dados aqui apresentados sobre a referenciação nos relatos de notícia produzidos por GAE e GBE.

Quadro 7: Quadro-resumo dos resultados da comparação entre o processo de referenciação nos relatos de notícia produzidos por GAE e GBE

NOTÍCIA	GAE	GBE
DESEMPENHO ADEQUADO E SEMELHANTE ENTRE OS DOIS GRUPOS	<p>Uso adequado de anáforas encapsuladoras.</p> <p>Uso adequado de anáforas especificadoras (nomes próprios para personagens e local).</p> <p>Mais retomadas nominais do que pronominais.</p> <p>Predomínio de anáforas diretas fiéis.</p> <p>Uso de elipses em cadeias referenciais, como catáforas, com referente recuperável no contexto e como sujeito indeterminado.</p> <p>Repetição de referente para confirmar a informação dada.</p> <p>Uso (reduzido) de anáforas predicativas.</p> <p>Todos os dêiticos utilizados são temporais e tiveram seu sentido preenchido no momento da interação.</p>	
USO INADEQUADO E SEMELHANTE OS DOIS GRUPOS	<p>Uma narrativa teve um trecho com sentido comprometido devido ao uso de pronome ambíguo.</p>	
USO INADEQUADO E DIFERENTE ENTRE OS DOIS GRUPOS	<p>Três casos de introdução de referente de menção única a partir de palavras com sentido vago.</p> <p>Quatro ocorrências de uso inadequado de expressões nominais (de modo ambíguo ou sem especificar de quem</p>	

		<p>se fala) que comprometeram o sentido do enunciado.</p> <p>Um caso de planejamento do discurso mal sucedido: repetição do referente sem especificá-lo.</p> <p>Três narrativas em que o uso de palavras com sentido vago comprometeu o sentido.</p> <p>Dêiticos espaciais comprometeram o sentido do enunciado.</p> <p>Três narrativas com problemas de coerência: uma com sentido vago e muitos comentários avaliativos, outras duas muito confusas.</p>
--	--	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Fonte: A autora (2015)

Diante dos dados aqui apresentados, podemos afirmar que o desempenho de GAE e GBE no processo de referenciação na produção de relato de notícia, na análise quantitativa, mostrou-se bastante semelhante, sem diferença estatística significativa em nenhuma das variáveis analisadas. Esses resultados homogêneos entre GAE e GBE podem ser justificados pelo fato de inúmeros participantes não terem produzido todos os elementos da estrutura de notícia em suas narrativas, embora esta seja uma característica do gênero, pois, segundo Van Dijk (2011), determinados elementos da notícia, tais como causa, lugar e tempo, podem ser descartados, apresentando apenas o que é mais relevante – o tópico da notícia – ainda mais em se tratando de um evento conhecido. Por outro lado, a análise qualitativa sobre o uso das referências nos relatos de notícia evidenciou que GBE, na comparação com GAE, apresentou desempenho inferior em vários aspectos.

Por fim, salientamos que não foi objetivo deste estudo analisar os comentários pessoais e avaliações sobre o fato narrado, realizados pelos participantes, tendo em vista que consideramos apenas as sequências narrativas referentes à notícia jornalística. Porém, nesses trechos, percebemos, na comparação entre GAE e GBE,

que neste grupo houve um uso maior de palavras e expressões com sentido vago, como observamos em *eu achei isso uma coisa tão assim; eu acho assim; eu fiquei assim; isso é uma coisa*. Nesse sentido, destacamos a tese de Koch (2005), de que o indivíduo opera com o material linguístico que têm à disposição na realização de escolhas significativas para representar as coisas. Sendo assim, uma possível hipótese para esses achados seria que na produção de relato de notícia os participantes ativaram na memória aquilo que ouviram, viram ou leram, e reproduziram esses elementos, como vemos, por exemplo, na utilização de nomes bem específicos como *um avião da TAP* e *soda cáustica*, no GAE, em que especifica até o nome da empresa aérea envolvida no acidente e do produto químico utilizado no crime, tal qual foi passado pelo noticiário; e *uma injeção letal*, no GBE, expressão esta que talvez não fosse de seu domínio linguístico, tendo em vista a baixa escolaridade. Enquanto isso, as sequências argumentativas são criações próprias, que exprimem o pensamento do locutor e, conseqüentemente, nelas os indivíduos devem selecionar os referentes que serão utilizados para a construção de seus objetos de discurso de seu próprio léxico mental, ocorrendo assim mais palavras vagas no discurso livre de GBE.

Passemos, na próxima seção, para a comparação entre o desempenho de GAE e GBE na referenciação em narrativas produzidas a partir do apoio visual de sequência de figuras.

3.3.2 Dados da referenciação na produção de narrativa com apoio de sequência de figuras comparando-se o desempenho de idosos saudáveis de alta escolaridade e de baixa escolaridade

Na comparação entre o desempenho dos participantes do GAE e do GBE no processo de referenciação na produção de narrativa com apoio visual de sequência de figuras, percebemos uma variância estatisticamente significativa nas variáveis linguísticas cadeias referenciais ($p=0,002$), número de retomadas ($p=0,003$), retomadas por anáforas diretas ($p=0,007$), introdução de referentes por anáforas indiretas ($p=0,007$) e retomadas nominais ($p=0,006$). Além disso, verificamos uma variância marginalmente significativa no uso de dêiticos ($p=0,055$), elipses ($p=0,091$) e retomadas pronominais ($p=0,081$). Já a diferença nas variáveis introdução de referente de menção única ($p=0,869$), uso de expressões com sentido vago ($p=0,515$) e uso de pronomes ambíguos e/ou sem referentes ($p=0,901$) não se mostrou estatisticamente significativa entre os grupos, como vemos na tabela abaixo.

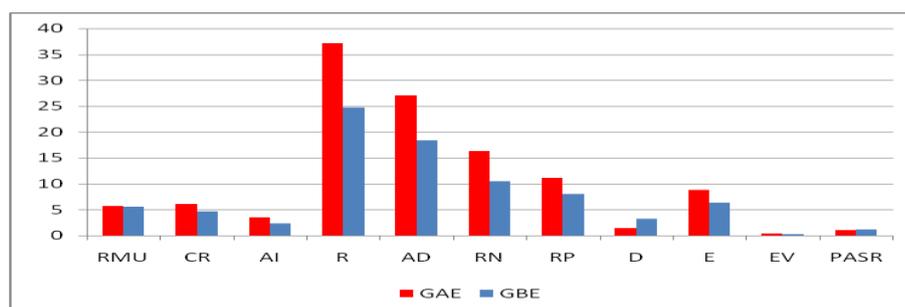
Tabela 7: Comparação do desempenho no processo de referenciação na narrativa com apoio visual de sequência de figuras entre os grupos GAE e GBE

VARIÁVEL LINGUÍSTICA	GAE		GBE		Significância Valor p
	Média	Desvio padrão	Média	Desvio padrão	
Referentes de menção única	5,70	2,13	5,58	2,41	0,869
Cadeias referenciais	6,10	1,41	4,68	1,16	0,002
Anáforas Indiretas	3,55	1,61	2,37	0,83	0,007
Retomadas	37,15	14,52	24,68	9,76	0,003
Anáforas Diretas	27,05	10,52	18,32	8,59	0,007
Retomadas nominais	16,25	6,44	10,53	5,84	0,006
Retomadas pronominais	11,10	5,63	8,00	5,13	<u>0,081</u>
Dêiticos	1,45	2,06	3,26	3,51	<u>0,055</u>
Elipses	8,85	5,85	6,32	2,56	<u>0,091</u>
Expressões com sentido vago	0,45	0,76	0,32	0,48	0,515
Pronomes ambíguos e/ou sem referente	1,05	1,47	1,11	1,29	0,901

Fonte: A autora (2015)

O gráfico a seguir ilustra esses resultados entre o desempenho no processo de referenciação de GAE e GBE na produção de narrativas com apoio visual de sequência de figuras.

Gráfico 6: Comparação entre o desempenho no processo de referenciação de GAE e GBE na narrativa com apoio visual de sequência de figuras



Nota: **RMU**: referentes de menção única; **CR**: cadeias referenciais; **AI**: anáforas indiretas; **R**: retomadas; **AD**: anáforas diretas; **RN**: retomadas nominais; **RP**: retomadas pronominais; **D**: dêiticos; **E**: elipses; **EV**: expressões com sentido vago; **PASR**: pronome ambíguo e/ou sem referente

Fonte: A autora (2015)

Como vimos, foram poucas as palavras e expressões com sentido vago usadas por ambos os grupos, tendo eles apresentado um bom desempenho nesse aspecto do processo de referenciação, uma vez que muitas dessas palavras com sentido vago foram usadas para representar o que menino estaria dando ao cachorro para atraí-lo e puderam ser interpretadas pelo contexto (como no trecho, *ele deu alguma coisa pro cachorrinho seguiu ele*). Também a análise estatística sobre o emprego de palavras e expressões com sentido vago (compreensíveis ou não pelo contexto) pelos dois grupos não mostrou diferença significativa ($p=0,560$).

Do mesmo modo, o número de pronomes ambíguos e/ou sem referentes foi homogêneo em ambos os grupos, sendo poucos os casos em que eles ocorreram. Sobre esse aspecto, verificamos que alguns participantes do GAE, ao usarem um pronome que causa algum tipo de problema referencial, tal como ambiguidade,

reformulam seu enunciado a fim de corrigi-lo, de modo a deixá-lo compreensível para o ouvinte, como no trecho *a mãe dele chega vê ele dentro do:: o cachorro dentro do roupeiro*. Tal procedimento não foi observado nas narrativas do GBE.

Já no uso de retomadas pronominais ($p=0,081$), de dêiticos ($p=0,055$) e de elipses ($p=0,091$), percebemos uma variação estatística marginalmente significativa entre GAE e GBE. As retomadas pronominais utilizadas pelos grupos pertencem a cadeias anafóricas que remetem aos personagens da história e são anáforas fiéis, ou seja, repetição do mesmo pronome sem acréscimo de nenhuma outra característica. Destacamos ainda que a grande maioria de retomadas pronominais foi realizada para remeter ao personagem central, o menino, tanto nas narrativas de GAE quanto de GBE. Além dessas retomadas pronominais, nas narrativas do GBE, percebemos ainda o uso de pronomes como anáforas encapsuladoras, retomando todo um enunciado narrado anteriormente (como em *ele pediu pelo amor de Deus pra que deixasse o cachorrinho com ele... ela foi então arrumo uma casinha lá e boto o cachorrinho por isso ele fico... felicíssimo*).

Também as elipses utilizadas nas narrativas de ambos os grupos, com um número levemente maior de ocorrências no GAE, fizeram parte de cadeias referenciais que se remetem aos personagens da história. Houve apenas um participante em cada grupo que utilizou a elipse de modo inadequado na introdução do personagem, definindo-o por meio de um referente nominal somente depois de várias ações por ele realizadas, o que pode prejudicar o entendimento por parte do ouvinte no momento da interação, pois foram apresentadas várias ações acontecidas sem se saber quem era o sujeito responsável por elas, o que só se descobre no final da história. Isso pode ser percebido no trecho da seguinte narrativa: *Ø tá andando na rua e Ø vê um cachorro e:: ele acha que o cachorro tá perdido [...] o guri pede para*

ficar com ele.

Esse maior número de retomadas pronominais e de elipses por GAE na comparação com GBE deve-se ao fato de que GAE apresentou um número consideravelmente superior de cadeias anafóricas e de retomadas. Embora a pronominalização possa ser considerada como uma substituição mínima, como sugere Marcuschi (2008), nas narrativas a partir de figuras de ambos os grupos elas não comprometeram o sentido, uma vez que fizeram parte de cadeias referenciais e proporcionam correferencialidade ao texto, um dos elementos essenciais para a coesão textual (FÁVERO; KOCH, 2005). Ademais, o maior número de retomadas pronominais e retomadas por meio de elipses usadas em cadeias anafóricas que remetem aos personagens centrais da história respalda a ideia de que há maior uso de pronomes e de elipses quando o referente é a entidade saliente e ativada no contexto do discurso (ARNOLD; BENNETTO; DIEHL, 2009; ALMOR *et al.*, 2007).

Em relação ao uso de dêiticos, cuja variância foi marginalmente significativa ($p=0,055$), como mencionado anteriormente, percebemos um número maior de utilizações por parte do GBE. Nas narrativas de GAE todos os dêiticos utilizados foram expressões demonstrativas usadas para apontar a uma imagem cuja cena estava sendo narrada. O mesmo ocorreu com a grande maioria de dêiticos usados nas narrativas de GBE. Tais expressões dêiticas não comprometem a transmissão da mensagem, tendo em vista que as imagens estavam à disposição tanto do locutor (participante) quanto do interlocutor (examinador), de modo que havia uma base comum do conhecimento para que essas referências pudessem se concretizar na atividade da linguagem, como propõe Cavalcante (2005).

As variáveis linguísticas número de cadeias referenciais ($p=0,002$), de retomadas ($p=0,003$), de retomadas por anáfora direta ($p=0,007$), de retomadas

nominais ($p=0,006$) e de introdução de referentes por anáfora indireta ($p=0,007$) apresentaram variação estatisticamente significativa nas narrativas com apoio visual de sequência de figuras dos GAE e GBE, sendo todas elas superiores nas produções de GAE.

Koch e Elias (2010) afirmam que a produção do discurso envolve uma constante referência a algo, alguém, fatos, eventos ou sentimentos, e a manutenção do foco nos referentes introduzidos por meio da operação de retomada. Nas narrativas de ambos os grupos, houve cadeias anafóricas para os personagens centrais da história e demais elementos da narrativa, e a extensa maioria de retomadas foi usada para referir-se aos personagens menino, cachorro e mãe, sendo formuladas por meio de anáfora direta fiel, ou seja, pela repetição do mesmo núcleo sintagmático usado na introdução do referente.

O maior número de cadeias anafóricas e de retomadas na narrativa de GAE, na comparação com GBE, destaca-se como aspecto positivo ao primeiro grupo, pois vai ao encontro da proposta de Koch e Elias (2010) de que uma sequência narrativa deve apresentar várias cadeias referenciais, para os personagens, o espaço e os objetos da história. Além disso, o texto deve apresentar continuidade, isto é, deve constantemente remeter a referentes apresentados e introduzidos na memória do interlocutor, bem como acrescentar informações novas (KOCH; ELIAS, 2010), conferindo.

Esses resultados reforçam os já encontrados na literatura, de que idosos com alta escolaridade têm mais capacidade para realizar inferências a partir do material imagético (RIBEIRO *et al.*, 2010; WARREM; NICHOLAS; TRABASSO, 2001), analisando as informações visuais e transformando-as em verbais (DUONG; SKA, 2001), de modo a produzir maior número de palavras e de informações, tornando o

texto mais completo (TOLEDO, 2011; RIBEIRO *et al.*, 2010; NITRINI *et al.*, 2007; ALVES; SOUZA, 2005; MACKENZIE, 2002; DUONG; SKA, 2001).

Quanto às retomadas nominais e pronominais, verificamos um variância estatisticamente significativa nas produções narrativas de GAE ($p=0,001$), ocorrendo mais retomadas nominais. Já nas narrativas de GBE, embora apresentem maior ocorrência de retomadas nominais do que pronominais, não houve variância estatística significativa ($p=0,122$) entre essas variáveis. Esses dados conferem aos textos de GAE maior progressão referencial e tópica, a partir da ligação entre tópicos e subtópicos e acréscimo de informação nova à informação dada (KOCH; ELIAS, 2012).

Ainda na comparação entre os grupos, verificamos uma variância estatisticamente significativa entre o número de retomadas nominais, aparecendo elas em maior número nas narrativas de GAE. Percebemos ainda um melhor desempenho no uso de retomadas nominais nas narrativas de GAE, com número maior de uso de anáforas diretas infiéis, isto é, aquelas retomadas formadas por palavras de mesmo campo semântico, sem repetir a mesma já utilizada (por exemplo, *cãozinho*, *cachorrinho*, *animalzinho*); de anáfora predicativas qualificando os personagens, em especial o menino e o cachorro, e indicando as mudanças de estado sofridas ao longo da narrativa (como nos trechos a seguir, que mostram o estado inicial e final do cão na história: *o cachorro tá perdido; o cachorro ficou faceiro*); de anáforas especificadoras, trazendo uma característica do referente em questão, geralmente o cachorro (como em *o cachorro sentado; um cachorrinho triste; um cachorro abandonado*); e de um nome próprio para o menino e o cachorro (como *Joãozinho*, para o menino, e *Totó, Balu, Pitu*, para o cachorro). Entretanto, essas variáveis (anáfora fiel e infiel, predicativa, especificadora e nome próprio) não foram

controladas estatisticamente.

Esse maior número de retomadas nominais na narrativa de GAE caracteriza-se como um aspecto positivo no seu desempenho, pois elas são consideradas, por Koch e Elias (2010), a forma mais rica de progressão referencial. O fato de GAE apresentar mais retomadas nominais, e dentre elas ocorrências de anáforas diretas infiéis, predicativas e especificadoras, sugere que os participantes do GAE têm ao seu dispor um vocabulário mais diversificado que o GBE. Além disso, as anáforas predicativas usadas por GAE para indicar a mudança do estado inicial para o final na narrativa corroboram a proposta de Adam (2011; 1987) de que uma narrativa não pode ser apenas uma sucessão de fatos, mas que deve apresentar uma modificação entre a situação inicial e final.

Finalmente, destacamos que no GBE houve um caso em que o participante descreve as cenas isoladamente, sem perceber a conexão entre elas, o que não ocorre nas narrativas de GAE. Esse participante não percebe o conflito, isto é, a complicação em torno da qual gira a história, tampouco a mudança dos fatos entre a situação inicial e final, não obedecendo, portanto, uma característica fundamental da estrutura narrativa, conforme proposto por Adam (2011; 1987). Percebemos com isso que tal participante não consegue ver a história como um todo, demonstrando prejudicada sua habilidade em perceber o contexto narrativo. Esse fato corrobora os achados de Juncos-Rabadan, Pereiro e Rodriguez (2005), de que idosos com alta escolaridade são mais hábeis na construção do esquema global do assunto, devido à integração maior do conhecimento de mundo e à representação visual da imagens.

O quadro a seguir sintetiza o desempenho de GAE e GBE no processo de referenciação na produção de narrativas com apoio visual de sequência de figuras aqui apresentado.

Quadro 8: Quadro-resumo dos resultados da comparação entre o processo de referenciação nas narrativas com apoio visual de sequência de figuras produzidas por GAE e GBE

	GAE	GBE
DESEMPENHO ADEQUADO E SEMELHANTE ENTRE OS DOIS GRUPOS	<p>Reduzido uso de palavras com sentido vago.</p> <p>Reduzido uso de pronomes ambíguos e/ou sem referentes.</p> <p>Retomadas pronominais predominantemente fiéis.</p> <p>Retomadas pronominais predominantemente para se referir ao personagem central.</p> <p>Elipses usadas nas cadeias que se referem aos personagens.</p> <p>Cadeia referencial para o personagem central.</p> <p>A maior parte das retomadas se referem aos personagens.</p> <p>Confirmação e reformulação de referentes nominais.</p> <p>Dêiticos demonstrativos.</p>	
USO ADEQUADO, PORÉM DIFERENTE ENTRE OS GRUPOS	<p>Mais cadeias referenciais, gerando textos com maior progressão temática.</p> <p>Mais anáforas indiretas, as quais necessitam da realização de inferências para produção e compreensão.</p> <p>Mais anáforas infiéis (substituição vocabular), predicativas e especificadoras (mais características dos personagens), mais nomes próprios para os personagens, gerando textos mais detalhados.</p> <p>Menor uso de palavras com sentido vago sem que pudessem ser compreendidas pelo contexto.</p> <p>Maior uso de retomadas nominais do que pronominais.</p> <p>Correção de pronomes ambíguos e/ou sem referentes.</p>	<p>Uso de anáforas encapsuladoras.</p> <p>Um caso de dêitico temporal e um de espacial usados adequadamente.</p>
USO INADEQUADO	<p>Um caso de elipse que comprometeu o sentido do enunciado.</p>	<p>Um caso de elipse que comprometeu o sentido do enunciado.</p> <p>Não corrige os pronomes usados de modo inadequado.</p> <p>Maior uso de palavras com sentido vago que não puderam ser compreendidas pelo contexto.</p> <p>Um caso de descrição isolada das cenas.</p>

Após a apresentação dos resultados sobre o processo de referenciação nos relatos de notícias e nas narrativas com apoio visual de sequência de figuras produzidas por GAE e GBE, passemos, na próxima seção, à discussão da hipótese 2.

3.3.3 Discussão da hipótese 2

Como hipótese 2, postulamos que idosos saudáveis com alta escolaridade demonstrariam desempenho superior ao de idosos de baixa escolaridade no processo de referenciação em ambas as narrativas, apresentando maior número de referentes, de cadeias referenciais e de retomadas, além de menor número de pronomes ambíguos e ou/sem referentes, de palavras com sentido vago e de dêiticos. De acordo com os dados apontados anteriormente, podemos afirmar que, na análise quantitativa, a hipótese 2 foi parcialmente confirmada.

Quanto à análise qualitativa sobre o uso dessas referências nas narrativas produzidas por ambos os grupos de idosos sadios, propusemos, na hipótese 2, que o emprego das expressões referenciais seria realizado de modo mais adequado pelo GAE, na comparação com GBE, em ambas as narrativas, de modo que as escolhas linguísticas dos participantes com alta escolaridade propiciariam uma mensagem mais coerente ao ouvinte.

Nesse sentido, pudemos observar que a hipótese 2 foi corroborada, tendo em vista que idosos de alta escolaridade apresentaram superioridade na progressão referencial e tópica (embora pequena nos relatos de notícia), produziram mais detalhes em suas histórias, a partir de retomadas infleis, predicativas e especificadoras, demonstrando maior vocabulário. Os idosos do GAE foram ainda mais hábeis do que os do GBE no reconhecimento de incoerências na narrativa,

introduzida uma referência inadequada, e na sua correção, tornando o texto mais inteligível para seu interlocutor.

Os idosos de baixa escolaridade, por outro lado, apresentaram problemas no que se refere ao uso de palavras com sentido vago, expressões nominais sem referentes ou ambíguas e dêiticos espaciais. Esses dados apontam para a dificuldade de idosos de baixa escolaridade em selecionar referências apropriadas para a manutenção do sentido do texto, bem como uma tendência de falha no planejamento de seu discurso, ao realizarem um inadequado julgamento pragmático, supondo que os mesmos conhecimentos que possuem são de domínio do seu interlocutor, que ambos possuem a mesma perspectiva sobre os acontecimentos.

O desempenho inferior nesses aspectos nas narrativas do GBE compromete a qualidade de seus textos, pois, como mencionado no primeiro capítulo, um texto só será um texto se satisfizer as condições de sentidos, as quais são alcançadas a partir de combinações possíveis que obedecem a regras, o que inclui não só o ordenamento das proposições, mas também o significado conceitual e referencial. Em outras palavras, para que seja aceitável, um texto deve satisfazer as condições de coerência, a qual está estritamente ligada à coesão ou coerência referencial (KOCH, 2013; KINTSCH; VAN DIJK, 1998). Construir um texto coeso é ser capaz de criar e sinalizar toda espécie de ligação, é fazer com que todos os elementos estejam em relação, como propõe Antunes (2005). Percebemos, no entanto, que idosos com baixa escolaridade não foram capazes de estabelecer ligação entre todos os elementos textuais, acarretando prejuízo na unidade temática, isto é, na unidade de sentido.

O GBE apresentou ainda um caso de descrição isolada das cenas representadas nas imagens no lugar de uma narração, o que não foi observado no GAE. Esse aspecto aponta para a inabilidade desse participante em realizar inferências

apropriadas para a elaboração de um contexto adequado no qual possa apresentar os fatos em uma sequência cronológica, tal como exige a estrutura narrativa (ADAM, 2011, 1987), bem como a prejudicada habilidade em fazer inferências a partir das imagens e transformar as informações visuais em verbais, além de pouco domínio da estrutura narrativa (RIBEIRO; RADANOVIC, 2014; RIBEIRO *et al.*, 2010).

Os resultados aqui encontrados, sobre o melhor desempenho de GAE em ambas as narrativas, somam-se aos aportados pela literatura, que indicam que o nível de escolaridade influencia positivamente na produção do discurso, possibilitando uma seleção mais adequada de mecanismos referenciais (JUNCOS-RABADAN; PEREIRO; RODRÍGUEZ, 2005). Indicam ainda que idosos de alta escolaridade deste estudo foram mais hábeis do que os idosos do GBE em fazer suposições sobre o foco de atenção do interlocutor, mantendo seu discurso verossímil com o estado mental do ouvinte (ARNOLD; BENNETTO; DIEHL, 2009). Assumimos, portanto, a hipótese de que os idosos de alta escolaridade deste estudo apresentam mais preservada a capacidade de julgamento pragmático, o que possibilitou a seleção de elementos referenciais apropriados para a manutenção da coerência do texto em ambas as narrativas e a produção de um plano de discurso coerente, o que se parece mais dificultoso para idosos com baixa escolaridade.

A escolaridade pode, portanto, ter contribuído para o melhor desempenho do GAE, pelo fato de ela se constituir como um fator preponderante para a criação de mecanismos compensatórios, os quais auxiliam idosos a lidarem com processos de declínio cognitivo normal no envelhecimento (REUTER-LORENZ; PARK, 2014; STERN, 2012; STUART-HAMILTON, 2002). A escolaridade impacta em tarefas cognitivas complexas, como na produção da linguagem (RIBEIRO; RADANOVIC, 2014).

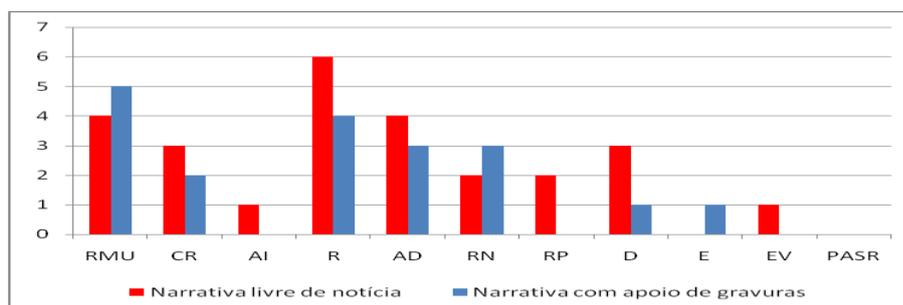
Se a produção da linguagem envolve habilidades aprendidas por meio de experiências ao longo da vida, o maior nível de escolaridade dos idosos deste estudo pode ter sido um fator impactante para o seu bom desempenho discursivo, tendo em vista que a escolaridade formal amplia os conhecimentos de mundo.

3.4. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS DA REFERENCIAÇÃO EM NARRATIVAS ORAIS NA DOENÇA DE ALZHEIMER RELACIONADOS AO TIPO DE TAREFA

Como mencionado anteriormente, analisamos cada participante diagnosticado com DA como um estudo de caso. Os dados produzidos por esses participantes, quanto ao processo de referenciação usado em seus textos, foram poucos, de modo que não foi possível chegar a uma conclusão sobre a significância estatística ou não entre eles. Sendo assim, optamos por uma análise mais qualitativa sobre o desempenho de cada um dos participantes/casos diagnosticados com DA no processo de referenciação no relato de notícia e na narrativa com apoio de sequência de gravuras, a qual apresentamos nesta seção.

Em relação ao participante DA1, o processo de referenciação no relato de notícia e na narrativa com apoio visual de sequência de gravuras demonstrou-se bastante homogêneo, como mostra o gráfico a seguir.

Gráfico 7: Comparação entre o processo de referenciação de DA1 no relato de notícia e na narrativa com apoio visual de sequência de figuras



Nota: **RMU**: referentes de menção única; **CR**: cadeias referenciais;

AI: anáforas indiretas; **R**: retomadas; **AD**: anáforas diretas; **RN**: retomadas nominais;

RP: retomadas pronominais; **D**: dêiticos; **E**: elipses; **EV**: expressões com sentido vago;

PASR: pronome ambíguo e/ou sem referente

Fonte: A autora (2015)

Podemos verificar que o número de introdução de referentes, sejam de menção única, de primeira menção ou por meio de anáfora indireta, foi bem semelhante nas duas produções, ocorrendo um número reduzido dessas referências em ambas as narrativas de DA1. Quanto às cadeias referenciais, em ambos os textos, DA1 produziu-as apenas para retomar os personagens da história, apresentando-as também em pequeno número.

Chamou-nos a atenção o fato de que DA1 produz textos muito curtos e com pouca progressão temática. No relato de notícia, o participante apresenta apenas uma espécie de manchete sobre o fato, sem nenhuma informação de como ou por que ele ocorreu. Na narrativa com apoio visual de sequência de figuras, descreve apenas duas cenas da história de modo isolado, sem perceber a continuidade entre elas, o que se reflete no baixo número de referentes e de retomadas. Além disso, o participante não percebe os personagens como sendo os mesmos em distintas cenas (utilizando referentes diferentes para se remeter a eles), tampouco o conflito da trama. Sua narrativa é incompleta e, após cada informação que apresenta, faz algum comentário

de automonitoramento, com expressões que demonstram sua incerteza sobre o que está narrado, como *eu acho né, não sei*.

Em relação ao número e tipo de retomadas percebemos o desempenho homogêneo de DA1 em ambas as narrativas, predominando o uso de anáforas diretas, que ocorrem por meio de uma palavra idêntica ou de mesmo campo semântico que a expressão usada na introdução do referente.

As retomadas nominais e pronominais também apresentaram número de ocorrências semelhante na comparação entre ambas as narrativas, com um número levemente superior de pronomes no relato de notícia. Destacamos ainda que no relato de notícia o número de retomadas nominais e pronominais foi idêntico, ao passo que na narrativa com apoio visual de sequência de figuras o uso de retomadas nominais foi maior do que o de retomadas pronominais. Apesar dessa equiparidade entre retomadas nominais e pronominais no relato de notícia e leve superioridade no uso de nomes, na comparação com pronomes, na narrativa com apoio visual de sequência de figuras, convém lembrar que foram poucas as retomadas produzidas por DA1 em ambas as narrativas.

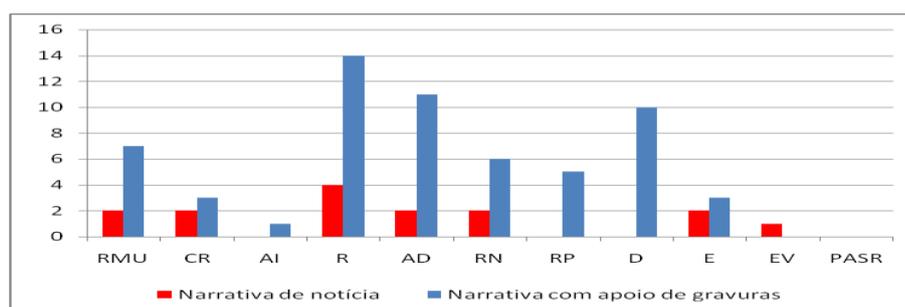
O uso de elipses entre as narrativas de DA1 foi bastante parecido, havendo apenas uma ocorrência, a qual pode ser interpretada sem problemas, uma vez que pertence a uma cadeia anafórica, cujo referente estava explícito no contexto. Também não houve pronomes ambíguos ou sem referentes nas narrativas produzidas por DA1.

No que tange ao uso de dêiticos, percebemos que DA1 usou apenas uma dessas expressões referenciais na narrativa com apoio visual de sequência de figuras. Foi o caso de um dêitico demonstrativo verbalizado enquanto o participante fazia um comentário sobre o personagem representado na imagem, o que não comprometeu o sentido da mensagem transmitida ao interlocutor, tendo em vista que o conhecimento

era compartilhado. Já no relato de notícia o uso de dêiticos ocorreu por três vezes, quando o participante repete-os, como se estivesse realizando uma estratégia pessoal para lembrar o nome da cidade onde ocorreu o fato narrado, porém apresenta uma expressão pouco específica na tentativa de dar sentido a esse dêitico, fato que compromete a informação, como vemos no trecho *é aqui:: aqui:: aqui... em outra cidade*.

O participante DA2, por sua vez, apresentou um número maior de introdução de referentes (de menção única) e de retomadas (retomadas por anáforas diretas e retomadas nominais e pronominais) na narrativa com apoio visual na comparação com o relato de notícia. Houve uma homogeneidade quanto ao número de cadeias referenciais, de anáforas indiretas, uso de elipses, de pronomes ambíguos e/ou sem referentes e de expressões com sentido vago em ambas as produções. E no relato de notícia percebemos o menor uso de dêiticos, como mostra o gráfico abaixo.

Gráfico 8: Comparação entre o processo de referenciação de DA2 no relato de notícia e na narrativa com apoio visual de sequência de figuras



Nota: **RMU**: referentes de menção única; **CR**: cadeias referenciais; **AI**: anáforas indiretas; **R**: retomadas; **AD**: anáforas diretas; **RN**: retomadas nominais; **RP**: retomadas pronominais; **D**: dêiticos; **E**: elipses; **EV**: expressões com sentido vago; **PASR**: pronome ambíguo e/ou sem referente

Fonte: A autora (2015)

O reduzido número de referentes no relato de notícia produzida por DA2 pode ter sido influenciado pela brevidade do texto, tendo em vista que o processo de

referenciação ocorre à medida em que o texto vai se construindo e o relato de notícia de DA2 foi muito concisa, narrando apenas uma manchete sobre o fato.

Embora o número de cadeias referenciais (referentes de primeira menção) tenha sido muito semelhante nas duas narrativas, o número de retomadas desses referentes foi bastante superior na narrativa com apoio visual. As retomadas foram realizadas predominantemente por meio de anáforas diretas, as quais, segundo Fávero e Koch (2005), conferem correferenciação ao texto, um dos principais elementos de coesão textual. No entanto, na narrativa com apoio de sequência de figuras, DA2 apenas descreve algumas cenas a ele apresentadas, não construindo de fato uma estrutura narrativa.

Em relação ao número de retomadas, tanto nominal quanto pronominal, este foi maior na narrativa com apoio visual de sequência de figuras. O maior uso de retomadas pronominais pode ser justificado devido ao fato de que nessa modalidade de texto houve um número muito maior de retomadas do que no relato de notícia, no qual praticamente não houve progressão referencial. Embora as pronominalizações sejam consideradas as formas mínimas de substituição (MARCUSCHI, 2008), na narrativa com apoio de sequência de figuras de DA2 elas não comprometem o sentido, tendo em vista que pertenciam a cadeias referenciais cujo referente pôde ser facilmente recuperado no cotexto. Nas narrativas de DA2, verificamos ainda o uso reduzido de pronomes ambíguos ou sem referentes (nenhum em ambas as narrativas) e de expressões com sentido vago (um caso no relato de notícia).

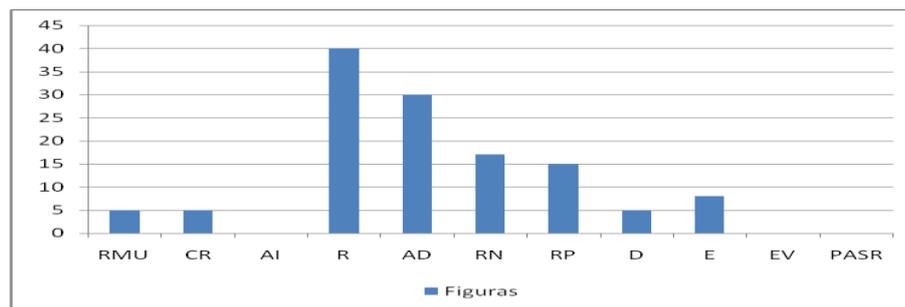
Por fim, o uso de dêiticos foi consideravelmente maior na narrativa com apoio visual. Tal resultado pode ser atribuído ao tipo de estímulo, que favorece o uso desse tipo de expressão referencial. Nenhum dos casos de dêiticos usados nessas narrativas configurou-se um problema de referenciação, uma vez que se trata de dêiticos

demonstrativos usados para apontar para a figura enquanto se narrava a cena correspondente. Enquanto isso, no relato de notícia, um dêitico espacial foi utilizado de modo inadequado (em *lá*), quando o conhecimento não era compartilhado e a informação ficou incompleta para seu interlocutor.

No que tange ao participante DA3, não foi possível realizar a comparação entre o seu desempenho no processo de referenciação no relato de notícia e na narrativa com apoio visual de figuras, tendo em vista que esse participante não relatou uma notícia. O participante DA3, assim como os outros, foi convidado a contar uma notícia da qual tivesse tomado conhecimento nos últimos dias, porém se negou a narrar qualquer fato, alegando que não sabia nenhuma notícia. O participante afirma que *essas coisas é difícil eu guardar isso aí... porque eu olho assim e passa e*, mesmo depois de insistência da pesquisadora para que contasse algo, diz não saber. A própria fala do participante para justificar a não realização da tarefa já nos mostra sua dificuldade em gravar uma nova informação, o que é característico na DA.

O interessante nesse caso é que na narrativa com apoio visual de sequência de figuras, DA3 foi o participante diagnosticado com DA com melhor desempenho, apresentando uma narrativa completa, com todos os momentos da trama, incluindo situação inicial, conflito, reação, desenlace e desfecho. O gráfico a seguir ilustra o desempenho no processo de referenciação na narrativa a partir de apoio visual de sequência de figuras de DA3.

Gráfico 9: Processo de referenciação de DA3 na narrativa com apoio visual de sequência de figuras



Nota: **RMU**: referentes de menção única; **CR**: cadeias referenciais; **AI**: anáforas indiretas; **R**: retomadas; **AD**: anáforas diretas; **RN**: retomadas nominais; **RP**: retomadas pronominais; **D**: dêiticos; **E**: elipses; **EV**: expressões com sentido vago; **PASR**: pronome ambíguo e/ou sem referente

Fonte: A autora (2015)

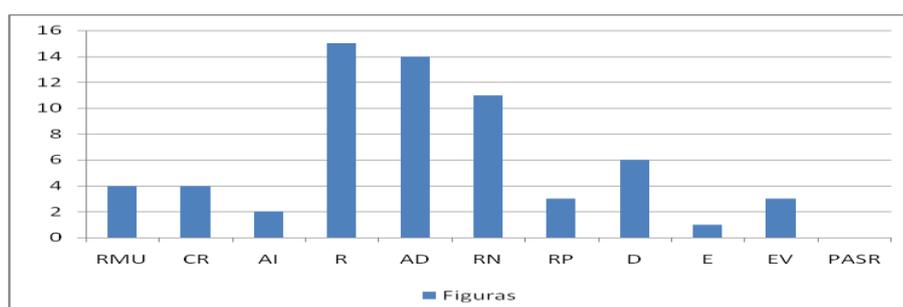
Por fim, também de DA4 não foi possível realizar a comparação entre o desempenho no processo de referenciação no relato de notícia e na narrativa com apoio visual de figuras, pois este participante não relatou uma notícia. Assim, como DA3, DA4 negou-se a contar uma notícia, mesmo depois de insistência da pesquisadora, dizendo *não me lembro de nada; não me lembro de nada*. Também nessa fala percebemos a dificuldade de evocação de uma informação ouvida e apreendida há pouco tempo, uma das principais características da DA.

Na narrativa com apoio de sequência de figuras, DA4 faz uso de repetições sobre a ação que o menino estava realizando, não trazendo nenhuma informação nova, como percebemos no trecho *ele... tá dando aqui ele tá dando... alguma coisa pro cachorro comer... né.. tá dando algo aqui pro cachorro*. Com isso, aumenta o número de retomadas de referentes, mas não a progressão temática. Ao realizar esse procedimento de repetição das informações, parece-nos que DA4 está realizando o planejamento de seu discurso, reafirmando o que havia falado, como numa estratégia para ganhar tempo e poder formular o próximo episódio da narrativa, mas este não chega a ser relatado. DA4 utiliza ainda palavras com sentido vago, inespecíficas

(*alguma coisa, algo*). O emprego desses referentes com sentido vago, no entanto, não comprometeu o sentido do enunciado, uma vez que eles puderam ser interpretados pelo contexto, tendo em vista que se trata daquilo que o menino estaria dando ao cão para atraí-lo.

A história relatada por DA4, no entanto, não se apresentou de forma adequada, uma vez que o participante apenas descreveu isoladamente as cenas representadas em alguns quadros, omitindo detalhes fundamentais da narrativa, como o conflito e o desfecho. O gráfico a seguir ilustra o desempenho de DA4 no processo de referenciação na narrativa com apoio visual de sequência de figuras.

Gráfico 10: Processo de referenciação de DA4 na narrativa com apoio visual de sequência de figuras



Nota: **RMU**: referentes de menção única; **CR**: cadeias referenciais; **AI**: anáforas indiretas; **R**: retomadas; **AD**: anáforas diretas; **RN**: retomadas nominais; **RP**: retomadas pronominais; **D**: dêiticos; **E**: elipses; **EV**: expressões com sentido vago; **PASR**: pronome ambíguo e/ou sem referente

Fonte: A autora (2015)

O quadro a seguir sintetiza o desempenho dos quatro participantes/casos diagnosticados com DA na produção de ambas as narrativas (quando ambas puderam ser coletadas) e o seu processo de referenciação.

Quadro 9: Quadro-resumo sobre os dados do desempenho dos participantes/casos diagnosticados com DA no relato de notícia e na narrativa com apoio visual de figuras.

		NOTÍCIA	FIGURAS
USO SEMELHANTE NAS DUAS MODALIDADE NARRATIVAS	DA1	<p>Poucos referentes e retomadas.</p> <p>Texto curto, com pouca progressão temática.</p> <p>Cadeia referencial apenas para os personagens.</p> <p>Predomínio de anáfora direta fiel.</p> <p>Apenas uma ocorrência de elipse, a qual não compromete o sentido.</p> <p>Nenhum pronomes ambíguos ou sem referentes.</p>	
	DA2	<p>Poucas elipses (2), nenhuma compromete o sentido.</p> <p>Nenhum pronome ambíguo e/ou sem referente.</p> <p>Uma palavra com sentido vago que compromete o sentido do enunciado.</p> <p>Texto curto, pouca progressão referencial, com reduzido número de referentes e de retomadas.</p>	
USO ADEQUADO, PORÉM DIFERENTE ENTRA AS NARRATIVAS	DA1	Mesmo número de retomadas nominais e pronominais dentro do texto.	Um caso de dêitico demonstrativo, o qual não compromete o sentido.
	DA2		<p>Cadeia referencial para todos os personagens da história.</p> <p>Predomínio de anáforas diretas.</p> <p>Mais retomadas nominais do que pronominais.</p> <p>Todos os dêiticos são demonstrativos, nenhum compromete o sentido.</p>
	DA3		Bom desempenho na produção de narrativa com apoio de figuras.

		NOTÍCIA	FIGURAS
			Narrativa completa com todos os elementos de sua estrutura.
	DA4		Planejamento do discurso: repetições de trechos e de referentes, confirmando o que havia sido dito. Palavras com sentido vago compreensíveis pelo contexto.
USO INADEQUADO	DA1	Mais retomadas pronominais do que nas figuras. Dêiticos espacial, todos comprometendo o sentido.	Descrição de apenas duas cenas de modo isolado. Os personagens apresentados nos diferentes quadros não são percebidos como sendo os mesmos. Ideias desconectadas. Incerteza marcada através das expressões <i>eu acho né, não sei</i> .
	DA2	Dêitico espacial compromete o sentido do enunciado.	Descrição de cenas isoladas, sem construir narrativa.
	DA3	Tarefa não realizada.	
	DA4	Tarefa não realizada.	Descrição de cenas isoladas, sem construir narrativa. Falha na percepção do conflito da narrativa.

Fonte: A autora (2015)

Diante desses dados sobre as produções narrativas dos participantes/casos diagnosticados com DA e o seu processo de referenciação, podemos afirmar que no relato de notícia DA1 e DA2 apresentam desempenho semelhante, com poucos referentes e retomadas, acarretando textos curtos. Trata-se de uma característica do gênero, pois, conforme Van Dijk (2011), obedece à relevância dos fatos, de modo que detalhes podem ser omitidos. Já DA3 e DA4 não conseguiram relatar nenhuma notícia recente, afirmando não se lembrarem de nenhum fato.

Na narrativa com apoio visual de figuras, DA1, DA2 e DA4 também apresentam textos curtos, com poucos referentes. Koch e Elias (2010) postulam que um texto deve continuamente remeter a referentes já introduzidos na memória do interlocutor, bem como acrescentar novas informações, que passarão a ser o foco, para que ele tenha continuidade e progressão temática. Em indivíduos com DA, isso parece ser uma dificuldade.

Destacamos ainda que os três participantes/casos DA1, DA2 e DA4, na tarefa linguística 2 (narrativa com apoio de sequência de figuras), descrevem as cenas isoladamente. Esse procedimento demonstra a dificuldade dos participantes em evidenciar o que foi proposto por Kleiman (1989) e Adam (2011, 1987), ao afirmarem que a estrutura narrativa deve apresentar o cenário, os personagens, a complicação ou conflito, a resolução e seu desfecho, e que entre o estado inicial e final deve ocorrer uma modificação, não podendo ser construída apenas por uma cronologia de acontecimentos. DA1, DA2 e DA4 produzem, na verdade, uma descrição incompleta e com ideias desconectadas, e não uma narração, o que demonstra sua dificuldade em perceber a história como um todo e produzi-la dentro de um contexto, ligando cada evento a partir de elos coesivos, e perceber que os personagens se repetem.

Esses dados corroboram alguns pontos levantados na literatura de que idosos

acometidos com DA apresentam dificuldade de encadear ideias, maior número de proposições incompletas, menor habilidade em fornecer explicações sobre uma história e omissões de aspectos centrais da história (KING, 2012; LIRA *et al.*, 2011; CREAMER; SCHITTER-EDGEcombe, 2010; BRANDÃO *et al.*, 2009; ASH *et al.*, 2007; SKA; DUONG, 2005; MANSUR *et al.*, 2005; SAMARA, 2005).

Embora a sequência de figuras tenha possibilitado aos participantes DA1, DA2 e DA4 selecionarem informações do plano visual, eles apresentaram dificuldades no processo de construir a narrativa, de realizar as inferências necessárias a partir das figuras para completar a história, corroborando os achados de Ska e Duong (2005). Mesmo a sequência de figuras sendo facilitadora no sentido de disponibilizar a organização da história visualmente, como destacam Duong, Tardif e Ska (2003), esses participantes não apresentaram habilidade suficiente para utilizarem essas pistas.

Por outro lado, o participante DA3 apresentou uma narrativa coerente e completa, na tarefa com apoio visual. Esse bom desempenho de DA3 na narrativa com apoio visual e a dificuldade em relatar uma notícia, quando não há nenhuma pista, respaldam a ideia de que idosos diagnosticados com DA apresentam menores sequências de fala na conversação espontânea (VALDEVISIO; LADINO; QUIROGA, 2003). Além disso, os dados encontrados corroboram a ideia de Brandão (2005) de que o uso de figuras serve para direcionar a construção do discurso do participante, enquanto o relato de notícia não apresenta nenhuma orientação para essa tarefa cognitiva.

Assim, o bom desempenho de DA3 na narrativa com apoio de sequência de figuras e a não realização do relato de notícia pode ser justificado pelo fato de que a sequência de imagens disponibiliza visualmente a organização da história, de modo que o participante pode segui-la, enquanto no relato de notícia ele precisa realizar o

planejamento do discurso, tanto em nível global como local.

Quanto ao uso de dêiticos, vimos que eles apareceram em maior número nas narrativas a partir de apoio visual de sequência de figuras, corroborando os achados de Brandão, Parente e Peña-Casanova (2010) de que idosos acometidos pela DA tendem a apontar para as imagens enquanto fazem comentários sobre elas, além de validar a tese desses autores de que o estímulo visual de gravuras favorece a produção de asserções contextualmente dependentes das figuras. Destacamos nesse ponto que nenhuma ocorrência de expressões dêiticas nos textos a partir de imagens comprometeu o sentido do enunciado, tendo em vista que foram usados dêiticos demonstrativos ao apontar para as figuras cujo conteúdo era compartilhado entre os interlocutores. Já nos relatos de notícia de DA1 e DA2 os dêiticos utilizados foram dêiticos espaciais e acabaram comprometendo o sentido, pois o conhecimento não era compartilhado entre os interlocutores.

Nesse sentido, cabe destacar a afirmação de Cavalcanti (2005), de que a compreensão das expressões dêiticas exige um conhecimento compartilhado entre os interlocutores para que ela se concretize na situação de comunicação e, sendo as imagens de conhecimento do examinador e do participante, essa base comum de conhecimento foi realizada, o que não acontece no relato de notícia, no qual se faz necessário um maior esclarecimento das informações.

Tendo apresentado os dados do desempenho dos participantes dos participantes/casos diagnosticados com DA no processo de referenciação, comparando-se o relato livre de notícia e a narrativa com apoio visual de sequência de figuras, passamos agora para a discussão da hipótese 3.

3.4.1 Discussão da hipótese 3

Como hipótese 3, postulamos que os idosos diagnosticados com DA apresentariam desempenho prejudicado em ambas as narrativas, porém com mais dificuldades nos relatos de notícias, apresentando nestes menor número de referentes, de cadeias referenciais e de retomadas e maior número de pronomes ambíguos e/ou sem referentes e de palavras com sentido vago. Por outro lado, nas narrativas com apoio de sequência de figuras, esperava-se maior número de dêiticos. Além disso, postulamos ainda que o emprego das referências pelos idosos diagnosticados com DA seria mais inadequado nos relatos de notícias.

De acordo com os dados apontados anteriormente, podemos afirmar que a hipótese 3 foi parcialmente corroborada, tendo em vista que os participantes diagnosticados com DA, de modo geral, demonstraram mais dificuldades na produção de relato de notícia do que na narrativa com apoio visual de sequência de figuras, embora nesta também tenham apresentado vários problemas (com exceção de um participante, cujo desempenho será analisado na seção 3.5.2).

Ambas as narrativas produzidas pelos idosos diagnosticados com DA apresentaram alguns aspectos semelhantes, como reduzido número de elipses e de pronomes ambíguos e/ou sem referentes. Destacamos que seus textos foram muito curtos, com pouca progressão referencial, o que pode ter contribuído para esses dados.

Em relação ao relato de notícia, os participantes diagnosticados com DA apresentaram inúmeras dificuldades. Dois deles se recusaram a narrar um fato, alegando não saber, não lembrar de nada que pudesse ser relatado. Chamamos a atenção ao fato de essa tarefa (relato de notícia) solicitava dos participantes um episódio recente e sabe-se que as informações novas são de difícil memorização e

recuperação (lembrança) para indivíduos acometidos pela DA, pois a perda da memória recente é um dos principais sintomas da doença, que afeta já em seu início o hipocampo (responsável pelo armazenamento de informações novas).

Nas narrativas a partir de imagens, observamos a tendência dos participantes diagnosticados com DA em apenas descreverem cenas isoladas, sem perceber a continuidade da trama nas diferentes cenas. Esses dados podem ser justificados pela dificuldade que idosos diagnosticados com DA têm em fazer abstrações e inferências a partir do material pictórico (SKA; DUONG, 2005), o que pode ser consequência de problemas executivos, os quais estão envolvidos no processo de selecionar, relacionar e organizar as informações de acordo com um plano específico (ASH *et al.*, 2007; SKA; DUONG, 2005; EHRLICH; OBLER; CLARK, 1997). Além disso, podem indicar a dificuldade desses idosos em organizarem um contexto cronológico para a sequência da história, o que também pode estar relacionado a suas dificuldades de localização temporal.

Por outro lado, um dos participantes diagnosticado com DA, na tarefa linguística 2 – narrativa com apoio visual de sequência de figuras – apresentou uma narrativa completa, com todos os elementos de sua estrutura e sem um único uso inadequado de elementos da referência. Salientamos, no entanto, que esse participante foi um dos que não conseguiu relatar a notícia. Com isso, percebemos a sua capacidade em usar as pistas fornecidas pelas figuras, para a organização de seu texto, enquanto a tarefa sem pista foi de difícil realização.

Quanto aos dêiticos, percebemos que o tipo de estímulo influencia o seu uso. Nos relatos de notícias, observamos a dificuldade de idosos com DA no emprego de dêiticos espaciais cujo conhecimento não era compartilhado entre os interlocutores e a incapacidade desses participantes em especificá-los. Nas narrativas a partir de imagens, embora tenham apresentado número maior de dêiticos, nenhuma dessas

referências comprometeu o sentido do enunciado transmitido, uma vez que o conhecimento era compartilhado entre participante e examinador.

A utilização de dêiticos baseia-se em uma série de processos cognitivos determinados pelas exigências e propriedades do contexto de comunicação (MARCH; WALES; PATTISON, 2009). Assim, sugerimos que o estímulo imagético propicia o maior emprego de dêiticos demonstrativos. Já o relato de notícia exige maior especificação das informações, o que foi difícil aos participantes com DA.

Diante desses dados, assumimos, portanto, a hipótese de que o tipo de estímulo, relato livre de notícia e narrativa com apoio visual de sequência de figuras, interfere no desempenho dos idosos diagnosticados com DA. Embora em ambas as modalidades esses idosos apresentem dificuldades, nos relatos de notícias elas são mais evidentes. As figuras apresentam a sequência a ser seguida e os idosos se apóiam nela para produzir o conteúdo-alvo, mesmo que muitas vezes este apareça desconectado, apenas a descrição das imagens. Já os relatos de notícias exigem que os participantes organizem tanto o contexto local quanto global, o que se torna uma tarefa muito difícil, provavelmente, devido a diversos déficits presentes na DA, tais como dificuldade de localizar-se no tempo e no espaço para elaborar um contexto, além de déficits na memória semântica e episódica, necessárias para armazenamento de uma nova informação. Esses dados sugerem que o relato de notícia pode ser um bom instrumento no auxílio da diferenciação entre pessoas sadias e pessoas acometidas pela DA.

3.5 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS DA REFERENCIAÇÃO EM NARRATIVAS ORAIS NA DOENÇA DE ALZHEIMER RELACIONADOS AO GRUPO CONTROLE

Neste subcapítulo apresentamos a comparação do desempenho no processo de referenciação no relato livre de notícia e na narrativa com apoio visual de sequência de figuras entre idosos diagnosticados com provável DA e idosos saudáveis, ambos os grupos com baixa escolaridade.

3.5.1 Dados do desempenho de idosos saudáveis com baixa escolaridade e idosos diagnosticados com DA na referenciação na produção livre de relato de notícia

Devido ao baixo número de participantes no GDA e destes somente dois terem relatado uma notícia, não foi possível realizar uma análise estatística com dados do processo de referenciação. Sendo assim, optamos por analisar o desempenho dos idosos diagnosticados com DA como estudo de casos, conforme mencionado anteriormente, calculando o escore Z, isto é, o quanto o seu desempenho encontra-se distante da média e da zona de desvio padrão do desempenho dos participantes do GBE, seu grupo controle. Consideramos como relevantes os valores abaixo de -1,0 e acima de 1,0.

Antes de passarmos para a análise do desempenho na referenciação nos relatos de notícias entre DA1, DA2 e GBE, destacamos mais uma vez que DA3 e DA4 não conseguiram realizar a tarefa de narrar uma notícia, mesmo depois da insistência da pesquisadora. Como já mencionado anteriormente, isso pode ser reflexo da dificuldade de idosos diagnosticados com DA de evocarem uma memória recente,

como uma notícia, bem como a dificuldade de se localizarem no tempo e no espaço, a fim de planejar um contexto adequado para a narrativa.

Quanto à comparação entre o desempenho de DA1, DA2 e do GBE, na produção de relato de notícia, percebemos um resultado semelhante entre os participantes, em todas as variáveis linguísticas do processo de referenciação, como mostra a tabela a seguir.

Tabela 8: Comparação do desempenho no processo de referenciação no relato de notícia entre GBE, DA1, DA2, DA3 e DA4

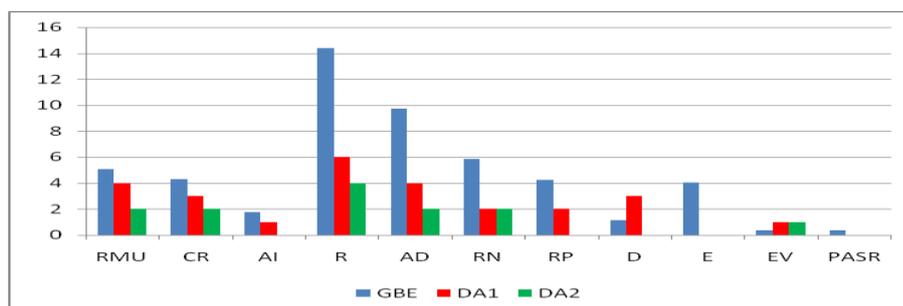
Variável linguística	GBE	DA1	DA2	DA3	DA4
Referentes de menção única	5,05 (dp=3,60)	4 (Z=-0,29)	2 (Z=-0,85)	-	-
Cadeias referenciais	4,32 (dp=3,27)	3 (Z=-0,40)	2 (Z=-0,71)	-	-
Anáforas indiretas	1,74 (dp=2,05)	1 (Z=-0,36)	0 (Z=-0,85)	-	-
Retomadas	14,37 (dp=15,06)	6 (Z=-0,56)	4 (Z=-0,69)	-	-
Anáforas diretas	9,74 (dp=9,63)	4 (Z=-0,60)	2 (Z=-0,80)	-	-
Retomadas nominais	5,84 (dp=5,19)	2 (Z=-0,74)	2 (Z=-0,74)	-	-
Retomadas pronominais	4,26 (dp=5,37)	2 (Z=-0,42)	0 (Z=-0,79)	-	-
Dêiticos	1,16 (dp=1,89)	3 (Z=0,97)	0 (Z=-0,61)	-	-
Elipses	4,04 (dp=5,46)	0 (Z=-0,74)	2 (Z=-0,37)	-	-
Expressões com sentido vago	0,37 (dp=0,83)	1 (Z=0,76)	1 (Z=0,76)	-	-
Pronomes ambíguos e/ou sem referentes	0,37 (dp=1,38)	0 (Z=-0,27)	0 (Z=-0,27)	-	-

Nota: **GBE**: grupo de idosos sadios de baixa escolaridade; **DA1,2,3,4**: participantes diagnosticados com DA; **dp**: desvio padrão; **Z**: escore Z

Fonte: A autora (2015)

O gráfico a seguir complementa a ilustração da comparação entre o desempenho de DA1, DA2 e GBE no processo de referenciação do relato de notícia.

Gráfico 11: Comparação entre o desempenho no processo de referenciação de GBE, DA1 e DA2 no relato de notícia



Nota: **GBE**: idosos saudáveis de baixa escolaridade; **DA1**: participante 1 diagnosticado com DA; **DA2**: participante 2 diagnosticado com DA; **RMU**: referentes de menção única; **CR**: cadeias referenciais; **AI**: anáforas indiretas; **R**: retomadas; **AD**: anáforas diretas; **RN**: retomadas nominais; **RP**: retomadas pronominais; **D**: dêiticos; **E**: elipses; **EV**: expressões com sentido vago; **PASR**: pronome ambíguo e/ou sem referente

Fonte: A autora (2015)

Como pudemos observar, não houve diferença significativa em relação ao número de ocorrências em nenhuma variável linguística do processo de referenciação de DA1 e DA2 na comparação com GBE, estando elas muito próximas da zona de desvio padrão deste grupo.

O número homogêneo na introdução de referentes nas narrativas de GBE, DA1 e DA2 pode ser justificado pelo fato de que esses participantes produziram textos curtos, que informam apenas o fato principal da notícia, sem apresentar maiores detalhes.

Quanto ao número de cadeia anafóricas também não houve diferença significativa entre os participantes DA1 e DA2 e GBE. Os participantes diagnosticados com DA produziram-nas apenas para representar os personagens da trama, enquanto GBE empregou-as para representar os personagens e demais elementos da estrutura da notícia.

As retomadas nos relatos de notícias de DA1 e DA2 encontram-se dentro da faixa de desvio padrão apresentada por GBE. Contudo, verificamos que esse grupo

apresentou maior número de nomes próprios para especificar os personagens e de anáforas predicativas (*ele era drogado; ela era filha do empresário*) que indicam características dos personagens, permitindo que se entenda por que eles agiram de determinada maneira ou por que ocorreu tal fato com eles. Também DA2 fez uso de anáfora especificadora (*o nenê recém nascido*) e predicativa (*ele tava com o umbigo*), expondo características da vítima, as quais mostravam sua fragilidade. O mesmo não foi verificado no relato de notícia de DA1. Tal procedimento adotado pelo GBE e DA2 vai ao encontro da tese de que uma narrativa deve ter predicados qualitativos (ser) e funcionais (fazer) definindo o ator em tempo progressivo (ADAM, 1987), além de uma modificação de estado das coisas entre a situação inicial e final da história (ADAM, 2011; KOCH, ELIAS, 2010).

Uma análise qualitativa permite verificar ainda que o maior número de retomadas de referentes por alguns dos participantes do GBE, mais que o dobro do que foi produzido pelo DA1 e mais do que o triplo de DA2, aponta para uma tendência de melhor desempenho de GBE quanto a esse aspecto, o que reforça os resultados de grande parte da literatura, de que idosos diagnosticados com DA apresentam sequências menores de fala (VALDEVISIO; LADINO; QUIROGA, 2003), diminuição da iniciativa e espontaneidade na comunicação (MANSUR *et al.*, 2005) e menor habilidade em fornecer informações sobre os eventos de uma história (CREAMER; SCHITTER-EDGEcombe, 2010). Além disso, o pouco número de retomadas nas narrativas de DA1 e de DA2 contraria as propostas de Van Dijk (2011) e Koch e Elias (2010) de que em cada parte do texto deve haver uma informação nova ligada às anteriores, a fim de manter o foco nos objetos do discurso previamente introduzidos, originando cadeias referenciais que possibilitariam a progressão textual.

Para Koch e Elias (2012), a remissão nominal é uma das formas mais ricas de progressão referencial do texto, possibilitando a reativação na memória do ouvinte de elementos já apresentados. Diante disso, o maior número de retomadas nominais usadas pelo GBE, na comparação com DA1 e DA2, revalida os resultados de Soares, Brandão e Lacerda (2012), de que o discurso de idosos diagnosticados com DA apresenta vocabulário reduzido.

Ainda sobre as retomadas, nas narrativas de GBE percebemos reformulações de informações apresentadas de modo equivocado (como em *49 dias/49 horas*), o que não foi observado nas narrativas de DA1 e de DA2. Parece-nos que os participantes de GBE que realizaram esses procedimentos foram capazes de realizar o planejamento *on-line* de seu discurso, ativando conhecimentos necessários para o desenvolvimento de um texto-base (KINTSCH; VAN DIJK, 1978) e em seguida realizando escolhas adequadas para a manutenção da estrutura de superfície (VAN DIJK, 2011).

No entanto, esse procedimento não foi padrão no grupo, tendo em vista que houve quatro casos em que as expressões nominais foram usadas de modo inadequado, introduzidas de modo ambíguo, sem deixar claro quem é o personagem do qual se fala (por exemplo, *quatro peças*, usado para se referir à casa da vítima e à casa da assassina; *esse guri*, usado para se referir ao assassino e à vítima; *Irildo*, em que não se sabe se é o pai ou o irmão mais velho do assassino; e *as crianças*, em que não se sabe de quem o participante está falando). Tais ocorrências não foram encontradas nos relatos de notícias de DA1 e de DA2. Assumimos a hipótese de que esses resultados se devem ao fato de que participantes do GBE apresentaram relatos de notícias com um pouco mais de progressão referencial, na comparação com DA1 e DA2, embora ainda muito breves.

Verificamos ainda no relato de notícia de GBE um caso de planejamento do discurso mal sucedido, quando o participante repete duas vezes o referente *a intenção dela, a intenção dela* sem de fato explicar qual seria essa intenção. Parece ser uma tentativa de encontrar a palavra mais adequada para o entendimento de seu ouvinte, mas essa não é evocada.

O emprego das retomadas por meio de elipse também se demonstrou distinto nos relatos de notícias de DA1, DA2 e GBE. DA1 não as utilizou e DA2 usou-as em cadeias referenciais para remeter aos personagens. Também GBE usou-as em cadeias anafóricas para se referir aos personagens, com a diferença, porém, de que houve casos de elipses como catáfora (como em *Ø mataram* e, na sequência, *os bandidos*) e como sujeito indeterminado (como em *Ø não acharam sobreviventes*, que pode ser inferido pelo contexto como a equipe de resgate, pessoas responsáveis pela busca do avião). Esses usos de elipses, como já mencionado anteriormente, reforçam a tese de Koch (2011) de que os referentes, especialmente no texto falado, podem ser retomados por elementos subentendidos. Por outro lado, houve nos relatos de notícias de GBE quatro ocorrências de elipses que comprometeram o sentido, pois tiveram seu referente especificado somente no final da história, após inúmeras ações terem sido realizadas.

Verificamos ainda no relato de notícia de GBE que, em alguns casos, os personagens foram introduzidos por pronomes, os quais foram especificados na sequência, configurando uma catáfora (em *os outro morava em quatro peças... são cunhados*); ancorados em outro elemento presente no texto, configurando uma anáfora indireta (em *ela matou o filho*, em que ela está ancorado em filho e compreensível como mãe); e como sujeito indeterminado, quando não se sabe quem é o autor de determinado ato (em *eles entraram assaltaram e mataram*). GBE fez uso ainda de pronomes como anáforas encapsuladoras, retomando todo o enunciado

anterior. Com isso percebemos um maior uso do processo inferencial na produção do discurso de GBE, enquanto DA1 e DA2 descrevem o fato noticioso de modo direto, usando elementos referenciais cuja interpretação não necessita de inferências, processo no qual idosos diagnosticados com DA apresentam dificuldades (CREAMER; SCHITTER-EDGECOMBE, 2010).

Quanto ao uso de dêiticos verificamos que, embora a quantidade utilizada tenha sido semelhante nos relatos de notícias de DA1, DA2 e GBE, seu uso foi feito de modo distinto. DA1 realizou a repetição, por três vezes, da expressão *aqui*, enquanto estava planejando o seu discurso, tentando verificar em sua memória o nome da localidade onde ocorreu o fato narrado, porém essa verificação não é bem sucedida, uma vez que, na tentativa de especificar o referente dêitico, foi utilizada uma expressão vaga (como se percebe no trecho *aqui... aqui... aqui... em outra cidade*). O mesmo procedimento percebemos no trecho *aqui... aqui... aqui... lá numa cidade aí*, na narrativa de DA2. Com isso, verificamos que o sentido dos dêiticos utilizados não foi preenchido no momento da comunicação, pois não se tratava do local onde a situação comunicativa estava ocorrendo, tampouco os participantes souberam especificar esse local. Parece-nos que tanto DA1 quanto DA2 são capazes de avaliar a expressão dêitica de seu discurso como inadequada para o entendimento do ouvinte, mas incapazes de buscar/evocar um referente mais adequado ao contexto. Por outro lado, nos relatos de notícias de GBE todos os dêiticos temporais tiveram seu sentido determinado no momento da comunicação, o que não aconteceu com os dêiticos espaciais, cuja média de 0,47 ($dp=1,02$) não teve seu sentido preenchido no momento da enunciação, comprometendo a transmissão da mensagem.

O uso mais inadequado de dêiticos e de palavras com sentido vago para especificar o espaço dos acontecimentos da narrativa por DA1 e por DA2, na comparação com GBE, corrobora os achados de que na linguagem espontânea

indivíduos acometidos pela DA produzem mais dêiticos e expressões vazias (SOARES; BRANDÃO; LACERDA, 2012; SAMARA, 2005; BASTOS, 2000), têm dificuldade de encontrar palavras (TSANTALI; ECONOMIDIS; TSOLAKI, 2013; SOARES; BRANDÃO; LACERDA, 2012; LIRA, 2011; ROUSSEAUX *et al.*, 2010), além de reduzido vocabulário e maior número de repetições (MORTENSEN, 1992).

Como mencionado anteriormente, analisamos apenas a referenciação da estrutura narrativa, desconsiderando qualquer outro tipo de comentário avaliativo do participante. No entanto, chama a atenção o fato de que tanto os participantes diagnosticados com DA quanto o GBE fazem comentários avaliativos sobre o fato narrado, expondo seu posicionamento frente ao ocorrido, como em *isso aí foi terrível, isso aí a gente fico abalado com essa história e bah tá loco né*. Nesses comentários avaliativos, embora não tenham sido objeto deste estudo, percebemos o uso de palavras com sentido vago. Assumimos a hipótese de que ao narrar o fato noticioso os participantes reproduzem o que ouviram no rádio, ou assistiram na televisão, como numa espécie de reconto da história, e ao realizarem os comentários pessoais necessitam fazer as escolhas referenciais, pois estas não são reproduções de algo pronto, já ouvido. Com isso, nesses comentários há mais palavras com sentido vago para expressar o sentimento, a opinião dos participantes sobre o fato em questão, do que na sequência narrativa referente ao fato noticioso. Essa característica pode ser ainda reflexo do caráter emocional apresentado nessas sequências, as quais se referem a notícias bastante tristes.

O quadro a seguir sintetiza os dados aqui expostos sobre a referenciação nos relatos de notícias de DA1, DA2 e GBE.

Quadro 10: Quadro-resumo dos resultados da comparação entre o processo de referenciação nos relatos de notícias produzidos por DA1, DA2 e GBE

NOTÍCIA	DA1	DA2	GBE
<p>USO ADEQUADO E SEMELHANTE ENTRE OS PARTICIPANTES</p>	<p>Texto curto, pouca progressão referencial (embora um pouco maior no GBE).</p> <p>Avaliação do fato narrado.</p> <p>Cadeia referencial para personagens.</p>		
<p>USO INADEQUADO E SEMELHANTE ENTRE OS PARTICIPANTES</p>	<p>Dêiticos espaciais comprometem o sentido do enunciado (em menor número no GBE).</p>		
<p>USO ADEQUADO, PORÉM DIFERENTE ENTRE OS PARTICIPANTES</p>		<p>Um caso de anáfora especificadora e um de anáfora predicativa.</p> <p>Elipses em cadeias anafóricas que remetem aos personagens.</p>	<p>Uso de nomes próprios para os personagens.</p> <p>Uso de anáfora predicativa.</p> <p>Mais retomadas e maior progressão do que DA1 e DA2.</p> <p>Planejamento do discurso, reformulação de informação dada.</p> <p>Uso de elipses como catáfora e sujeito indeterminado.</p> <p>Introdução de personagem por pronome, como catáfora, anáfora indireta e sujeito indeterminado.</p> <p>Pronome anáfora encapsuladora.</p> <p>Maior processo inferencial na escolha dos referentes.</p> <p>Todos os dêiticos temporais tiveram seu</p>

NOTÍCIA	DA1	DA2	GBE
			sentido preenchido na situação comunicativa.
USO INADEQUADO			<p>Quatro casos de expressões nominais inadequadas (ambíguas ou sem referente).</p> <p>Um caso de planejamento do discurso mal sucedido, repetindo referente sem especificá-lo.</p> <p>Quatro casos de elipses que comprometem o sentido.</p>

Fonte: A autora (2015)

Os dados trazidos aqui mostram um comportamento semelhante entre DA1, DA2 e GBE em alguns aspectos do processo de referenciação na produção de relato livre de notícias, tais como a produção de textos com pouca progressão referencial e com inserção de comentários avaliativos sobre o fato narrado. Entretanto, os textos de GBE apresentaram-se com um pouco mais de retomadas, acarretando histórias com um pouco mais de progressão temática, o que também pode justificar alguns problemas no processo de referenciação de GBE que não se apresentaram nos relatos de notícias de DA1 e DA2, tais como elipses e expressões nominais mal empregadas. Nos relatos de notícias de GBE houve ainda a correção de informação equivocada e o uso de referentes que necessitam de um processo inferencial para a sua compreensão, como no caso das anáforas e pronomes que são recuperados pelo contexto, o que não ocorreu nos relatos de notícias de DA1 e DA2.

DA1 e DA2 mostraram-se menos habilidosos no uso de dêiticos do que os participantes de GBE, sendo que todos os dêiticos utilizados foram espaciais e não tiveram seu sentido preenchido na situação comunicativa. GBE também demonstrou algumas ocorrências desse tipo, porém em menor número, e usou os dêiticos temporais adequadamente.

Passemos agora à análise do desempenho no processo de referenciação de idosos diagnosticados com provável DA, na comparação com o GBE, na produção de narrativas com apoio visual de sequência de figuras.

3.5.2 Dados do desempenho de idosos sadios com baixa escolaridade e idosos diagnosticados com DA na referenciação na produção de narrativa com apoio de sequência de figuras

A análise quantitativa sobre a comparação entre o desempenho no processo de referenciação de DA1, DA2, DA3, DA4 e GBE, na produção de narrativa com apoio visual de sequência de gravuras, mostrou um resultado homogêneo nas variáveis introdução de referente de menção única e de pronomes ambíguos e/ou sem referentes. Já a variável uso de expressão com sentido vago mostrou variação significativa apenas na narrativa de DA4, na qual ocorreu em maior número. Os demais participantes diagnosticados com DA não produziram palavras com sentido vago e GBE apresentou-as em número reduzido. A variação no uso de dêiticos mostrou-se significativa apenas na narrativa de DA2, ocorrendo em número bem mais elevado. Por fim, o uso de retomadas mostrou-se semelhante entre GBE e DA4, inferior em DA1 e DA2 e superior em DA3.

A tabela a seguir apresenta o desempenho de DA1, DA2, DA3, DA4 e GBE no processo de referenciação na produção de narrativa com apoio visual de sequência de figuras. Trata-se do número total de cada uma das variáveis linguísticas produzidas pelos participantes diagnosticados com DA e o escore Z, em relação à média de GBE.

Tabela 9: Comparação do desempenho no processo de referenciação na narrativa a partir de apoio visual de sequência de figuras entre GBE, DA1, DA2, DA3 e DA4

Variável linguística	GBE	DA1	DA2	DA3	DA4
Referentes de menção única	5,58 (dp=2,41)	5 (Z=-0,24)	7 (Z=0,59)	5 (Z=-0,24)	4 (Z=-0,66)
Cadeias referenciais	4,68 (dp=1,16)	2 (Z=-2,31)	3 (Z=-1,45)	5 (Z=0,28)	4 (Z=-0,59)
Anáforas indiretas	2,37 (dp=0,83)	0 (Z=-2,86)	1 (Z=-1,65)	0 (Z=-2,86)	2 (Z=-0,45)
Retomadas	24,68 (dp=9,76)	4 (Z=-2,12)	14 (Z=-1,09)	40 (Z=1,57)	15 (Z=-0,99)
Anáforas diretas	18,32 (dp=8,59)	3 (Z=-1,78)	11 (Z=-0,85)	30 (Z=1,36)	14 (Z=-0,50)

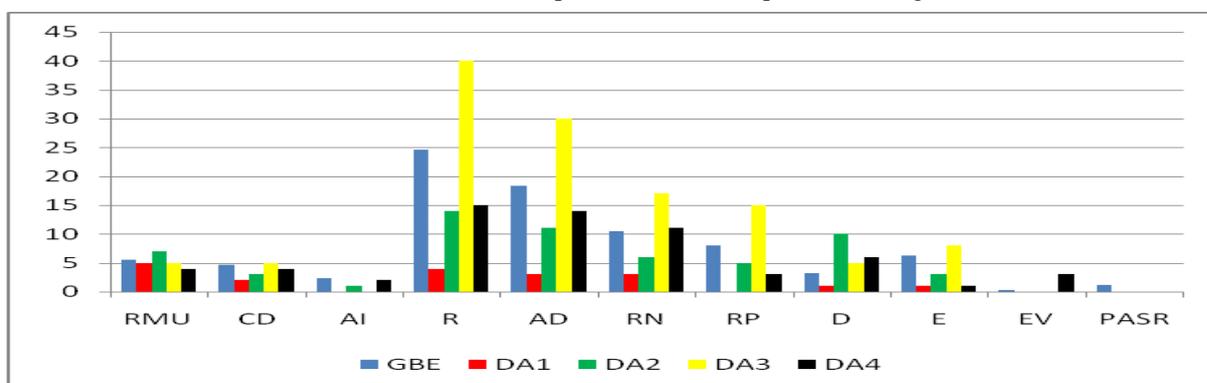
Variável linguística	GBE	DA1	DA2	DA3	DA4
Retomadas nominais	10,53 (dp=5,84)	3 (Z=-1,29)	6 (Z=-0,78)	17 (Z=1,11)	11 (Z=0,08)
Retomadas pronominais	8,00 (dp=5,13)	0 (Z=-1,56)	5 (Z=-0,59)	15 (Z=1,37)	3 (Z=-0,98)
Pronomes ambíguos e/ou sem referentes	1,11 (dp=1,29)	0 (Z=-0,86)	0 (Z=-0,80)	0 (Z=-0,86)	0 (Z=-0,86)
Expressões com sentido vago	0,32 (dp=0,48)	0 (Z=-0,67)	0 (Z=-0,67)	0 (Z=-0,67)	3 (Z=5,58)
Dêiticos	3,26 (dp=3,51)	1 (Z=-0,64)	10 (Z=1,92)	5 (Z=0,50)	6 (Z=0,78)
Elipses	6,32 (dp=2,56)	1 (Z=-2,08)	3 (Z=-1,30)	8 (Z=0,66)	1 (Z=-2,08)

Nota: **GBE**: grupo de idosos sadios de baixa escolaridade; **DA1,2,3,4**: participantes diagnosticados com DA; **dp**: desvio padrão; **Z**: escore Z

Fonte: A autora (2015)

O gráfico a seguir melhor ilustra essa comparação entre o desempenho dos participantes/casos diagnosticados com DA e GBE na narrativa com apoio visual de imagens.

Gráfico 12: Comparação entre o desempenho no processo de referenciação de GBE, DA1, DA2, DA3 e DA4 na narrativa com apoio visual de sequência de figuras



Nota: **GBE**: grupos de idosos sadios de baixa escolaridade; **DA1,2,3,4**: participantes diagnosticados com DA; **RMU**: referentes de menção única; **CR**: cadeias referenciais; **AI**: anáforas indiretas; **R**: retomadas; **AD**: anáforas diretas; **RN**: retomadas nominais; **RP**: retomadas pronominais; **D**: dêiticos; **E**: elipses; **EV**: expressões com sentido vago; **PASR**: pronomes ambíguo e/ou sem referente

Fonte: A autora (2015)

A partir da análise qualitativa pudemos verificar o uso dessas referências nas produções narrativas dos participantes. Dessa forma, observamos o número

semelhante de referentes de menção única em todas as narrativas aqui analisadas. Nas narrativas de DA1 e DA2 isso se justifica pelo fato de esses participantes não terem completado a história, focando-se apenas nas cenas iniciais, e nas narrativas de DA3, DA4 e GBE pelo fato de terem preferido o uso de referentes de primeira menção, formando mais cadeias referenciais do que DA1 e DA2, as quais apareceram em número semelhante entre DA3, DA4 e GBE.

No que se refere à introdução de referentes por meio de anáforas indiretas, embora apareceram em número reduzido nas narrativas de todos os participantes desta análise, vimos que apenas DA4 apresentou desempenho semelhante ao de GBE, sendo que os demais participantes/casos apresentaram número significativamente inferior dessa variável linguística em suas produção orais. O seu maior uso nas narrativas de GBE e DA4 poderia indicar uma habilidade maior desses participantes desse GBE, bem como uma habilidade preservada em DA4, de realização de inferências (como em *professora* que está ancorado em *colégio* e *porta* ancorada em *roupa*, referentes estes que haviam sido introduzidos anteriormente, permitindo a ancoragem).

Nas narrativas de GBE, verificamos que todos os participantes criaram cadeias referenciais para se referirem aos personagens *menino* e *cão*, bem como acontece nas narrativas de DA2, DA3 e DA4. Esse procedimento satisfaz a condição proposta por Koch e Elias (2010) de que a a sequência narrativa deve apresentar uma cadeia referencial para cada um dos personagens centrais da história, bem como a de Adam (2011; 1987) de que uma narrativa deve apresentar pelo menos um ator constante.

No entanto, essas características não são respeitadas na narrativa de DA1, uma vez que esse participante produz cadeia referencial apenas para o menino e ainda assim não o reconhece como sendo o mesmo personagem em toda a história,

alterando o referente para o feminino e, conseqüentemente, criando um personagem inexistente na narrativa. Esse dado sugere que DA1 não foi capaz de utilizar as pistas fornecidas pelas imagens para produzir o conteúdo-alvo da narrativa (BRANDÃO *et al.*, 2009; EHRLICH; OBLER; CLARK, 1997).

Quanto às retomadas, observamos um comportamento diferente entre os participantes/casos diagnosticados com DA e o GBE. Na comparação com GBE, DA1 e DA2 apresentam número significativamente inferior de retomadas, DA4 apresenta um número semelhante ao grupo, e DA3 um número significativamente superior ao apresentado por GBE. Novamente convém salientar que DA1 e DA2 não completaram a tarefa e se detiveram apenas às duas primeiras cenas, enquanto DA3 e DA4 foram até o final da história.

Esse número consideravelmente maior de cadeias anafóricas e de retomadas nas narrativas de GBE, na comparação com DA1 e DA2, mostra que os textos dos participantes do GBE apresentaram maior progressão referencial e continuidade temática, por meio da contínua retomada de referentes previamente introduzidos, mantendo a correferencialidade no texto, característica essencial para a coesão textual (KOCH; ELIAS, 2010), o que também ocorreu nas de DA4 e DA3.

Quanto ao número de elipses bem empregadas, verificamos que DA1, DA2 e DA4 utilizam-nas em menores quantidades do que GBE. Já DA3 apresenta desempenho semelhante ao de GBE nessa variável, e superior ao grupo nas retomadas nominais e pronominais, muito provavelmente porque fez uso de mais retomadas, produzindo um texto com maior progressão referencial. Destacamos que todas as elipses usadas pelo GBE e pelo DA3 faziam parte de cadeias anafóricas que se referiam a personagens. Esses achados vão ao encontro daqueles apresentados por Arnold, Bennetto e Diehl (2009), de que é mais comum o uso de elipses quando o referente é a entidade saliente no momento. Apenas uma narrativa de GBE

apresentou ocorrências de elipse que comprometeram o sentido da história, quando o personagem é especificado somente após inúmeras ações terem sido apresentadas sem o respectivo referente.

Mais interessante foi o fato de que DA1, DA2 e DA4 apenas narram os fatos representados nas imagens isoladamente, enquanto DA3 percebe todos os elementos da estrutura narrativa. As produções orais de DA1, DA2 e DA4 não são de fato narrativas, e sim descrições, pois não há uma relação indicando causa e consequência entre os fatos, tampouco uma transformação entre situação inicial e final, como propõe Adam (2011; 1987). DA1 e DA2 não percebem o conflito nem o desfecho da narrativa, criando o que o autor chama de grau zero de narratividade, isto é, uma sequência descritiva. Também DA4, embora utilize referentes para remeter ao conflito da trama (*armário, roupeiro*), não percebe qual é a ação correspondente a esse momento da narrativa nem o desfecho, produzindo apenas uma descrição isolada dos fatos apresentados nas imagens. Esses participantes não demonstram habilidade na construção da macroestrutura, isto é, o plano semântico proposto por Van Dijk (2011), para então poderem fazer a escolha de informações e a formulação da estrutura de superfície. A inabilidade desses participantes de produzirem uma narração no lugar de uma descrição pode estar associada ainda à incapacidade de ultrapassarem a análise primária dos elementos presentes nas imagens e fazerem inferências para a construção da narrativa, de modo que DA1, DA2 e DA4 não conseguem dar movimento aos objetos estáticos representados nas figuras, tal qual propõe Samara (2005).

Esses resultados corroboram os achados de grande parte da literatura de que idosos com DA tendem a omitir aspectos centrais da história (ASH *et al.*, 2007; SAMARA, 2005), apresentam menor habilidade em fornecer explicações sobre os eventos da história (CREAMER; SCHITTER-EDGEcombe, 2010), produzem

descrição isolada de cada quadro no lugar de uma narração coerente e coesa (MARCH; WALES; PATTISON, 2009; SAMARA 2005; BASTOS, 2000); e, em narrativas com apoio visual de imagens, embora sejam capazes de selecionar informações das pistas visuais, produzem menos macroproposições e elementos da narrativa (SKA; DUONG, 2005), além de tenderem a produzir descrições e não narrações (BRANDÃO; PARENTE; PEÑA-CASANOVA, 2010).

Esse tipo de procedimento não foi observado na narrativa de DA3. O participante apresentou desempenho adequado na produção da narrativa com apoio visual de sequência de figuras, a qual se demonstrou completa, com situação inicial, nó desencadeador de conflito, reação, desenlace e situação final. Parece-nos que o participante mantém preservada sua capacidade de produção do discurso narrativo quando tem o apoio de imagens, sendo capaz de usar as pistas visuais para uma produção estável da narrativa, as quais o auxiliaram na organização temporal dos fatos da história.

Ainda em relação à análise qualitativa sobre a referenciação na produção narrativa com apoio de sequência de figuras, verificamos que alguns participantes do GBE, ao utilizarem uma expressão inadequada para referirem-se a determinado elemento da história, corrigem-na, de modo a dar coerência à informação (como no trecho *numa vitrine... uma vitrine... um guarda-roupa/ah escondeu ele dentro do guarda-roupa*). Esses procedimentos adotados pelos participantes de GBE demonstram adequado planejamento *on-line* que realizaram sobre seu próprio discurso.

O número de pronomes ambíguos e/ou sem referentes apresentou-se de forma semelhante entre todas as narrativas, sendo inexistentes nas narrativas dos participantes/casos diagnosticados com DA e em número reduzido nas narrativas de GBE. Também o número de expressões com sentido vago foi semelhante entre GBE,

DA1, DA2 e DA3, não ocorrendo nenhuma nas narrativas dos idosos diagnosticados com DA ($Z=-0,67$ para esses três participantes/casos) e poucas nas narrativas de GBE (média=0,32). O menor número de pronomes ambíguos e/ou sem referentes e de palavras com sentido vago no processo de referenciação na narrativa com apoio visual de sequência de figuras dos participantes diagnosticados com DA, na comparação com GBE, pode ter sido influenciado pelo fato de que eles produziram textos muito curtos, com pouca progressão referencial. Destacamos ainda que as poucas palavras com sentido vago usadas pelos participantes do GBE tiveram seu sentido recuperado no contexto, uma vez que se tratavam de expressões genéricas usadas para designar o que o menino estaria dando ao cão para atraí-lo.

O mesmo aconteceu na narrativa de DA4, porém este repete esse referente vago por três vezes, demonstrando uma tentativa de planejamento de seu discurso, para dar sequência à próxima informação. Esse procedimento acaba sendo mal sucedido, pois o participante não consegue fazer uma conexão entre a informação dada e a próxima ação ocorrida na história, partindo para a descrição dos elementos representados na próxima figura.

Por fim, com exceção de DA2, todos os outros participantes/casos apresentaram desempenho semelhante em relação ao número de dêiticos utilizados nas narrativas com apoio visual de sequência de imagens na comparação com GBE. Destacamos que nas produções narrativas de GBE nenhum dêitico comprometeu o sentido da informação, sendo a grande maioria dêiticos demonstrativos usados para apontar para a figura enquanto se narrava algum fato nela representado, além de alguns dêiticos temporais indicando a progressão cronológica dos fatos da narrativa. Também nas narrativas produzidas pelos participantes/casos diagnosticados com DA os dêiticos utilizados foram demonstrativos e compreensíveis.

O quadro a seguir sintetiza os dados trazidos nesta seção sobre o desempenho no processo de referência nas narrativas com apoio visual de sequência de figuras produzidas pelos participantes diagnosticados com DA e os participantes do GBE.

Quadro 11: Quadro-resumo dos resultados da comparação entre o processo de referenciação nas narrativas com apoio visual de sequência de figuras produzidas por DA1, DA2, DA3, DA4 e GBE

FIGURAS	DA1	DA2	DA3	DA4	GBE
USO ADEQUADO E SEMELHANTE ENTRE OS PARTICIPANTES	Poucos pronomes ambíguos e/ou sem referentes e elipses.				
	Todos os dêiticos são demonstrativos e têm seu sentido preenchido na situação comunicativa.				
	Nenhuma palavra com sentido vago.				Poucas palavras com sentido vago, todas recuperáveis no contexto.
	Cadeia referencial para o menino e o cão.				
USO ADEQUADO, PORÉM COM DIFERENÇAS ENTRE OS PARTICIPANTES			Mais retomadas do que GBE. Texto completo, com todas as cenas apresentadas e todos os elementos da estrutura narrativa. Texto com progressão referencial e continuidade tópica. Todas as elipses pertencem a cadeias referenciais que se referem aos personagens.	Número de retomadas semelhante ao GBE. Texto com progressão referencial e continuidade tópica.	Dêiticos temporais indicando o momento da narrativa. Texto com progressão referencial e continuidade tópica. Todas as elipses pertencem a cadeias referenciais que se referem aos personagens. Corrige referente inadequado.
USO INADEQUADO	Poucas retomadas. Tarefa incompleta. Descrição das cenas iniciais.	Poucas retomadas. Tarefa incompleta. Descrição das cenas iniciais.		Descrição de todas as cenas apresentadas nas figuras. Presença de referentes para representar	Uma narrativa com casos de elipses que comprometem o sentido.

FIGURAS	DA1	DA2	DA3	DA4	GBE
	<p>Ausência de conflito e de desfecho.</p> <p>Cadeia referencial apenas para o menino.</p> <p>Alteração de personagem ao longo da história.</p> <p>Criação de personagem inexistente.</p>	<p>Ausência de conflito e de desfecho.</p> <p>Planejamento do discurso mal sucedido: repete palavras imprecisas, sem conseguir dar sequência às ações.</p>		<p>elementos do conflito, porém sem perceber a ação correspondente, tampouco o desfecho.</p>	

Fonte: A autora (2015)

De posse dos dados sobre o desempenho de idosos diagnosticados com DA e de seu grupo controle, no processo de referenciação tanto no relato de notícia quanto na narrativa com apoio visual de sequência de figuras, apresentamos, na próxima seção, a discussão da hipótese 4.

3.5.3 Discussão da hipótese 4

A hipótese 4, na análise quantitativa sobre o número de referências, postulava que idosos diagnosticados com provável DA apresentariam desempenho inferior no processo de referenciação, na comparação com idosos sadios do GBE (grupo de idosos sadios de baixa escolaridade), em ambas as modalidades de narrativas, apresentando menor número de referentes, de cadeias referenciais e de retomadas anafóricas, maior número de pronomes ambíguos e ou/sem referentes, de palavras com sentido vago e de dêiticos. Diante dos dados apresentados, podemos afirmar que a hipótese 4 foi parcialmente confirmada, no que se refere ao processo de referenciação nas narrativas com apoio visual de sequência de figuras, e não foi confirmada, no processo de referenciação na produção de relato livre de notícia.

Salientamos, neste ponto, que apenas uma análise quantitativa sobre o número das referências não reflete as reais condições das narrativas produzidas pelos idosos diagnosticados com DA e os idosos sadios, sendo necessária uma análise qualitativa sobre o uso desses referentes nos textos produzidos. Nessa modalidade de análise, propusemos, como hipótese 4, que os idosos diagnosticados com DA empregariam as referências de modo mais inadequado do que GBE, causando mais incoerências em ambas as narrativas. Nesse sentido, os dados apresentados nos mostram que a hipótese 4, em relação aos relatos de notícia, foi confirmada, uma vez que o desempenho dos participantes diagnosticados com DA foi inferior ao de GBE. E

quanto às narrativas a partir de imagens, a hipótese 4 foi parcialmente comprovada, pois enquanto o desempenho de DA1, DA2 e DA4 foi inferior ao de GBE, DA3 apresentou desempenho muito semelhante ao do grupo controle.

Em relação à análise qualitativa sobre a referenciação em ambas as narrativas, destacamos que GBE apresentou textos com um pouco mais de progressão referencial e temática (embora pequena nos relatos de notícia) do que idosos diagnosticados com DA deste estudo. GBE também demonstrou desempenho superior no adequado planejamento do discurso, substituindo referentes por outros mais apropriados, demonstrando-se mais hábil no julgamento pragmático do que idosos com DA.

Além disso, os idosos com DA fizeram mais uso de dêiticos espaciais que não puderam ser recuperados pelo contexto e também não souberam especificá-los. Esse procedimento evidencia que esses idosos com DA não dispunham de material linguístico adequado para realizar, por exemplo, a escolha referencial capaz de expressar o nome da cidade onde ocorreu o fato, fazendo uso então de uma expressão nominal pouco precisa. Sugerimos que esse comportamento pode ter sido influenciado por déficits léxico-semânticos, característicos da DA, os quais são responsáveis pela maior dificuldade de encontrar palavras, tendência a usar palavras mais genéricas e uso de expressões vazias (TSANTALI; ECONOMIDIS; TSOLAKI, 2013; ROUSEAUX *et al.*, 2010; SOARES; BRANDÃO; LACERDA, 2012; LIRA *et al.* 2011).

Chamamos a atenção ainda ao fato de que dois idosos deste estudo, diagnosticados com DA, não relataram a notícia, mesmo após a insistência da pesquisadora, como mencionado anteriormente, o que não foi observado em GBE. Essa dificuldade dos participantes com DA pode ser decorrência da doença, a qual apresenta déficits nas memórias semântica e episódica, em especial as memórias mais recentes, além de dificuldade de orientação temporal e espacial, sendo, portanto,

muito difícil a esses indivíduos o relato de uma notícia dentro de um contexto específico, em que é preciso situar um determinado fato no tempo e no espaço.

Já no que se refere ao processo de referenciação na produção de narrativa com apoio visual de sequência de figuras, os idosos diagnosticados com DA apresentaram desempenho semelhante ao de GBE em alguns aspectos, como na introdução de referentes de menção única, no reduzido número de pronomes ambíguos e/ou sem referentes e de palavras com sentido vago. Tal comportamento sugere que esses indivíduos mantêm preservada a capacidade de identificar os elementos das imagens e nomeá-los, embora muitas vezes sem conseguir encadear as ideias em uma narrativa organizada e coesa. Também o uso de dêiticos demonstrou-se semelhante entre os participantes, sendo eles dêiticos demonstrativos utilizados para apontar à imagem cuja cena estava sendo narrada e, portanto, não comprometeram o sentido do texto.

Em contrapartida, destacamos que DA1, DA2 e DA4 não produzem uma narrativa, mas sim descrições isoladas das cenas representadas nas imagens, com a diferença apenas de que o texto de DA4 apresentou maior progressão referencial do que os outros dois textos (de DA1 e DA2). No GBE, apenas um participante demonstrou comportamento semelhante ao de DA4. Com isso, percebemos a incapacidade desses participantes para verem a história como um todo e criarem um contexto narrativo para os fatos representados nas imagens. Enquanto isso, DA3 demonstrou desempenho semelhante ao de GBE na sua narrativa, apresentando todos os elementos de sua estrutura. Assim, podemos dizer que DA1, DA2 e DA4 apresentaram desempenho aquém ao de GBE, e DA3, desempenho semelhante ao de GBE, na produção de narrativa com apoio visual de sequência de imagens.

Diante desses dados, destacamos que tanto DA1 quanto DA2 são duas senhoras com 60 anos de idade, com nível de escolaridade abaixo da média de GBE,

zero ($Z=-3,60$) e um ano ($Z=-2,73$), respectivamente. Essas participantes não pontuaram no teste de habilidade de leitura ($Z=-2,82$ para ambas as participantes) e escrita ($Z=-1,00$ para ambas as participantes), e também nesse aspecto apresentam escores aquém da média de GBE. As pistas visuais não foram suficientes para auxiliarem na elaboração de um esquema global para a produção de seus textos. Chamamos a atenção ainda ao fato de que a profissão dessas participantes antes da aposentadoria era doméstica e confeitadeira, respectivamente, profissões estas que não demandam alta carga cognitiva para a execução de tarefas.

Fatores como a escolaridade, o estilo de vida, o ambiente no qual o indivíduo está inserido e a ocupação durante a vida adulta podem aumentar a reserva cognitiva, permitindo ao indivíduo a utilização de sistemas compensatórios para lidar melhor com o declínio cognitivo associado ao envelhecimento e, nesse caso, à demência (REUTER-LORENZ; PARK, 2014; STERN, 2012; PARK; REUTER-LORENZ, 2009; ANDRADE; BUENO, 2005; STUART-HAMILTON, 2002). Além disso, a participação em atividades cognitivas estimulantes pode desacelerar o ritmo de atrofia do hipocampo e até mesmo o acúmulo de placas amilóides, responsáveis pela DA (STERN, 2012). Sendo assim, a baixa (ou nenhuma) escolaridade, a ausência de hábitos de leitura e escrita e a profissão que não exige muito esforço cognitivo de DA1 e DA2 podem ter influenciado o seu desempenho.

Os outros dois idosos diagnosticados com DA – DA3 e DA4 – têm cinco anos de escolaridade, o que se assemelha ao GBE ($Z=0,38$ para ambos os participantes), além de coincidentemente terem sido motoristas antes da aposentadoria. Trata-se de uma profissão que demanda alto nível de atenção e constante planejamento e replanejamento das ações a serem tomadas, conforme os eventos que se encontram no trânsito. Esses aspectos da vida de DA3 e DA4 podem ter contribuído para sua reserva cognitiva, a qual possibilita ultrapassar algumas limitações biológicas do

envelhecimento, prolongando a preservação de algumas funções cognitivas afetadas pela DA (RIBEIRO *et al.*, 2010; PARADISE *et al.*, 2009). Ressalta-se, no entanto, que DA4 apenas descreveu as cenas, enquanto DA3 organizou-as seguindo a estrutura narrativa apresentada nas imagens. Convém destacar, então, uma diferença importante entre esses dois participantes/casos: os hábitos de leitura, que para DA3 são semelhantes aos de GBE ($Z=-0,38$), enquanto os de DA4 são inferiores aos de GBE ($Z=-1,20$). Sendo as demais características semelhantes entre DA3 e DA4 e somente esta diferente, assumimos a hipótese de que os hábitos de leitura podem ter influenciado o desempenho mais adequado de DA3 na produção de seu texto. Esses hábitos podem ter contribuído para o reconhecimento da estrutura narrativa, de modo que o participante soube organizá-la de modo coerente. No entanto, essa explicação é especulativa e demandaria de uma investigação mais aprofundada, com a inclusão de participantes comparativos.

Sabe-se que a produção da linguagem é uma atividade adquirida pela experiência (ACHESON *et al.*, 2011) e demanda a ativação de conhecimentos sobre as experiências de vida e as experiências comunicativas (BRANDÃO, 2006). Nesse sentido, pudemos perceber que as diferenças entre os anos de ensino formal, os hábitos de leitura e a profissão dos participantes diagnosticados com DA podem ter impacto na atividade de produção de narrativa com apoio visual de sequência de figuras.

3.6 DISCUSSAO GERAL

Ao término deste estudo, apresentamos, neste subcapítulo, a discussão geral sobre os dados aqui encontrados, explorando o que é característico da referenciação

nos gêneros relato de notícia e narração a partir do apoio visual de sequência de figuras, bem como o que é característico de cada uma das populações analisadas.

Inicialmente, quanto ao processo de referenciação no relato de notícia percebemos que esse gênero permite a realização de um texto curto, com pouca progressão referencial e continuidade tópica, uma vez que obedece à relevância dos fatos e detalhes (onde, como e por quê, por exemplo) podem ser omitidos, como proposto por Van Dijk (2011). Destacamos, nesse ponto, que essa característica do gênero relato de notícia pode representar uma limitação ao estudo, tendo em vista que o participante produz textos muito curtos e com poucos elementos referenciais para a análise. A sequência de imagens, por outro lado, proporciona a produção de um texto com maior progressão referencial e, portanto, com mais elementos do processo de referenciação, devido ao fato de que as imagens deixam explícita a sequência de informações a ser seguida, fornecendo pistas para a construção do texto (BRANDÃO; PARENTE; CASA-NOVA, 2010; SKA; DUONG, 2005; SAMARA, 2005).

Tais pistas não estão presentes no relato de notícia, havendo a necessidade de maior clareza e especificação nas informações, em especial sobre a localização onde ocorreu o fato narrado. Por isso, nos relatos de notícia, os dêiticos espaciais tendem a causar prejuízo na transmissão da informação, quando não há o conhecimento compartilhado entre os locutores e o locutor não o especifica. Já a narrativa a partir de sequência de figuras proporciona o maior uso de dêiticos demonstrativos, os quais não comprometem o sentido do enunciado, haja vista que são usados para apontar à imagem cuja cena está sendo narrada.

Os relatos de notícia permitem ainda a utilização de elipses e de pronomes como sujeito indeterminado, podendo este ser inferível pelo contexto ou ainda

permanecer indeterminado, quando não se sabe quem cometeu o ato narrado ou não se quer divulgar, como já mencionado.

Por fim, outra diferença entre o relato de notícia e a narrativa a partir de imagens foi a presença de comentários avaliativos no primeira, o que pode ser considerado uma característica do gênero, em especial quando na modalidade oral, em que os personagens emitem sua opinião sobre o fato narrado.

Com isso vemos que o gênero textual – relato de notícia ou narração de história a partir de sequência de figuras – tem papel importante no processo de referenciação, uma vez que permite a utilização de distintos mecanismos referenciais para o estabelecimento da coesão e da coerência do texto, como propuseram March, Wales e Pattison (2009). Esses achados aqui encontrados sobre as diferenças na referenciação entre o relato de notícia e a narrativa a partir de sequência de imagens validam a tese de que distintas modalidades de textos selecionam estratégias diferenciadas para promover a progressão referencial (MARCUSCHI, 1999), utilizando diferentes elementos coesivos, isto é, elementos de superfície, para se chegar ao sentido global (KOCH; TRAVAGLIA, 2005).

Ainda como característica do texto oral, seja relato de notícia seja narrativa a partir de sequência de imagens, percebemos que os personagens, em especial o personagem principal, tendem a ser retomados por pronomes ou elipses, corroborando os achados de Arnold, Bennetto e Diehl (2009) e de Almor *et al.* (2007), de que a elipse e o pronome são mais utilizados quando o referente em questão é a entidade saliente no momento.

Além disso, em ambas as narrativas, as anáforas predicativas aparecem para caracterizar os personagens: nas narrativas a partir de imagens, destacam o estado do personagem na situação inicial e final, bem como a mudança nele ocorrida entre essas etapas da trama, indo ao encontro da tese de Adam (2011; 1987) de que uma

narrativa deve apresentar predicados qualitativos (ser) ou funcionais (fazer) definindo o ator em um tempo progressivo; e nos relatos de notícia conferem características aos envolvidos na história as quase evidenciam por que agiram de tal maneira ou por que tal fato ocorreu, imprimindo o valor argumentativo pretendido pelo locutor.

Em relação às características do processo de referenciação que podem diferenciar idosos de alta escolaridade dos de baixa escolaridade, apontamos, nos relatos de notícia, a maior dificuldade de idosos do GBE no emprego de expressões dêiticas espaciais, expressões nominais ambíguas e/ou sem referentes, palavras e expressões com sentido vago, além da inserção de comentários avaliativos no interior da narrativa. Esses procedimentos adotados por GBE, e evidenciados na análise qualitativa sobre o uso das referências, acabaram comprometendo o enunciado, dificultando o entendimento por parte do interlocutor.

Quanto às narrativas a partir de sequência de imagens, como itens do processo de referenciação que podem diferenciar idosos de alta escolaridade dos de baixa, apontamos o fato de que GAE produziu textos com maior progressão referencial e tópica, com mais retomadas e cadeias referenciais, além de maior substituição vocabular e inclusão de detalhes da história, tais como características dos personagens e a mudança de estado ocorrida entre a situação inicial e final. GAE ainda fez menor uso de palavras com sentido vago que não pudessem ter seu sentido recuperado pelo contexto, o que foi evidenciado na análise qualitativa acima apresentada.

Por fim, cabe destacar que um participante do GBE apenas descreveu isoladamente as cenas apresentadas nas imagens, não percebendo a história como um todo e, portanto, não apresentando o conflito da trama, o que não aconteceu no GAE.

Esse participante demonstra prejudicada sua capacidade de percepção do contexto narrativo, não sabendo produzir uma estrutura adequada ao gênero em questão.

No geral, GAE apresentou desempenho mais adequado na referenciação tanto do relato de notícia quanto da narrativa a partir de sequência de imagens, na comparação com GBE. Esses resultados apontam para a importância da escolaridade na preservação de habilidades discursivas no envelhecimento, auxiliando na construção de um esquema global sobre o assunto (DUONG; TARDIF; SKA, 2003). Outro fator a destacar é que a produção do discurso é uma atividade complexa, que demanda de conhecimento semânticos e episódicos (VAN DIJK, 2011; KINTSCH; VAN DIJK, 1978), ativa os conhecimentos sobre as experiências de vida, bem como sobre experiências comunicativas (ACHESON *et al.*, 2011; BRANDÃO, 2006), aspectos estes que tendem a se relacionarem proporcionalmente aos anos de ensino formal.

Quanto às características da produção do discurso dos participantes diagnosticados com DA, destacamos a preservada capacidade, em ambas as narrativas, de empregar elipses, além da ausência de pronomes ambíguos e/ou sem referentes. Chamamos a atenção para o fato de que essas produções foram curtas (menores do que as dos idosos saudáveis), acarretando poucas retomadas, o que pode ter influenciado esses resultados.

Como características que podem auxiliar no diagnóstico diferencial entre idosos com DA e idosos saudáveis, destacamos, em ambas as narrativas, a pouca progressão referencial e tópica (mesmo esta sendo uma característica do relato de notícia, ela foi menor nos DA do que no grupo controle).

Nos relatos de notícia, observamos ainda a dificuldade de idosos com DA no emprego de dêiticos espaciais, o que também ocorre nos textos de GBE, porém em menor número. Parece que idosos com DA têm dificuldade em apresentar uma

informação precisa sobre o local onde ocorreu o fato narrado, usando um dêitico espacial que não tem seu sentido preenchido na situação comunicativa.

Outra característica dos idosos com DA em relação ao relato de notícia, talvez a mais importante, foi a dificuldade apresentada para narrar um fato recente, sendo que dois participantes não realizaram essa tarefa, o que aponta para a dificuldade desses idosos em evocar a lembrança da notícia ouvida (ou lida) e organizá-la em um contexto espacial e temporal, possivelmente devido a déficits nas memórias semântica e episódica, bem como em sua dificuldade de orientação, como já mencionado.

Também a narrativa com apoio visual de sequência de imagens parece ser um instrumento adequado para a diferenciação de idosos saudáveis e idosos com DA, uma vez que nestes os idosos diagnosticados com DA apresentam a tendência de descrever as cenas isoladamente, não sendo capazes de ver a trama explicitada através das imagens como um todo e realizar um plano global da narrativa. Aqui novamente destacamos a dificuldade de idosos diagnosticados com DA em criarem um contexto temporal e espacial, característico da narrativa e deficiente nessa patologia. Por outro lado, destacamos a preservada habilidade no emprego de dêiticos demonstrativos, mesmo estando eles em maior número do que nas narrativas de GBE.

Como mencionado no início deste trabalho, a extensa maioria dos estudos revisados sobre a produção do discurso na DA realiza uma análise quantitativa sobre as referências presentes nos textos desses idosos. Seus resultados, em geral, apontam para a tendência de discurso vazio, o qual se caracteriza pelo maior número de pronomes e pronomes sem referentes, de elipses, de dêiticos e de palavras com sentido vago. Contudo, os resultados aqui apresentados evidenciam a importância da análise qualitativa sobre o uso das referências na produção narrativa, seja de idosos saudáveis, seja de idosos com DA.

Constatamos que os relatos de notícia permitem a apresentação de um personagem por meio de pronome (ou elipse) sem referente (quando não se conhece o autor do fato narrado ou não se quer divulgar a fonte da informação), como já mencionado. Esse pronome não compromete o sentido do texto, de modo que não poderia ser classificado como um erro de referenciação. Também observamos que a sequência de figuras propicia o uso de dêiticos, estando estes em maior número nesses textos do que nos relatos de notícia. Entretanto, apenas nos relatos de notícia esse tipo de referência causou problemas para a compreensão da história, quando o locutor (no caso deste estudo, idosos sadios de baixa escolaridade e idosos com DA) não dá “pistas” para que seu interlocutor possa preencher o sentido da expressão dêitica.

Além disso, a análise apenas quantitativa sobre palavras com sentido vago também parece insuficiente, como mostram os resultados deste estudo. Nessa modalidade de análise, palavras como *coisa*, *coisinha* e *algo* são contabilizadas como vagas, mas nas narrativas produzidas pelos participantes deste estudo (idosos de alta e de baixa escolaridade) elas tiveram seu sentido preenchido pelo contexto, sendo possível compreender a mensagem transmitida (que o menino estaria dando algo ao cão para atraí-lo), o que fica evidente na análise qualitativa. Em contrapartida, expressões como *uma atividade lá da Copa*, *em outra cidade* e *em uma cidade aí* não seriam, em uma análise quantitativa, classificadas como expressões com sentido vago, pois elas têm referentes extralinguísticos. Nos textos em que aparecem (de idosos sadios de baixa escolaridade e de idosos com DA), porém, essas expressões não trouxeram nenhuma informação significativa, sendo inadequadas para transmitir o sentido pretendido pelo locutor e comprometendo a compreensão por parte do interlocutor.

Esses dados, portanto, comprovam a necessidade de uma análise qualitativa sobre o uso da linguagem, em especial de idosos com DA e idosos sadios de baixa escolaridade, a qual pode demonstrar os déficits por eles apresentados, bem como as características que ainda se mantêm preservadas, considerando-se o gênero discursivo em uso.

Para finalizar, trazemos aqui os resultados referentes ao último participante diagnosticado com DA – DA3 – aquele que apresentou desempenho semelhante ao GBE na narrativa a partir de imagens. Por meio de seus resultados, comparados com os dos demais participantes diagnosticados com DA e com os participantes do GBE, pudemos verificar o papel fundamental da escolaridade e dos hábitos de leitura nesse bom desempenho, haja vista que DA3 apresenta nível de ensino formal e de hábitos de leitura semelhantes aos de GBE e superiores aos dos demais participantes com DA. Esse maior engajamento em atividades cognitivas por parte de DA3 pode ter contribuído para o aumento da reserva cognitiva desse participante (REUTER-LORENZ; PARK, 2014; STERN, 2012; PARK; REUTER-LORENS, 2009; CHAVES *et al.*, 2009; RICHARD, 2005), fazendo com que ele conseguisse lidar melhor com o declínio cognitivo característico da doença, na comparação com os demais participantes diagnosticados com a DA. Além disso, a escolaridade e, em especial, os hábitos de leitura na vida adulta podem ter sido responsáveis pelo fato de DA3 conhecer a estrutura narrativa e ser capaz de usar as pistas das imagens para a elaboração de um plano global coerente, ou seja, o macroplanejamento, bem como fazer escolhas referenciais apropriadas para a transmissão da mensagens, isto é, o microplanejamento (JUNCO-RABADAN; PEREIRO; RODRIGUEZ, 2005; VAN DIJK, 1998). Essa habilidade de planejamento do discurso, conforme Van Dijk (2011), demanda a ativação na memória de longo prazo de modelos situacionais

relevantes, os quais, teoricamente, tendem a aparecer em maior número em função do maior nível de escolaridade e do hábito de leitura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como objetivo investigar a referenciação na produção narrativa oral de idosos sadios de alta e de baixa escolaridade e de idosos diagnosticados com DA, bem como verificar a influência do tipo de tarefa nesse processo. Para tanto, analisamos a produção de relato livre de notícia e narrativa a partir de apoio visual de sequência de imagens. Buscamos com isso não apenas uma análise quantitativa das referências presentes nos textos, mas uma análise qualitativa sobre o uso dessas referências.

Os resultados encontrados indicam que somente uma análise quantitativa sobre o número de referências pode não apresentar a realidade sobre a coesão e coerência dos textos produzidos por idosos sadios ou diagnosticados com DA, haja vista que em muitas das variáveis linguísticas aqui analisadas não houve diferença significativa quanto ao seu número de ocorrência dentro dos textos, mas houve diferença em relação ao seu emprego. Faz-se, portanto, necessária também a análise qualitativa desses dados.

Vimos ainda diferenças na referenciação relacionadas ao gênero textual relato de notícia e narrativa a partir de imagens, sendo que o primeiro tende a ser mais conciso, apresentando menor progressão referencial e temática do que o segundo. Ainda o emprego de dêiticos demonstrou-se distinto em ambas as narrativas. O relato de notícia exige explicações mais precisas sobre a localização dos fatos, de modo que dêiticos espaciais empregados inadequadamente podem comprometer o sentido do enunciado; já as narrativas a partir de imagens proporcionam o maior uso de dêiticos demonstrativos, indicando as imagens cujas cenas são narradas. Outra característica do relato de notícia aqui observada foi a apresentação de personagens da história por

meio de elipses e pronomes (até mesmo sem referente explícito), como sujeito indeterminado, o que não ocorre na narrativa a partir de imagens.

Na comparação entre idosos sadios de alta e de baixa escolaridade, pudemos verificar o desempenho inferior dos idosos com menor ensino formal no uso de expressões nominais ambíguas ou sem referente explícito e de dêiticos espaciais no relato de notícia. Já nas narrativas a partir de imagens, verificamos o melhor desempenho de idosos com maior nível de escolaridade na progressão referencial e temática, apresentando textos com mais detalhes e informações.

Quanto aos participantes diagnosticados com DA, observamos o desempenho inferior ao de idosos sadios em ambas as narrativas, sendo que ambos os estímulos utilizados para a produção narrativa demonstraram-se bons instrumentos para o auxílio na diferenciação de idosos sadios e idosos com DA. No relato de notícia, os idosos diagnosticados com DA apresentaram dificuldades em relatar um fato recente e organizá-lo num contexto narrativo, possivelmente devido a déficits nas memórias semântica e episódica, bem como à sua dificuldade de localização temporal e espacial. Nas narrativas a partir de imagens, foi possível perceber a tendência de idosos com DA em produzirem descrição isolada das cenas, demonstrando sua inabilidade em reconhecer a estrutura narrativa apresentada nas imagens, bem como em criar um contexto em que os fatos sejam organizados cronologicamente, como exige essa sequência textual.

Nesse ponto, destacamos ainda o bom desempenho na produção da narrativa a partir de imagens de um dos participantes diagnosticado com DA. Esse participante apresentou também nível de escolaridade e hábitos de leitura maiores do que os outros idosos com Alzheimer e semelhantes aos dos idosos sadios. Essas características pessoais desse participante apontam para a importância do engajamento cognitivo no auxílio da manutenção de habilidades cognitivas

complexas, como a produção do discurso, no envelhecimento comprometido. Contudo, esses hábitos não foram suficientes para auxiliar na produção de relato de notícia, no qual esse idoso com DA não teve pista em que pudesse se apoiar para a elaboração da estrutura narrativa.

Diante dos resultados encontrados neste estudo, concluímos que a análise da referenciação parece distinguir grupos clínicos, no caso idosos com DA, de grupo saudável, bem como distinguir grupos de escolaridades variadas.

Apontamos, como limitação deste estudo, o reduzido número de participantes diagnosticados com DA, sendo que uma amostra maior poderia nos indicar outros aspectos da referenciação que aqui não foram percebidos. Além desta, outra limitação nesta pesquisa foi a realização de coleta de dados em locais distintos (hospital e residência), o que pode ter ocasionado alterações na produção das narrativas dos idosos.

Como trabalho futuro, seria interessante cruzar os dados aqui encontrados com medidas cognitivas dos participantes, tais como memória episódica, memória de trabalho e funções executivas, além de hábitos de leitura e de escrita, bem como compará-los ao desempenho de idosos diagnosticados com CCL (comprometimento cognitivo leve). Também a análise de uma produção discursiva em que houvesse participação ativa dos dois interlocutores, numa situação dialógica, poderia mostrar outros pontos do processo de referenciação. Além disso, apontamos para a necessidade de análise sobre o uso de dêiticos por idosos sadios e idosos diagnosticados com DA sem que o conteúdo das imagens esteja disponível para o examinador, a fim de verificar se os resultados aqui encontrados sofreriam alterações.

Outro aspecto interessante a ser analisado futuramente seria a produção de sequências argumentativas, tendo em vista que nos relatos de notícia aqui estudados

muitos idosos realizaram comentários argumentativos, nos quais pudemos perceber o alto índice de palavras e expressões com sentido vago. Este parece ser um texto mais espontâneo, em que os idosos avaliavam um fato e mostravam seus sentimentos em relação a ele, de modo que seria interessante também verificar a influência do caráter emocional no processo de referenciação nesses textos.

Por fim, esperamos com este estudo trazer dados relevantes sobre a produção do discurso, em especial da referenciação em narrativas orais de idosos sadios de alta e de baixa escolaridade e de idosos com Alzheimer da população brasileira, os quais auxiliem na compreensão das habilidades linguísticas do envelhecimento sadio e patológico. Esperamos ainda que esses resultados possam auxiliar os familiares e cuidadores a entenderem o discurso de seus idosos, pois, identificando as características desse discurso (o que se mantém e o que deteriora), poderão adotar estratégias adequadas para a manutenção do diálogo, seja repetindo o tema, explicando termos e referentes utilizados ou fornecendo pistas explícitas, possibilitando a eles uma melhor interação social.

REFERÊNCIAS

ACHESON, D. J.; HAMIDI, M. ; BINDER, J. R. ; POSTLE, B. R. A common neural substrate for language production and verbal working memory. **Journal of Cognitive Neuroscience**. 23:6, p.1358-1367, 2011.

ADAM, J. M. **A linguística textual: introdução à análise textual dos discursos**. São Paulo: Cortez, 2 ed., 2011.

ADAM, J. M. Types de Séquences Textuelles Élémentaires. In: **Pratiques**. n. 56, dec. 1987. Traduzido por Alexânia Ripoll *et all*, em 1992.

AHMED, S.; HAIGH, A. M. F.; JAGER, C. A.; GARRAD, P. Connected speech as a marker of disease progression in autopsy-proven Alzheimer's disease. **Brain: a journal of neurology**. 136: 3727-3737, 2013.

ALMOR, A.; SMITH, D. V.; BONILHA, L.; FRIDRIKSSON, J.; RORDEN, C. What is in a name? Spatial brain circuits are used to track discourse references? **Neuroreport**. 6,18(12): 1215-9, 2007.

ALMOR, A.; KEMPLER, D.; MACDONALD, M. C.; ANDERSEN, E. S.; TYLER, L. K. Why Do Alzheimer Patients Have Difficulty with Pronouns? Working Memory, Semantics, and Reference in Comprehension and Production in Alzheimer's Disease. **Brain and Language**. 67, 202–227, 1999.

ALVES, D. C.; SOUZA, L. A. P. Performance de moradores da grande São Paulo na descrição da Prancha do Roubo do Biscoito. **Revista Cefac**. 7:13-20, 2005.

ANDRADE, V. M.; BUENO, O. F. A. A influência dos fatores socioculturais no neurodesenvolvimento. In: MELLO, C. B.; MIRANDA, M. C.; MUSZKAT, M. **Neuropsicologia do desenvolvimento: conceitos e abordagens**. São Paulo: Memnon, p. 144-161, 2005.

ANTUNES, I. **Lutar com as palavras: coesão e coerência**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

APA – AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-IV**. 4. Ed. Porto Alegre: Artmed, 1995.

APOTHÉLOZ, D. Papel e funcionamento da anáfora na dinâmica textual. In.: CAVALCANTE, M. M.; RODRIGUES, B. B.; CIULIA, A. (Org.). **Clássicos da Linguística: Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003.

ARDILA, A.; OSTROSKY-SOLIS, F.; ROSSELLI, M.; GOMEZ, C. Age-related cognitive decline during normal aging: the complex effect of education. **Archives at clinical neuropsychology**. v. 15, n. 6, p. 495-513, 2000.

ARNOLD, J. E.; BENNETTO, L.; DIEHL, J. J. Reference production in young speakers with and without autism: Effects of discourse status and processing constraints. **Cognition**. 110, 131–146, 2009.

ARTUZO, G. K.; PANHOCA, I. Análise da narratividade de pessoas com doença de Alzheimer: os “plot points” e o efeito deles sobre o discurso narrativo. **Anais do XIV Encontro de Iniciação Científica da PUC-Campinas**. Campinas, 2009.

ASH, S.; MOORE, P.; VESELY, L.; GROSSMAN, M. The decline of narrative discourse in Alzheimer’s disease. **Brain and Language**. 103, 181-182, 2007.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EMPRESAS DE PESQUISA. **Critério de classificação econômica Brasil**. 2008.

BADDELEY, A. O que é memória? In.: BADDELEY, A.; ANDERSON, M. C.; EYSENCK, M. W. **Memória**. Porto Alegre: Artmed, 2011a.

BADDELEY, A. A memória e o envelhecimento. In.: BADDELEY, A.; ANDERSON, M. C.; EYSENCK, M. W. **Memória**. Porto Alegre: Artmed, 2011b.

BASTOS, A. **O discurso narrativo na doença de Alzhiemer**. Dissertação de mestrado em Ciências Médicas – Faculdade de Ciências Médicas, Unicamp, 2000.

BRANDÃO, L. **Perfil discursivo e interativo de pessoas com Doença de Alzheimer**. Tese de doutorado em Psicologia do Desenvolvimento – Faculdade de Psicologia, UFRGS, 2005.

BRANDÃO, L. Produção da linguagem e envelhecimento. In.: PIMENTA PARENTE, M. A. M. e cols. **Cognição e Envelhecimento**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

BRANDÃO, L.; CASTELLÓ, F. G.; VAN DIJK, T. A.; PARENTE, M. A. P.; PEÑA-CASANOVA, J. Cognition and discourse production in Alzheimer's disease: using informative prompts. **Psychology & Neuroscience**. 2, 2, 147 – 155, 2009.

BRANDÃO, L.; PARENTE, M. A. M. P. Doença de Alzheimer e a aplicação de diferentes tarefas discursivas. **Psicologia: Reflexão e Crítica**. 24(1), 161-169, 2011.

BRANDÃO, L.; PARENTE, M. A. M. P.; PEÑA-CASANOVA, J. Estratégias comunicativas de pessoas com Doença de Alzheimer. **Psicologia: Reflexão e Crítica**. 23(2), 308-316, 2010.

BURKE, D. M.; SHAFTO, M. A. Aging and language production. **Current Directions Psychological Science**. 2014.

CAIXETA, L. Evolução do conceito de Doença de Alzheimer. In.: CAIXETA, L., *et al.* **Doença de Alzheimer**. Porto Alegre: Artmed, 2012a.

CAIXETA, L. Como diagnosticar a Doença de Alzheimer. In.: CAIXETA, L., *et al.* **Doença de Alzheimer**. Porto Alegre: Artmed, 2012b.

CAIXETA, L.; CAIXETA, V. M.; CAIXETA, M. História natural da Doença de Alzheimer. In.: CAIXETA, L., *et al.* **Doença de Alzheimer**. Porto Alegre: Artmed, 2012.

CAIXETA, L.; PELEJA, A. A. C.; BARROS, N. M. Novos critérios diagnósticos e marcadores biológicos da Doença de Alzheimer. In.: CAIXETA, L., *et al.* **Doença de Alzheimer**. Porto Alegre: Artmed, 2012.

CAMPANHA, A. C.; LIRA, J. O.; ORTIZ, K. Z.; BERTOLLUCCI, P. H. F.; MINETT, T. **Uso de tarefas metalinguísticas para avaliação da linguagem e cognição em portadores da Doença de Alzheimer e idosos saudáveis**. 16º Congresso Brasileiro de Fonoaudiologia – Fono 2008. Disponível em <<http://www.sbfa.org.br/portal/anais2008/resumos/R0962-1.pdf>> Data de acesso: 14/10/2012.

CARDEBAT, D.; DEMONET, J. F.; DOYON, B. Narrative discourse in dementia. In.: BROWNELL, H. H. H.; JOANETTE, Y. (eds) **Narrative discourse in neurologically impaired and normal aging adults**. San Diego: Singular, 317-322, 1993.

CARLOMAGNO, S.; SANTORO, A.; MENDITTI, A.; PANDOLFI, M.; MARINI, A. Referential communication in Alzheimer's Type Dementia. **Cortex**. 41, p. 520-534, 2005.

CARVALHO, V. A.; CARAMELLI, P. Brazilian adaptation of the Addenbrooke's cognitive examination – revised (ACE-R). **Dementia & Neuropsychologia** v.1, n.2, p. 212-216, 2007.

CAVALCANTE, M. M. Anáfora e dêixis: quando as retas se encontram. In.: KOCH, I. G. V; MORATO, E. M; BENTES, A. C. (Orgs.) **Referenciação e discurso**. São Paulo: Contexto, 2005.

CHAVES, M. L.; COMAZZATO, A. L.; GODINHO, C.; PIAZENSKI, I.; KAYE, J. Incidence of mild cognitive impairment and Alzheimer disease in southern Brazil. **Journal of Geriatric Psychiatry and Neurology**. 22:181, 2009.

CHAVES, M. L.; IZQUIERDO, I. Differential diagnosis between dementia and depression: a study of efficiency increment. **Acta Neurologica Scandinava**. 85(6):378-82, 1992.

CREAMER, S.; SCHMITTER-EDGEcombe, M. Narrative comprehension in Alzheimer's Disease: assessing inferences and memory operations with a think-aloud procedure. **Neuropsychology**. v.24, n.3, 279-290, 2010.

DE PAULA, V. J. R.; FORLENZA, O. V. Neurobiologia da doença de Alzheimer e outras demências. In.: CAIXETA, L., *et al.* **Doença de Alzheimer**. Porto Alegre: Artmed, 2012.

DIJKSTRA, K.; BOURGEOIS, M. S.; ALLEN, R. S.; BURGIO, L. D. Conversational coherence: discourse analysis of older adults with and without dementia. **Journal of Neurolinguistics**. 17 (2004) 263-283.

DUONG, A.; GIROUX, F.; TARDIF, A.; SKA, B. The heterogeneity of picture-supported narratives in Alzheimer's disease. **Brain and Language**. 93, 173-184, 2005.

DUONG, A.; TARDIF, A.; SKA, B. Discourse about discourse: What is it and how does it progress in Alzheimer's disease? **Brain and Cognition**. 53, 177-180, 2003.

DUONG, A.; SKA, B. Production of narratives: picture sequence facilitates organizational but not conceptual processing in less educated subjects. **Brain and cognition**. 46(1-2): 121-4, 2001.

EHRlich, J. S.; OBLER, L. K.; CLARCK, L. Ideational and semantic contributions to narrative production in adults with dementia of the Alzheimer's type. **Journal of Communication Disorders**. 30, p. 79-99, 1977.

FÁVERO, L. L.; KOCH, I. G. V. **Linguística textual**: introdução. São Paulo: Cortez, 7 ed., 2005.

FIORIN, J. L. Da necessidade da distinção entre texto e discurso. In: BRAIT, B.; SOUZA-E-SILVA, M. C. **Texto ou discurso?** São Paulo: Contexto, 2012.

FOLSTEIN, M. F.; FOLSTEIN, S. E.; McHUGH, P. R. Mini-mental state: a practical method for grading the cognitive state of patients for the clinician. **Journal of Psychiatry**. 12(3):189-98, 1975.

FONTEL, E. Uma análise das estratégias de referenciação em narrativas orais. **Revista Anpoll**. n.17, p.119-145, 2004.

FORBES, K. E.; VENNERI, A.; SHANKS, M. F. Distinct patterns of spontaneous speech deterioration: an early predictor of Alzheimer's disease. **Brain and Cognition**. 48: 356-61, 2002.

GAYRAUD, F.; LEE, H. R.; BARKAT-DEFRADAS, M. Syntactic and lexical context of pauses and hesitations in the discourse of Alzheimer patients and healthy elderly subjects. **Clinical Linguistics & Phonemics**. 25(3): 198-209, 2011.

HOFFMANN, I.; NEMETH, D.; DYE, C. D.; SKI, M. P.; IRINYI, T.; KALMAN, J. Temporal parameters of spontaneous speech in Alzheimer's disease. **International Journal of Speech-Language Pathology**. 12(1), 29-34, 2010.

ILARI, R. Alguns problemas no estudo da anáfora textual. In.: KOCH, I. G. V; MORATO, E. M; BENTES, A. C. (Orgs.) **Referenciação e discurso**. São Paulo: Contexto, 2005.

IZQUIERDO, I. **Memória**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

JUNCOS-RABADAN, O.; PEREIRO, A.; RODRÍGUEZ, M. S. Narrative speech in aging: quantity, information content and cohesion. **Brain and Language**. 95, 423-434, 2005.

KAVÉ, G.; LEVY, Y. Morphology in picture descriptions provided by persons with Alzheimer's Disease. **Journal of Speech, Language and Hearing Research**. v. 46, 341-352, 2003.

KING, J. R. A critical review of proposition analysis in Alzheimer's research and elsewhere. **Linguistics and Education**. 23, 388- 401, 2012.

KINTSCH, W.; VAN DIJK, T. A. Toward a model of text comprehension and production. **Psychological Review**. 85 (5), 1978.

KLEIMAN, A. **Texto e Leitor**. Campinas: Fontes, 1989.

KOCH, I. G. V. **Introdução à Linguística Textual**. 3ª ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

KOCH, I. G. V. **A coerência textual**. 18ª ed. São Paulo: Contexto, 2012a.

KOCH, I. G. V. **A Coesão Textual**. São Paulo: Contexto, 22 ed., 2012b.

KOCH, I. G. V. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez, 7 ed., 2011.

KOCH, I. G. V. **Introdução à Linguística Textual**. São Paulo: Martins Fontes, 2 ed., 2009.

KOCH, I. G. V. Referenciação e orientação argumentativa. In.: KOCH, I. G. V; MORATO, E. M; BENTES, A. C. (Orgs.) **Referenciação e discurso**. São Paulo: Contexto, 2005.

KOCH, I. G. V.; ELIAS, V. M. **Ler e compreender: os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 3ª Ed., 2012.

KOCH, I. G. V.; ELIAS, V. M. **Ler e escrever: estratégias de produção textual**. São Paulo: Contexto, 2ª Ed., 2010.

KOCH, I. G. V.; MARCUSCHI, L. A. Processos de referenciação na produção discursiva. **DELTA**. 14 (número especial), 1998.

KOCH, I. G. V.; TRAVAGLIA, L. C. **Texto e coerência**. 10ª ed. São Paulo: Cortez, 2005.

KRISTENSEN, C. H. Funções executivas e envelhecimento. In.: PARENTE, M. A. M. P. e cols. **Cognição e Envelhecimento**. Porto Alegre: Artmed. 2006.

LAI, Y.; LIN, Y. Discourse markers produced by Chinese-speaking seniors with and without Alzheimer's disease. **Journal of Pragmatics**. 44, 1982-2003, 2012.

LE BOEUF, C. **Raconte: 55 hisoiettes en images**. Paris: L'Ecole, 1976.

LIRA, J. O. **Análise dos aspectos macrolinguísticos e desenvolvimento de um índice de avaliação do discurso oral em pacientes com doença de Alzheimer**. Tese de doutorado – Programa de Pós-Graduação em Distúrbios da Comunicação Humana, UNIFESP, 2014.

LIRA, J. O.; MINETT, T. S. C.; BERTOLUCCI, P. H. F.; ORTIZ, K. Z. Analysis of word number and content in discourse of patients with mild to moderate Alzheimer's disease. **Dementia & Neuropsychologia**. 8(3), 260-265, 2014.

LIRA, J. O.; ORTIZ, K. Z.; CAMPANHA, A. C.; BERTOLUCCI, P. H. F.; MINETT, T. S. C. Microlinguistic aspects of the oral narrative in patients with Alzheimer's disease. **International Psychogeriatrics**. 23:3, 404-412, 2011.

MACKENZIE, C. Adult spoken discourse: the influences of age and education. **International Journal of Language & Communication Disorders**. 35:269-85, 2002.

MANSUR, L. L.; CARTHERY, M. T.; CARAMELLI, P.; NITRINI, R. Linguagem e cognição na doença de Alzheimer. **Psicologia Reflexão e Crítica**. 18(3), p. 300-7, 2005.

MARCH, E. G; WALES, R.; PATTISON, P. The role of cognition in context-dependent language use: Evidence from Alzheimer's disease. **Journal of Neurolinguistics**. 22, 18-36, 2009.

MARCH, E. G; WALES, R.; PATTISON, P. The uses of nouns and deixis in discourse production in Alzheimer's disease. **Journal of Neurolinguistics**. 19, 311-340, 2006.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARCUSCHI, L. A. Anáfora indireta: o barco textual e suas âncoras. In.: KOCH, I. G. V; MORATO, E. M; BENTES, A. C. (Orgs.) **Referenciação e discurso**. São Paulo: Contexto, 2005.

MARCUSCHI, L. A. **O papel da Linguística no ensino das línguas**. 2000. Disponível em: http://relin.lettras.ufmg.br/shlee/Marcuschi_2000.pdf Acesso em: 01 out. 2014.

MARCUSCHI, L. A. Cognição e produção textual: processos de referenciação. **II Congresso nacional da Abralin**. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis: Mimeo, 1999.

MARQUES, J. M. A.; ZUARDI, A. W. **Validity and applicability of the Mini International Neuropsychiatric Interview administered by family medicine residents in primary health care in Brazil**. *General Hospital Psychiatry*. v.30, p. 303-310, 2008.

MARQUESI, S. C. **Referenciação e intencionalidade**: considerações sobre escrita e leitura. Coleção Mestrado em Linguística. v. 2., 2000.

McKEE, R. As empresas precisam contar histórias. In.: **Pequenas empresas, grandes negócios**. São Paulo: Ed. Globo. p. 56-60, 2014.

MEGURO, K.; SHIMADA, M.; YAMAGUCHI, S. Cognitive function and frontal lobe atrophy in normal elderly adults: implications for dementia not as aging related disorders and the reserve hypothesis. **Psychiatry and clinical neurosciences**. 55: 565-72, 2001.

MIRANDA, C. S. **Discurso narrativo oral e escrito na fase inicial da doença de Alzheimer**. Tese de doutorado – Programa de Pós-Graduação em Fonoaudiologia, UNIFESP, 2010.

MOHAMED, E. H.; CLÉMENT, S.; FASOTTI, L.; ALLAIN, P. Effects of music on autobiographical verbal narration in Alzheimer's disease. **Journal of Neurolinguistics**. 26, 691–700, 2013.

MONTAÑO, M. B. M. M.; RAMOS, L. R. Validade da versão em português da Clinical Dementia Rating. **Revista Saúde Pública**. 39(6): 912-7, 2005.

MORAES, E. N.; MORAES, F. L.; LIMA, S. P. P. Características biológicas e psicológicas do envelhecimento. **Revista Médica de Minas Gerais**. 20(1): 67-73, 2010.

MORROW, D. G., LEIRER, V. O., ALTIERI, P. A. Aging, expertise, and narrative processing. **Psychology and Aging**. v. 7, n. 3, p. 376-388, 1992.

MORTENSEN, L. Transitivity analysis of discourse in dementia of the Alzheimer's type. **Journal Neurolinguistics**. v. 7, n. 4, p. 309-321, 1992.

MURRAY, L.L. Distinguishing clinical depression from early Alzheimer's disease in elderly people: Can narrative analysis help? **Aphasiology**. 24(6-8), p. 928-939, 2010.

NITRINI, R.; CARAMELLI, P.; PORTO, C. S.; CHARCHAT-FICHMAN, H.; FORMIGONI, A. P.; CARTHERY-GOULART, M. T.; OTERO, C.; PRANDINI, J.C. Brief cognitive battery in the diagnosis of mild Alzheimer's disease in subjects with medium and high levels of education. **Dementia & Neuropsychologia**. p.32-36, 2007.

OBLER, L. K.; AU, R.; KUGLER, J.; MELVOD, J. Intersubject variability in adult normal discourse. In: BLOOM, R. L.; OBLER, L. K.; SANTI, S. D.; EHRLICH, J. S. (eds). **Discourse Analysis and Applications: Studies in Adult Clinical Populations**. USA: Lawrence Erlbaum Associates Publishers, 15-29, 1994.

ORTIZ, K. Z.; BERTOLLUCCI, P. H. F. Alterações de linguagem nas fases iniciais da Doença de Alzheimer. **Arquivos em Neuropsiquiatria**. 63 (2-A); 311-317, 2005.

PARADISE, M.; COOPER, C.; LIVINGSTON, G. Systematic review of the effect of education on survival in Alzheimer disease. **International Psychogeriatrics**. 21:25-32, 2009.

PARENTE, M. A. M. P.; SCHERER, L. C.; ZIMMERMANN, N.; FONSECA, R. P. Evidências do papel da escolaridade na organização cerebral. **Revista Neuropsicologia Latinoamericana**, v. 1, n. 1, p. 72-80, 2009.

PARK, D. C.; REUTER-LORENZ, P. The adaptive brain: Aging and neurocognitive scaffolding. **Annual Review of Psychology**. v.60, p.173–196, 2009.

PERFETTI, C. A.; FRISHKOFF, G. A. The neural bases of text and discourse processing. In.: STEMMER, B.; WHITAKER, H. A. **Handbook of the neuroscience of language**. Elsevier, 2008.

RAMANATHAN, V. Narrative well-formedness in Alzheimer's Disease an interactional examination across settings. **Journal of Pragmatics**. 23, p.395-419, 1995.

REUTER-LORENZ, P.; PARK, D. C. How does it SATC up? Revisiting the Scaffolding Theory of Aging and Cognition. **Neuropsychol Review**. v.24, p.355-370, 2014.

RIBEIRO, A. F.; FREITAS, M. I.; RADANOVIC, M.; MANSUR, L. L. The generation of inferences in normal elderly. **Dementia & Neuropsychologia**. 4(3), 194-201, 2010.

RIBEIRO, A. F.; RADANOVIC, M. Inferencial abilities based on pictorial stimuli in patients with right hemisphere damage. **Dementia & Neuropsychologia**. 8(3), 243-248, 2014.

RICHARD, M. A life course approach to cognitive reserve: a model for cognitive aging and development? **Annals of Neurology**. 58: 617-22, 2005.

RONCARATI, C. **As cadeias do texto: construindo sentidos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

ROUSSEAU, M.; SÈVE, A.; VALLET, M.; PASQUIER, F.; MACKOWIAK-CORDOLIANI, M.A. An analyses of communication in conversation in patients with dementia. **Neuropsychologia**. 48, 3884-3890, 2010.

SAMARA, A. B. **O discurso narrativo na doença de Alzheimer e na demência fronto-temporal**. Tese de doutorado em Ciências Médicas – Faculdade de Ciências Médicas, Unicamp, 2005.

SAYEG, N. **Alzheimer: diagnóstico e tratamento**. São Paulo: Yendis, 2009.

SCHERER, L. C.; FONSECA, R. P.; GIROUX, F.; SENHADJI, N.; MARCOTTE, K.; TOMITCH, L. M. B; BENALI, H.; LESAGE, F.; SKA, B.; JOANETTE, Y. Neurofunctional (re)organization underlying narrative discourse processing in aging: Evidence from fNIRS. **Brain & Language**. v.121, p.174-184, 2012.

SKA, B.; DOUNG, A. Communication, discourse and dementia. **Psychologie & Neuropsychiatrie du Vieillissement**. 3(2):125-33, 2005.

SOARES, C. D.; BRANDÃO, L.; LACERDA, M. C. Linguagem e discurso na Doença de Alzheimer. In.: CAIXETA, L., *et al.* **Doença de Alzheimer**. Porto Alegre: Artmed, 2012.

SOARES, V. L. D.; SOARES, C. D.; CAIXETA, L. Métodos de avaliação neuropsicológica no diagnóstico da Doença de Alzheimer. In.: CAIXETA, L., *et al.* **Doença de Alzheimer**. Porto Alegre: Artmed, 2012.

SOUZA, M. M. F. **A inter-relação entre as sequências textuais e os processos de referenciação anafórica no gênero anúncio**. s/d. Disponível em: <http://linguagem.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/eventos/cd/Port/93.pdf>
Acesso em: 01 out. 2014

SOUZA, R. R. Anatomia do envelhecimento. In: FILHO, E. T. C.; NETTO, M. P. **Geriatría: fundamentos, clínica e terapêutica**. 2ed. São Paulo: Editora Atheneu, p.35-42, 2006.

STERN, Y. Cognitive reserve in ageing and Alzheimer's disease. **The Lancet Neurology**. 11(11):1006-1012, 2012.

STERNBERG, R. J. **Psicologia Cognitiva**. São Paulo: Cengage Learning, 2012.

STUART-HAMILTON, I. **A psicologia do envelhecimento: uma introdução**. 2.ed. Porto Alegre: Artmed, 2002.

TOLEDO, C. M. **Variáveis sociodemográficas na produção do discurso em adultos saudáveis**. Dissertação de mestrado – Faculdade de Medicina, USP, 2011.

TSANTALI, E.; ECONOMIDIS, D.; TSOLAKI, M. Could language deficits really differentiate Mild Cognitive Impairment from mild Alzheimer’s disease? **Archives of Gerontology and Geriatrics**. 57, 263–270, 2013.

VALDIVIESO, H.; LADINO, M. T.; QUIROGA, P. Producción de unidades lingüísticas y no lingüísticas en el habla de pacientes con enfermedad de Alzheimer. **Anales de psiquiatría**. ISSN 0213-0599, Vol. 19, Nº. 8, p. 323-328, 2003.

VAN DIJK, A. T. **Discurso e contexto: uma abordagem sociocognitiva**. São Paulo: Contexto, 2012.

VAN DIJK, A. T. **Cognição, discurso e interação**. São Paulo: Contexto, 7 ed, 2011.

VAN DIJK, A. T. **Texto y Contexto: semántica y pragmatic del discurso**. Madri: Catedra, 1998.

VIEIRA, R. T.; CAIXETA, L. Epidemiologia da Doença de Alzheimer. In.: CAIXETA, L., *et al.* **Doença de Alzheimer**. Porto Alegre: Artmed, 2012.

WALES, R. Jumping to conclusions: “language loss” versus “language impairment”. **Cortex**. v. 42, 6, p. 831-837, 2006.

WARREN, W. H.; NICHOLAS, D. W., TRABASSO, T. Event chains and inferences inunderstanding narratives. In: DELL’ISOLA, R. L. P. **Leitura: inferências e contexto sociocultural**. Belo Horizonte: Formato Editorial; 2001.

ZANTO, T. P.; TOY, B.; GAZZALEY, A. Delays in neural processing during working memory encoding in normal aging. **Neuropsychological**. 48, 13-25, 2010.

ZRAIK, R.; CARR, P. B.; GREGG, B. A.; SMITH-OLINDE, L.; GHORMLEY, C.; HUTTON, T. J. Information units produced by persons with Alzheimer’s disease during a picture description task. **Journal of Medical Speech-Language Pathology**. v. 19, n. 2, p. 37-45, 2011.

YASSUDA, M. S. Memória e envelhecimento saudável. In: FREITAS, E. V.; PY, L., CANÇADO, F. A. X.; DOLL, J; GORZONI, M. L. (eds.). **Tratado de Geriatria e**

Gerontologia. 2 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, p.1245-1251, 2006.

YESAVAGE, J. A.; BRINK, T. L.; TOSE, T. L.; LUM, O.; HUANG, V.; ADEY, M.
Development and validation of a geriatric depression screening scale: a preliminary
report. **Journal of Psychiatry.** 17: 37-49, 1983.

APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Autorização para participar de um projeto de pesquisa

Nome do estudo: Aspectos semânticos e discursivos no envelhecimento sadio, no Declínio Cognitivo Leve e na Doença de Alzheimer relacionados à escolaridade: um estudo longitudinal

Instituição: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) – Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras

Pesquisadora responsável: Prof^a Dr Lilian Cristine Hübner

Telefones para contato: (51) 3320-3676 (secretaria PPGL); (51) 3320-3500 ramal 4606 (gabinete da Prof^a Dr. Lilian Hübner); CEP da PUCRS 3320-3345.

Nome do participante: _____

1. Objetivo e benefícios do estudo

Analisar o desempenho linguístico no nível semântico e discursivo em populações de adultos idosos saudáveis e diagnosticados com provável DA, considerando-se seu nível de escolaridade, por meio de uma bateria de avaliação de linguagem. Os resultados fornecerão subsídios para uma melhor compreensão do funcionamento dos aspectos acima mencionados, bem como o suporte teórico para futuras técnicas de terapia e de reabilitação da linguagem em sujeitos com esse tipo de lesão.

2. Explicação dos procedimentos

O (a) Senhor(a) será convidado(a) a responder a perguntas e a realizar tarefas que fazem parte deste estudo, algumas destas tarefas serão gravadas e/ou filmadas. Esta aplicação será feita em três encontros de no máximo uma hora cada. Sua participação é voluntária. Só responderá a estas avaliações se concordar.

3. Possíveis riscos e desconfortos

O possível desconforto do participante está relacionado ao cansaço ao longo da execução das tarefas.

4. Direito de desistência

O(a) Senhor(a) pode desistir de participar a qualquer momento sem nenhum prejuízo ou consequência.

5. Sigilo

Todas as informações obtidas neste estudo poderão ser publicadas com finalidade científica, preservando-se o completo anonimato dos participantes, os quais serão identificados apenas por um número.

6. Consentimento

Declaro ter lido – ou me foram lidas – as informações acima antes de assinar este formulário. Foi-me dada oportunidade de fazer perguntas, esclarecendo totalmente as minhas dúvidas. Por este documento, tomo parte, voluntariamente, deste estudo.

Porto Alegre, _____ de _____ de 20____.

Assinatura do participante

Assinatura da testemunha

Assinatura do pesquisador responsável

Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) Av. Ipiranga 6690, Prédio 60 – Sala 314 Porto Alegre/RS – Brasil – CEP: 90610-900 Fone/Fax: (51) 3320.3345 Email: cep@puhrs.br Horário de funcionamento: Segunda a sexta- feira, das 08h às 12h e das 13h30 às 17h

APÊNDICE B – Questionário sobre os hábitos de leitura e escrita

PENCE

– PROGRAMA DE ENVELHECIMENTO

Secretaria Municipal de Saúde – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

INSTRUMENTO DE AVALIAÇÃO DE LINGUAGEM

Nome: _____ N°: _____

Data de nascimento: _____ Idade: ____ Sexo: __

Telefone: _____

Escolaridade: _____ Dominância Manual: _____

Profissão: _____ (**Se aposentado, indagar sobre a profissão que
a.)

Data da avaliação: ____/____/____ Examinador:

Língua materna: _____ Outras: _____



HÁBITOS DE LEITURA	Revistas (4) todos os dias (3) alguns dias por semana (2) 1 vez por semana (1) raramente (0) nunca
	Jornais (4) todos os dias (3) alguns dias por semana (2) 1 vez por semana (1) raramente (0) nunca
	Livros (4) todos os dias (3) alguns dias por semana (2) 1 vez por semana (1) raramente (0) nunca
	Outros (4) todos os dias (3) alguns dias por semana (2) 1 vez por semana (1) raramente (0) nunca
	Quais outros: _____ TOTAL: _____/16
HÁBITOS DE ESCRITA	Textos (4) todos os dias (3) alguns dias por semana (2) 1 vez por semana (1) raramente (0) nunca
	Recado (4) todos os dias (3) alguns dias por semana (2) 1 vez por semana (1) raramente (0) nunca
	Outros (4) todos os dias (3) alguns dias por semana (2) 1 vez por semana (1) raramente (0) nunca
	Quais outros: _____ TOTAL: _____/12

APÊNDICE C – Questionário socioeconômico

Nome: _____

Questionário de Condição Social**Quais e quantos dos itens abaixo há em sua casa? (Marque uma resposta para cada item)**

1) Posse de itens na residência em que mora:

	Quantidade de itens				
	0	1	2	3	4 ou +
Televisão em cores					
Rádio					
Banheiro					
Automóvel					
Empregada mensalista					
Máquina de lavar roupas					
Videocassete e/ou DVD					
Geladeira					
Freezer (aparelho independente ou parte da geladeira duplex)					

2) Qual o seu grau de instrução? (Marque apenas um item)

Analfabeto / Primário incompleto	Analfabeto / Até 3a. Série Fundamental	
Primário completo / Ginásial incompleto	Até 4a. Série Fundamental	
Ginásial completo / Colegial incompleto	Fundamental completo	
Colegial completo / Superior incompleto	Médio completo	
Superior completo	Superior completo	

Fonte: ABEP – Associação Brasileira de Empresa e Pesquisa (2008, p.3)

APÊNDICE D - Questionário sobre uso de medicamentos**Questionário de Uso de Medicamentos**

O senhor utiliza MEDICAMENTOS?

() SIM (preencher abaixo os medicamentos em uso)

() NÃO

1) Medicamento (nome do remédio): _____

Para que serve? (motivo do uso) _____

Dose (mg): _____ Quantas vezes ao dia: _____

Tempo de uso do medicamento: _____

2) Medicamento (nome do remédio): _____

Para que serve? (motivo do uso) _____

Dose (mg): _____ Quantas vezes ao dia: _____

Tempo de uso do medicamento: _____

3) Medicamento (nome do remédio): _____

Para que serve? (motivo do uso) _____

Dose (mg): _____ Quantas vezes ao dia: _____

Tempo de uso do medicamento: _____

4) Medicamento (nome do remédio): _____

Para que serve? (motivo do uso) _____

Dose (mg): _____ Quantas vezes ao dia: _____

Tempo de uso do medicamento: _____

5) Medicamento (nome do remédio): _____

Para que serve? (motivo do uso) _____

Dose (mg): _____ Quantas vezes ao dia: _____

Tempo de uso do medicamento: _____

ANEXO A – Tarefa Linguística 2: produção de narrativa com apoio visual de sequência de gravuras

The dog story (Le Boeuf, 1976)

